

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Giji Pichappillil Mathew

Igreja Popular e Memória dos Velhos: Parque São Rafael - São Paulo.

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Giji Pichappillil Mathew

Igreja Popular e Memória dos Velhos: Parque São Rafael - São Paulo.

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Dissertação apresentada à Banca examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Hojaij Gouveia

São Paulo

2015

Giji Pichappillil Mathew

Igreja Popular e Memória dos Velhos: Parque São Rafael - São Paulo.

Dissertação apresentada à Banca examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Hojaij Gouveia

Aprovado em: ____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Dedico esta minha pesquisa, parte de uma longa jornada da vida de descobrimentos, à todas as mulheres que sonham e lutam para construir um novo amanhecer, àquelas que, ao passar pela minha vida, desde a minha concepção, dentro do ventre da minha mãe até hoje, modificando-me, ensinando-me a olhar o mundo com outro olhar: com olhar de Mãe, Irmã, Amiga, Mulher e Deus.

À Congregação dos Missionários do Verbo Divino (SVD), pelo incentivo e apoio financeiro para a realização desta pesquisa. Pelo seu compromisso Social e Antropológico com os povos que vivem nas periferias existenciais da vida pelo mundo à luz da Palavra de Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de vida e amor, que faz a mulher e o homem a sua semelhança e imagem, com a missão de promover a paz e a fraternidade, neste mundo.

À professora Eliane Hojaij Gouveia, que desde o início desta pesquisa acompanhou-me e ajudou a superar as minhas limitações. Obrigado pela sua acolhida, amizade, sabedoria, cobranças e, principalmente, pela paciência em acompanhar-me ao longo do desenredar desta pesquisa. Ao longo dos anos, foi me motivando e inspirando a compreender que a ciência se faz com amor e paixão no chão da vida.

Aos Professores Luiz Eduardo W. Wanderley, Miguel Chaia e, às Professoras Maria Helena Villas Boas Concone, Maura Pardini Bicudo Veras, Josildeth Consorte, Carmem Junqueira e Terezinha Bernardo, pelas contribuições valiosas que possibilitaram ampliar o meu olhar como um iniciante na trajetória da construção acadêmica do conhecimento. À Dra. Regimeire Oliveira Maciel pelas observações críticas e contribuições para o enriquecimento desta pesquisa.

Ao Irmão Nelson, pela sua leitura atenciosa e as correções e sugestões para que a dissertação ganhasse mais clareza. À minha amiga Neusa, pelas leituras críticas e as valiosas contribuições.

À dona Iracema por conceder todos os documentos sobre o movimento de saúde no bairro e outros tantos documentos, que ela guarda com muito cuidado, que ajudaram a recuperar a história social deste movimento. À dona Maria por conceder-me todos os Boletins Paroquiais, valorizando a história deste bairro e da Igreja nesta região do Brasil. Esses documentos foram fundamentais para reconstrução e confirmação dos muitos fatos sociais que, às vezes, a memória sozinha não consegue recuperar.

Às pessoas que me acolheram nas suas casas para contar as suas histórias de vida, suas lutas, suas jornadas, suas conquistas e derrotas, esperanças e decepções, tantas e tantas histórias! Muito obrigado pelas horas passadas junto foram uma grande aprendizagem na minha vida.

Às amigas do Grupo de Memória (Grupo Focal). Vocês foram peças fundamentais para que esta dissertação ganhasse corpo e alma, dando mais uma vez o sopro de vida para uma história esquecida pela maioria ou sem espaço para ser lembrada. Os nossos encontros foram e estão sendo um laboratório, onde lembramos, analisamos, avaliamos, aprendemos e executamos. Vejo o passado, o presente e o futuro nos seus olhares, nas palavras, nas lágrimas, nos sorrisos e nos seus silêncios. Mulheres portadoras de idade, memórias, lembranças e

experiências. Sujeitos sociais com marcas do tempo no corpo e na alma, fecundas como árvores da planície e cabeças erguidas como as montanhas mais altas do planeta.

Às pessoas que concederam entrevistas para o enriquecimento desta pesquisa com fatos importantes. Foram pessoas que desempenharam papéis importantes na construção de uma nova história no bairro de Parque São Rafael e dentro da Igreja Católica Popular no Brasil.

À Congregação dos Missionários do Verbo Divino (SVD), onde aprendi a respeitar e conviver com as diferenças culturais e individuais e esta lançou-me ao mundo tão plural e tão singular para ser um “mais humano”. À Província do Brasil Centro que me apoiou financeiramente, para que esta pesquisa fosse realizada com sucesso. Ao Padre Edson Castro, amigo e confrade, pelo incentivo e por ter acreditado na minha capacidade.

Aos meus pais, Mathai e Annakutty, e, aos meus irmãos e irmã que me ensinaram os valores humanos a serem vividos em todos os momentos, em todos lugares e em todas as situações. Nesta família, aprendi que a felicidade e o sucesso na vida se alcançam junto, não sozinho.

Aos meus confrades de caminhada que compartilhamos a mesma missão. À Dona Terezinha pelos cuidados e preocupação comigo. Às pessoas da paróquia São Marcos Evangelista e das comunidades que me ajudaram nesta pesquisa de alguma forma, seja pelas conversas informais e toda atenção dispensada a mim.

E, por fim, a todas as minhas amigas de Santarém do Pará. Vocês foram a inspiração desta pesquisa e a esperança de um mundo melhor. Um mundo mais humano em que as mulheres e os homens possam construir com um coração de mãe, com as mãos de irmandade e com a alma de humanidade. Um mundo mais colorido, mais leve e mais vivo para todos nós e para os outros que virão depois de nós.

A todas/os a minha gratidão.

MATHEW, Giji Pichappillil. *Igreja Popular e memória dos velhos: Parque São Rafael - São Paulo.*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a construção e a reconstrução das identidades de gênero na Igreja Católica de vertente Popular no bairro do Parque São Rafael, na zona leste de São Paulo, no final do século XX. O foco desta pesquisa se concentra na memória das pessoas que têm acima de 70 anos de idade, autoidentificadas como católicas moradores no bairro. Os referenciais teóricos para sustentação desta pesquisa foram baseados no arcabouço das Ciências Sociais, que têm dado suporte para reflexões e análises a respeito da Igreja Católica de vertente Popular em interface com o gênero e a geração. Para a realização deste estudo foi utilizada a pesquisa qualitativa, aplicando multimétodos: entrevista individual, grupo focal, histórias de vida e a análise documental. As memórias dos velhos e os documentos analisados revelaram este processo de empoderamento dos papéis de gênero ao transitar por uma realidade urbana e periférica, marcada pelas reivindicações sociais. A pesquisa mostrou as religiões como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre como forças conservadoras. Dadas certas circunstâncias num contexto social e antropológico, a Igreja Católica de vertente Popular atuou como um espaço de forças mobilizadoras, onde as mulheres surgiram como sujeitos sociais. Nesta dissertação, procurei compreender essas mudanças e formações, estudando mulheres e homens migrantes, que atuaram na Igreja Popular do bairro do Parque São Rafael na zona leste do São Paulo e a atuação delas no Movimento de Saúde, apoiados pela liderança da Igreja Popular.

Palavras-chave: Igreja Popular, atores sociais, empoderamento, memória, identidade e gênero.

MATHEW, Giji Pichappillil. *The Popular Church and memory of old people: Parque Sao Rafael - Sao Paulo.*

ABSTRACT

This study aims to investigate the construction and the reconstruction of gender identities in the Catholic Church of popular trend in the district of Parque Sao Rafael, in the eastern region of Sao Paulo, in the late twentieth century. The focus of this research is concentrated on the memory of persons who have over 70 years of age, self-identified as Catholics and residents in São Rafael district. The theoretical references to support the studies in this research based on the framework of social sciences that has given support to reflections and analyses of the Catholic Church of popular trend interface with the gender and generation. To realize this study was utilized a qualitative research, applying multimethod: individual interviews, focus group, life histories and documental analysis. The memories of the old people and the analyses of the documents revealed this process of empowerment of gender roles as they transmit through an urban and peripheral reality marked by social demands based on the Word of God and faith. This research has shown that the religions as complex social fields, carriers of contradictions, but they do not function always as conservative forces. Given certain circumstances in a social and anthropological context, the Catholic Church of popular trend has functioned as a space of mobilizing forces, where women have emerged as social actors. In this dissertation, tried to understand these changes and formations, studying women and migrant men who worked in the Popular Church in the district of Sao Rafael, in the eastern region of Sao Paulo and their performance in the health movement by the leadership of the Catholic Church of Popular trend.

Keywords: popular church, social actors, empowerment, memory, gender e identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - OS CONCEITOS QUE CONSTROEM UMA HISTÓRIA.....	28
1.1. Os conceitos que constroem uma história.....	28
1.2. A formação da identidade pela cultura e religião.....	29
1.3. Cultura: o chão das construções sociais.....	31
1.4. Gênero: um novo jeito de abordar o problema histórico	35
1.5. Geração dos velhos: experiências vividas, testemunhadas e memórias guardadas.....	39
1.6. A Igreja Popular e o surgimento dos novos sujeitos	42
1.7. Teologia da Libertação e a sua influência na Igreja Popular.....	49
1.8. Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e os papéis do gênero	52
1.9. As periferias de grandes cidades e a Igreja Popular	54
1.10. Igreja Popular e os movimentos sociais	58
CAPÍTULO 2 - A IGREJA POPULAR NO PARQUE SÃO RAFAEL NA MEMÓRIA DOS VELHOS.....	65
2.1. Surgimento do bairro de Parque São Rafael na memória e na história.....	70
2.2. Surgimento da Igreja Popular e os movimentos sociais no bairro.....	73
2.3. A ruptura: a Igreja Tradicional e a Igreja Popular na memória.....	81
2.4. Surgimento das mulheres na Igreja Popular e na memória no Parque São Rafael.....	87
2.4.1. Mulheres nos movimentos sociais e populares no Parque São Rafael.....	93
CAPÍTULO 3 - CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA IGREJA POPULAR DO PARQUE SÃO RAFAEL.....	100
3.1. Movimento de Saúde e a construção de gênero nos documentos.....	100
3.2. Meios de comunicação e a construção de gênero na Igreja Popular.....	120
3.2.1. O Boletim COMUNICAR e o processo de empoderamento de gênero.....	127

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145
ANEXOS.....	154

INTRODUÇÃO

Estudar a questão de gênero e geração, é estudar a história da própria humanidade e as suas facetas manifestadas no nosso cotidiano. A presente dissertação apresenta-se voltada compreender a complexidade da vida que envolve a presença feminina, na Igreja Católica dentre as outras influências. Para tanto, recorro às marcas impregnadas na memória e na vida de homens e mulheres acima de 70 anos de idade, autoidentificados como católicos. Qualquer tentativa de compreender melhor a complexidade de gênero e geração ajudará a decifrar muitos comportamentos e acontecimentos na sociedade brasileira hoje.

Os homens e mulheres estudados, apesar de vivenciarem a fé na mesma Igreja Católica, partilhavam espaços de poder e os papéis sócio-religiosos diferentes dentro da mesma religião católica. Entre a década de 40 e 50, do século passado, tais características de vivências desiguais dos papéis sócio-religiosos eram muito marcadas, conforme mostram as fontes documentais consultadas e as falas dos interlocutores nesta pesquisa. No final do séculos XX e no início do século XXI, a Igreja Católica passou por muitas transformações, principalmente quando examinada pelo ângulo das questões de gênero e geração; no âmbito de Igreja Popular, tem aberto espaços no círculo do poder, para as mulheres expressarem sua fé. Essa transformação social e religiosa pode ser confirmada ao dizer:

A mulher começa a refletir o Evangelho a partir da sua experiência de vida: da falta de pão, desemprego, falta de escola e posto de saúde etc. A boa nova passa a ser elaborada coletivamente e, especificamente no caso da mulher, ela que sempre participava da Igreja, passa a ter a sua atuação garantida pela apropriação do discurso na interpretação da Palavra (JARSCHEL, 1991, p. 51)

Meu interesse por este tipo de fenômeno social foi despertado diante de um acontecimento vivenciado, há cerca de 23 anos atrás, no estado do Pará, quando à minha frente, havia uma mãe com a filha de 7 a 8 anos de idade. Na missa havia coroinhas¹ para auxiliar o sacerdote, vestidos de paramentos bonitos. A menina manifestou-se à mãe dizendo que ela também gostaria de servir ao altar, vestida como aqueles meninos e, a mãe sempre, respondia: “*você não pode*”. Num certo momento, a mãe perdeu a paciência e com voz de repreensão disse à filha: “*você não pode, garota, Deus não vai gostar. Você não é garoto*”. A partir desse

¹ Meninos escolhidos pelo sacerdote para auxiliá-lo nos ritos religiosos.

momento, a garota ficou calada e cabisbaixa. Diante deste fato, o pesquisador sentiu-se motivado para uma pesquisa voltado à questão da formação dos papéis que acontecem dentro da Igreja Católica Tradicional e são superados, assumido um novo caráter na Igreja Católica de vertente Popular² nas periferias das cidades. Nesta dissertação, procuro compreender essas mudanças e formações, estudando as mulheres e os homens migrantes que atuaram na Igreja Popular no bairro do Parque São Rafael, na zona leste de São Paulo e a atuação deles no Movimento de Saúde, apoiado pela liderança da Igreja Católica Popular³. Importante aqui a observação de Comblin (1994), para compreender o processo da migração para cidade:

Por isso a emigração para a cidade aparece desde há séculos como um grande ato de emancipação. Quem vai para cidade, sacode a dominação da família, dos costumes, dos chefes tradicionais – até dos chefes da Igreja tradicional -, [...]. (COMBLIN, 1994, p. 61).

Neste processo de transformações, entende-se que o presente se constrói no caminho do passado, é um caminho de constante mudanças. Todas as instituições são construções humanas neste caminho, quase todas construídas e controladas pelos homens. Isso se refere à Igreja Católica também considerada por estudiosos como uma das instituições mais influentes da humanidade. Segundo Brandão, a influência da Igreja Católica é evidente na formação, na manutenção da cultura e na formação dos papéis dos indivíduos e grupos da sociedade brasileira (BRANDÃO, 1985).

A Igreja Católica continua sendo uma instituição predominantemente patriarcal. Qualquer que seja a instituição, o objetivo de controlar, orientar e formar os seus membros através das doutrinas, ensinamentos e por meio de outros mecanismos e dispositivos, constrói-se uma cosmovisão nos seus membros e seus fiéis. Tratar de cosmovisão significa tensões, essas que surgem a partir dessas mudanças na sociedade e, nos seus membros, levando a instituição a adotar medidas para se adequar às novas realidades. No caso da tradição patriarcal, as instituições religiosas tomaram medidas de disciplinar seus fiéis, seguindo regras e normas baseadas nas doutrinas que reforçam a dicotomia entre homens e mulheres. Na América Latina e no Brasil, o avanço de uma ala da Igreja Católica denominada progressista, através da

² Nesta dissertação, a Igreja Católica vertente Popular é tratada como Igreja Popular.

³ Os animadores da Igreja Católica Popular (Comunidades Eclesiais de Base) são chamados de *agentes pastorais*: padres, religiosos ou leigos, formados pelas próprias comunidades. Os agentes pastorais leigos constituem uma nova vocação ou um novo carisma da vida da Igreja. Muitos deixam família e profissão para viver exclusivamente do trabalho pastoral, quando a diocese tem condições de assumi-los. Moram em bairros populares, ganham pouco mais do que o salário mínimo, assumem o trabalho com o povo como o compromisso prioritário de sua vida. Não são eles que coordenam as comunidades, apenas assessoram, cuidando para que o próprio povo seja sujeito de sua história (FREI BETTO, 1985, p.18).

Teologia da Libertação ganhava força no século XX. Essas tensões e avanços são abordados e analisados pelo sociólogo Wanderley (2007). Essas mudanças que começaram desde os anos de 1950, depois foram ganhando força. A partir do Concílio Vaticano II (1962 – 65), fortaleceu-se uma ala da Igreja Católica conhecida como a Igreja Popular, com uma participação de vários bispos, religiosos e líderes dos movimentos sociais, principalmente nas periferias das cidades e nos campos, com uma grande influência do pensamento teológico Latino- Americano conhecido como “Teologia da Libertação” (BOFF, L. 2004).

Os membros de uma instituição também são sujeitos às mudanças que ocorrem no mundo, seja no campo da política, da ciência e tecnológica, filosófica ou sociológica. Com estes avanços nos campos de ciência e no social, as mulheres vem ocupando novos espaços na sociedade, anteriormente não imagináveis. Avanços esses que têm levantado algumas tensões dentro e fora da Igreja Católica sobre o papel e espaço da mulher dentro e fora desta instituição. Diante deste cenário, a pesquisa, busca mapear, por meio das falas de interlocutores e de análise documental, os lugares em que eles ocupavam dentro da Igreja Católica na sua vivência de fé. Como eles vivenciaram estes avanços das mulheres na sociedade e na Igreja Católica Popular? E, como se sentiram as tensões a partir das experiências vividas de fé nas Comunidades Eclesiais de Base⁴ (CEBs), no bairro do Parque São Rafael, na periferia de São Paulo.

A pesquisa trabalha com dados e informações diversas na busca de compreender melhor este fenômeno: o da formação dos papéis de gênero na religião. Para compreender a importância desta pesquisa, é fundamental a questão histórica dos interlocutores e fatos históricos que contextualizariam o estudo num determinado tempo e espaço. Destaca-se também uma revisão bibliográfica pelos autores, serão examinados, de fato, a questão de gênero e assuntos relacionados com a finalidade de apresentar diferentes pesquisas e estudos nesta área, fazendo leituras de ângulos e recortes do fenômeno social ocorrido no bairro do Parque São Rafael, na cidade de São Paulo.

Existem muitas pesquisas realizadas nas áreas de gênero e da religião católica pela comunidade acadêmica, principalmente nas Ciências Sociais e Humanas. A contribuição das feministas para o debate sobre o papel da mulher na sociedade e na religião com a obra da

⁴ As comunidades eclesiais de base (CEBs) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. [...] São *comunidades*, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comun-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São *eclesiais*, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São *de base*, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas-de-casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares (FREI BETTO, 1985, p. 16 -17).

feminista francesa, Beauvoir (2002), intitulado “*O segundo sexo*”, continua ainda sendo um clássico que traz para a discussão o lugar da mulher na sociedade como uma segunda categoria, sempre colocando o homem em primeiro lugar, tais debates reafirmam as colocações do homem em primeiro lugar. Com um levantamento bibliográfico prévio feito, foi constatado que existe uma carência na produção científica sobre o lugar da mulher na Igreja Católica Tradicional e na Igreja Popular e as mudanças que aconteceram nos séculos XX e XXI, pesquisando a memória dos velhos. A filósofa, Chauí, refere-se aos velhos, dizendo: “*os velhos são a fonte de onde jorra essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara*”⁵ (CHAUÍ, 2012, p.18).

A dissertação traz, também, por meio de pesquisa de campo, histórias de interlocutores que nasceram e cresceram em uma família, e numa Igreja Católica Tradicional de zona rural, onde os papéis e os espaços por onde eles poderiam transitar eram bem definidos. Como diz Comblin:

Na família rural, cada um tem de obedecer a um papel social definido desde sempre: os jovens devem obediência total aos velhos, e as mulheres são subordinadas aos homens. Há pouca conversa entre maridos e mulheres, entre pais e filhos (COMBLIN, 1994, p. 60).

Ao migrar para a periferia na zona leste de São Paulo, os interlocutores desta pesquisa tiveram que reconstruir as suas vidas numa nova realidade. Ao construir as casas de tijolo em tijolo, junto com seus sonhos, construíram capelas que se transformaram em novas igrejas, com novos sonhos. Nessa Igreja Católica Popular que surge na periferia sem a presença das autoridades da Igreja Tradicional, os interlocutores viveram novas experiências de ser Igreja e viver a sua fé. Essa lógica de espaço definido na sociedade rural é quebrada na realidade urbana, e principalmente na Igreja Popular. Nas periferias das grandes cidades, com o apoio da Igreja Popular, as mulheres assumem novos papéis na vivência de fé e nas lutas sociais⁶ por meio de movimentos sociais. A pesquisa busca compreender este processo da construção das novas

⁵ Este trecho do texto é retirado da parte da apresentação da Marilena de Souza Chauí, no livro da Ecléa Bosi: “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, p.18 (BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* 17ª Edição, 2012).

⁶ A palavra *libertação* sobressai no vocabulário das CEBs. Ela está presente nos cânticos, na meditação do Evangelho, no plano de ação. Ela ajuda a comunidade a passar de uma consciência social reformista para a consciência da transformação social, da modificação do modo de produção capitalista. [...] Mas é na luta pela água no bairro que a dona-de-casa descobre o verdadeiro caráter do regime político em que ela vive e perde suas ilusões a respeito do interesse do Governo pelo povo. E nessa luta que ela adquire confiança na organização e mobilização popular (FREI BETTO, 1985, p. 24 -25).

identidades e mecanismos de construção e reconstrução do gênero, numa nova realidade vivida na Igreja Popular e nos movimentos sociais, que brotam das CEBs e da Teologia da Libertação.

É importante lembrar diante desta nova realidade que surge na sociedade brasileira, a luta das mulheres pela dignidade e visibilidade começou bem antes. No Brasil, os movimentos internacionais pelo direito de voto feminino ganharam força no início do século XX. Com as lutas incessantes de líderes feministas como Bertha Lutz, foi aprovado o voto feminino no ano 1932 no Brasil. Há ainda as políticas de Getúlio Vargas, as quais deixaram as mulheres e os movimentos sociais, por muito tempo, sem voz e vez. A segunda onda do feminismo que surge no mundo e no Brasil a partir do ano 1960 ganha novos contornos e novos rumos.

Surgiram abordagens diferentes sobre a questão de gênero no Brasil com uma leitura marxista da problemática, feita pela autora Lobo (2011), que trata sobre do assunto da classe operária, chamando a atenção principalmente para os problemas da mulher. Neste trabalho, será feito um recorte com pesquisas e publicações no âmbito da abordagem do problema da formação dos papéis de gênero na Igreja Católica. Autores como a teóloga Reimer (1995) e Fiorenza (1995), abordam a questão sobre a vida de mulheres na sociedade e na Igreja e a do discipulado de iguais⁷.

No Brasil, a grande voz feminista dentro da Igreja Católica, é a teóloga Gebara (1991), (2000). Ela se torna uma porta - voz das mulheres dentro da Igreja, chamando a atenção para a reflexão e mudanças necessárias. Outras vozes, aparecem, como: Saffioti (2013) e Rosadonunes (2009), mediante as pesquisas e publicações fazem reflexões sobre a questão de gênero na Igreja católica e na sociedade.

O trabalho da socióloga Ary (2000), ao fazer um estudo sobre a questão masculino e feminino no imaginário católico, a autora faz uma viagem no tempo, desde o início dos movimentos católicos dos jovens no Brasil e a participação feminina nestes movimentos. A autora traz também informações valiosas a partir das entrevistas com sociólogos, teólogos e historiadores, que atuaram nos movimentos católicos. Autores como Boff, L e Muraro (2002), abordaram a questão de uma nova consciência para o encontro das diferenças, esclarecendo novas tendências de pensamentos que ventilam a sociedade na discussão de gênero. O conceito da Igreja Popular e a sua formação através da Teologia da Liberação e CEBs (Comunidades

⁷ A teóloga feminista católica, Elisabeth Schussler Fiorenza, ao abordar as questões do papel da mulher dentro da religião católica, argumenta que a toda vocação dentro da Igreja é para ser discípulo de Jesus. Nesta vocação de servir, não poder ter uma classe superior ou a outra inferior, como acontece na atualidade. Homens e mulheres devem ter a mesma dignidade no discipulado de exercer a função de servir a Igreja de Cristo. Autora aborda essa questão complexa, num livro intitulado em “Discipulado de Iguais”.

Eclesiais de Base) no Brasil e na América Latina, é esclarecido pelos autores Wanderley (2007), Boff, L (1981, 2004) e Andrade (1991).

A pesquisadora Louro (1997), no seu trabalho sobre gênero, sexualidade e educação aborda o desenvolvimento do conceito de gênero e a importância deste na utilização e nas últimas décadas pela comunidade científica.

Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 2011, p.25).

A autora demonstra a evolução do pensamento feminista no campo das pesquisas e no diagnóstico dos problemas sociais que a sociedade moderna enfrenta, bem como a importância do conceito de gênero, que SCOOT (1995), usa para referir-se como uma categoria de análise histórica. A formação do papel de um indivíduo acontece dentro de uma sociedade, que é pautada pela cultura. A religião é uma parte fundamental da cultura que molda os indivíduos e os indivíduos também influenciam na moldagem da própria cultura. Aqui, o conceito de cultura, associado ao de religião, fica evidente na definição do Geertz:

Uma religião é: (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989. p.67).

Segundo Geertz, a religião produz disposições “*para*” e “*de*” numa sociedade, assim formando os papéis de comportamentos dos indivíduos e dos grupos. Já para Berger (1985), a religião tem um papel importante na construção do mundo. Quanto à dominação, o olhar se volta para Bourdieu (2012, 2011), com a teoria de “dominação masculina” através do poder simbólico que atua num “campo religioso”, definindo o conceito de “*habitus*”. O pensamento estruturalista de Bourdieu será colocando em teste nas falas e nas experiências dos interlocutores da pesquisa. Outras teorias importantes a serem mencionadas no campo da sociologia da religião são do pensamento de Durkheim (2009), ao abordar a religião como a fonte da solidariedade dentro de uma sociedade e de Weber (2010), através do seu pensamento da sociologia das religiões, que destaca a importância econômica que a religião desenvolve dentro de uma sociedade. No caso da presente dissertação, recorre-se ao estudos de memória

dos autores como Halbwachs (2013) e Pollak (1992), que favorecem a reconstrução de histórias e de memórias dos interlocutores no bairro do Parque São Rafael.

Para compreender o contexto histórico refletido nas memórias, faz-se necessário um breve relato sobre a história do Brasil e do Estado de São Paulo, uma vez que todos os interlocutores desta pesquisa nasceram na década de 1930 ou no início de 1940. Na década de 1960, migraram para a cidade de São Paulo. Todos eles nasceram nos outros estados ou no interior de São Paulo. Antes de migrarem para a periferia de São Paulo, suas famílias já haviam experienciado o drama da migração. Segundo Durhan, a formação social brasileira colonial já propiciava este cenário da migração, ao dizer:

Já na época colonial, havia se constituído no Brasil essa dualidade fundamental: de um lado, o latifúndio voltado para a exportação, fundado no trabalho escravo, ocupando porções relativamente reduzidas (e variáveis) do território nacional; de outro, povoando enormes extensões de terra, uma população pouco densa, em grande parte livre, voltada para uma economia de subsistência, que se estabelece à margem da grande lavoura, ou consequência de sua decadência (DURHAN, 1973, p.47-48).

Os autores como Bernardo (2007) e Ribeiro (2014) confirmam as informações de Durhan (1973), ao dizer que na década de 1830, o café surgia como o terceiro produto de exportação do Brasil para o mercado externo, impulsionado pela exportação, o plantio de café se espalhava fortemente para interior do Estado de São Paulo. A mão de obra na lavoura de café vinha dos escravos, mas no ano 1850, foi aprovada a lei Euzébio de Queiroz, suprimindo definitivamente o tráfico negreiro. A partir desta decisão, começa uma crise de mão de obra para os trabalhos nas fazendas de café no interior de São Paulo. A carência de mão de obra na região de São Paulo seria resolvida por intermédio do tráfico inter - regional. Com uma decadência econômica da região do Norte e Nordeste do Brasil, muitas famílias se animaram a migrar, tendo em vista as oportunidades que surgiam no interior de São Paulo, seduzidos pela riqueza do café. A maioria das famílias entrevistadas vieram da região Nordeste, outros nasceram no interior de São Paulo, que são filhos de italianos, imigrantes no Brasil, também em busca de trabalhos nas fazendas de café.

Com a crise econômica internacional de 1929, o preço do café entra num colapso e as fazendas de café, no interior de São Paulo, passam pela pior crise da sua história. Nas narrativas dos pesquisados, conta-se que houve uma segunda experiência de migração inter-regional, buscando uma vida melhor. A cidade de São Paulo, nas décadas de 1930 e 1940, se encontrava como uma cidade de futuro promissor. Ainda assim, alguns dos interlocutores, junto com as

suas famílias, antes de se aventurarem para a cidade de São Paulo, foram buscar vidas melhores no Estado do Paraná. Seu Belmiro, ao contar a sua história de vida, lembrou da sua ida para interior do Paraná: “*A promessa de um pagamento melhor pelos trabalhos, além de ouvir dizer que a produção de café era melhor por lá, meus pais foram para lá*” (BELMIRO⁸, 76 ANOS). Muitos se decepcionaram com o preço, a crise do café e as frequentes geadas, que destruíram a produção no Paraná. Desse modo, viram-se obrigados a fazer a terceira fase da migração das suas vidas, aventurando-se para a cidade de São Paulo.

Os interlocutores narram esta trajetória, dizendo que, apesar das crises econômicas e outros problemas que passaram, a vivência da fé católica é ainda uma experiência marcante. A formação religiosa acontece em todos lugares por meio das novenas, festas e sacramentos, possibilitando uma vivência de fé no campo e na cidade.

Esses homens e mulheres narradores desta pesquisa, são simples trabalhadores da terra, com baixa escolaridade, sem ter muito contato com as mudanças pelas quais a alta sociedade brasileira passava nestas épocas, mas lutavam pela sua sobrevivência. Na busca pela sobrevivência, encaravam novas realidades em todos os lugares por onde passavam, seja nas fazendas de café ou nas periferias da grande cidade São Paulo. Em todos os lugares aonde eles chegavam, precisavam de começar e recomeçar as suas vidas. E que junto com o recomeço, uma nova experiência de fé católica no campo e na periferia; ora vivendo a experiência religiosa apreendida, através da manifestação religiosa tradicional, ora buscando a força na fé para as lutas, através dos movimentos sociais nas periferias. Tudo pela vida, pelos dias melhores, onde os sonhos se constroem sob as crenças e tradições no chão das novas realidades. Como diz Comblin (1994):

Nas cidades nasceram as reformas e as revoluções. [...] Tais movimentos urbanos permitem o surgimento de lideranças novas, lideranças religiosas, morais, sociais ou políticas; movimentos de direitos humanos, contra a corrupção, contra um presidente corrupto ou um regime militar. Novas figuras que nunca se projetaram não poderiam surgir se não pudessem aparecer nas tribunas que o povo em movimento oferece. No campo é muito mais difícil juntar o povo. Somente líderes messiânicos ambulantes, como Antônio Conselheiro⁹, conseguem mobilizar semelhantes massas. (COMBLIN, 1994, p. 79).

⁸ Os nomes dos interlocutores são fictícios, a pedido deles. Porém, o pesquisador tomou a liberdade de dar nome para cada interlocutor. São nomes das pessoas que marcaram a vida do pesquisador e que surgiram na memória espontaneamente.

⁹ Antônio Vicente Mendes Maciel (1830 – 1897), mais conhecido como Antônio Conselheiro. Figura carismática, adquiriu uma dimensão messiânica ao liderar o arraial de Canudos, um pequeno vilarejo no sertão da Bahia, que atraiu milhares de sertanejos, entre camponeses, índios e escravos recém-libertos, e que foi destruído pelo Exército da República na chamada Guerra de Canudos em 1896 (Fonte: *Texto-Base, 13º Intereclesial de CEBs*, 07 a 11 de janeiro de 2014, Juazeiro do Norte, Diocese de Crato –CE).

A presente pesquisa é a uma viagem pela memória de homens e mulheres, identificando seus lugares na Igreja Católica Tradicional e na Igreja Popular na cidade e a sua influência na formação dos papéis dentro e fora dela.

Não obstante, para compreender este trânsito do interior para a periferia da grande cidade de São Paulo, requer-se a memória e a vivência das pessoas que passaram por estas experiências. Os interlocutores nasceram e cresceram numa Igreja Católica Tradicional, numa vivência da religiosidade popular no interior do Brasil. Foram levados pelas condições sociais da época a migrar para a periferia de São Paulo, onde não havia Igreja Católica estabelecida como na realidade rural, mas as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base); tiveram que se reunir nas casas e nas garagens para viver a sua fé. Ao mesmo tempo, na Igreja Oficial também aconteceram grandes eventos que influenciaram, de alguma forma, a vivência estrutural de fé. O Concílio Vaticano II que aconteceu entre 1962 – 1965, foi um evento que mexeu com toda a estrutura da Igreja Católica. Os interlocutores por seus relatos apontaram que são pessoas que viveram as influências dessas transformações tanto na sociedade brasileira como na Igreja Católica. Fazem parte da história de um Brasil, que se transforma nestas décadas, num Brasil predominantemente urbano e deixa de ser rural e, as suas consequências na vivência das pessoas. E, de uma Igreja Tradicional de zona rural para uma Igreja Católica das CEBs nas periferias de grandes cidades.

A escolha pela memória faz com que as situações vividas e testemunhadas sejam lembradas e valorizadas na compreensão dos fatos e das realidades. As obras, como de Bosi (2012), *Memória e sociedade: lembranças de velhos* e a obra de Bernardo (2007), *Memória em branco e negro: Olhares sobre São Paulo*; são as inspirações desta pesquisa. As pesquisas dessas de grande relevância nacional e internacional ao afirmar que a substância social da memória é a matéria lembrada, tanto individual quanto social.

Ao falar da memória, Pollak ressalta a importância de tais memórias no contexto social, dizendo:

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também, um fator extremamente importante dos sentimentos de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção em si. (POLLAK, 1992, p. 204).

Neste contexto da reflexão do Pollak sobre a importância da memória como a metodologia da pesquisa, a antropóloga Bernardo (2007), também compartilha da mesma opinião ao dizer que o recurso da memória pode possibilitar muito mais uma pesquisa, à medida

que permite descortinar situações conflitivas, discriminações, jogos de poder entre pessoas e grupos sociais e processos como o de construção de identidades. Isso significa que o processo de memorização possibilita reconstruir e redefinir continuamente os lugares por onde mulheres e homens transitavam nos espaços da Igreja Católica Tradicional e na Igreja Popular, na periferia de São Paulo.

Já Halbwachs (2013) diz que a consciência jamais está encerrada em si mesma, não é vazia nem solitária. A realidade social que vivenciamos, é uma continuidade da sociedade em que os velhos construíram suas vidas pelas próprias memórias e pelas memórias dos outros. O autor continua afirmando que a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano. Diz Halbwachs:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim; os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Dando relevo às instituições formadoras do sujeito (HALBWACHS, 2013, p.54)

Acreditando, como Halbwachs, que na memória encontra-se o pensamento do grupo ao qual o indivíduo pertence, é possível, por meio dela reconstruir a família, o trabalho, as diversas formas do sujeito comunicar-se com Deus em seus diferentes tipos de fazer. Assim, os interlocutores mostraram os lugares que eles ocupavam no interior da Igreja Católica Tradicional e da Igreja Popular, e, como as formações e demarcações destes espaços eram feitas no interior da família, da sociedade e desta Igreja.

Ao falar da reconstrução, Halbwachs afirma: *“para localizar uma lembrança, é necessário religá-la a um conjunto de outras lembranças, das quais se conhece o lugar no tempo”* (HALBWACHS, 2013, p. 415). Assim, se o espaço e o tempo são essência da memória, a ideia de tempo reversível se origina da experiência universal humana de trazer os tempos passados de volta. Bernardo (2007), diz, citando a antropóloga Concone:

A memória é algo vivo como tal não encontramos armazenadas nela uma série de lembranças “precisas e completas” dos eventos presenciados e vivenciados. É claro que ela é seletiva e, por outro lado, na recuperação da história vivida, a história presente servirá de parâmetro. Realmente, pode-se falar com propriedade numa dialética própria da memória, à medida que o passado é referencial para orientar meus passos no presente e o presente serve como ponto de referência para uma releitura, interpretação e atribuição de sentido ao passado (BERNARDO, 2007, p.32).

Pelo recurso da memória é possível, também, captar os sentimentos experimentados, pois a lembrança do acontecimento vivido faz com que afluam o ódio, o amor, a alegria, a tristeza, o conformismo e a revolta. Não obstante, é muito oportuno o pensamento do Berger (1985) neste contexto da memória. O autor pontua que a sociedade é constituída e mantida por seres humanos em ação, onde os velhos lembram a história desta ação humana, que muitas vezes são esquecidas pelos mais jovens, mas são lembrados com muitos sentimentos, do orgulho, da vergonha e da indiferença, são pedaços desta construção social em suas memórias. Quando estes segmentos se juntam, conseguem construir uma memória social ou uma memória coletiva que necessariamente é uma história social.

O próprio Halbwachs (2013) afirma que não são somente os fatos, mas a maneira de ser e de pensar de outrora que se fixam dentro da memória. Assim, pode sugerir sentimentos que são zelosamente marcados e, no ato de lembrar, vêm à tona, com intensidade, filtrados, avaliados, assumidos, criticados e preenchidos de novos significados a partir da vivência presente. Neste contexto dos significados, ao decorrer da memória dos meus interlocutores, a pesquisa reconstrói o tempo, o espaço e os sujeitos que transitam no interior da Igreja Católica e como são construídos e delimitados os papéis do homem e da mulher.

Aqui, fundamentando-me nos trabalhos já feitos sobre gênero e sobre os movimentos sociais com a participação da Igreja Católica, busco construir uma nova história a partir dos interlocutores velhos, de baixa escolaridade, trabalhadores rurais, migrantes católicos vindos de diferentes regiões do Brasil. Estes construíram suas vidas e as comunidades de fé, espaços da vivência das identidades, na periferia da Zona Leste de São Paulo.

Técnicas da Pesquisa

Ao trabalhar com as memórias das pessoas, que têm acima de 70 anos de idade, precisei de recorrer às técnicas qualitativas. A história de vida foi um dos instrumentos utilizados para a coleta, compreendida como uma ferramenta importante, quando se trata de análises de intersecção entre a vida individual e o contexto social.

Na Antropologia, a história de vida é antiga. A autora Bernardo (2007) verifica que os antropólogos perceberam, muito antes que qualquer outro pesquisador das ciências humanas, a importância da tradição oral; foi sobretudo por meio da oralidade que os povos chamados primitivos foram estudados. Ainda, ao estudar as sociedades modernas, a antropologia foi que começou a usar essa técnica com sucesso nas pesquisas.

Meus interlocutores são pessoas que têm mais de setenta anos de idade, católicos praticantes que moram no bairro do Parque São Rafael, na região zona leste da cidade de São Paulo. Nas primeiras seis histórias de vidas, percebi que os interlocutores tiveram muito receio de contar as suas experiências pessoais na formação dos papéis na Igreja Católica. Busquei através de muitas visitas e muitas horas de conversas, mas percebi que as informações eram superficiais e dispersas. Essa dificuldade pode ser pelo fato de que o pesquisador ser alguém muito conhecido dos interlocutores e também por fazer parte da hierarquia da Igreja Católica. Neste momento, voltei a fazer leituras sobre as técnicas de pesquisa quando encontrei análises voltadas aos estudos com grupos focais.

Não obstante, não me desanimei diante da resistência dos pesquisados. Fiz um convite na Igreja às pessoas acima de setenta anos de idade para uma reunião. Assim, no dia 24 de julho de 2014, chegaram doze mulheres para a primeira reunião. Foi a partir dessa reunião que formei um grupo, chamado grupo da memória. Expliquei para elas o objetivo do grupo e sobre a minha pesquisa. Percebi que, no grupo, as pessoas começaram a falar mais à vontade, perderam o receio de contar as experiências. Desse modo, o grupo foi formado e se reúne duas vezes por mês.

Percebi que ao mudar o método da pesquisa para o grupo focal, as informações colhidas ganharam muito mais profundidade. O grupo teve a facilidade para lembrar e ativar as suas memórias. Muitos fatos pequenos que não puderam lembrar nas histórias de vidas foram lembrados no grupo focal. Escolhi para localidade da reunião uma capela, pelo fato de que os interlocutores estarem dentro de um espaço católico que ajudariam a relembrar suas passagens pelos muitos locais ao longo das suas vidas e as experiências vividas nesta caminhada. Além disso, o próprio local da reunião, uma capela, que foi construída com muito sacrifício pelos interlocutores da pesquisa.

As fontes documentais sustentaram-se como fundamentais na coleta de informação para esclarecer o tema pesquisado com as informações colhidas através da memória dos velhos no grupo focal e nas histórias de vidas. Cellard (2008), sublinha a importância desta fonte ao dizer:

As capacidades da memória são limitadas e ninguém conseguiria pretender memorizar tudo. A memória pode também alterar lembranças, esquecer fatos importantes, ou deformar acontecimentos. Por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui, portanto, uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais (CELLARD, 2008, p. 295).

Os documentos permitem acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social numa pesquisa. Ainda mais, segundo CELLARD (2008), a análise documental elimina em parte a dimensão da influência, dificilmente mensurável, do pesquisador sobre o sujeito. Ponderando a importância dos documentos para consolidar mais a relevância das informações recolhidas, o pesquisador buscava encontrar alguns documentos existentes nas décadas de setenta e oitenta. Ao conhecer o interesse do pesquisador no assunto, uma das fiéis da Igreja Católica do bairro me deu as informações sobre a sua mãe, que foi uma das líderes dos movimentos sociais do bairro e participante da Igreja Popular. Hoje, esta mulher (Dona Iracema) mora no interior do Estado de São Paulo. Informou sobre a existência dos documentos sobre o Movimento de Saúde na década de 1980, no bairro e na zona leste de São Paulo, apoiado pela Igreja Popular e assim tive acesso aos documentos guardados por Dona Iracema. Outra senhora (Dona Maria), guardava o boletim informativo paroquial conhecido como “Comunicar”, desde o início da sua publicação, no ano 1986. Estes documentos, que o pesquisador conseguiu, são de grande valia, pois não há outros registros ou documentos arquivados, a não ser algumas fotos, no arquivo da paróquia São Marcos Evangelista.

Diante dessas dificuldades no campo da pesquisa, para colher as melhores informações dos interlocutores, precisei abrir mão de apenas uma técnica e usar mais do que uma técnica, assim utilizei um enfoque multimétodo¹⁰. Que Gaskell (2003), define sobre o método qualitativo nas pesquisas em ciências sociais, ao dizer:

O primeiro ponto de partida é o pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram. Assume-se que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial (GASKELL, 2003, p.65).

Segundo o autor, o objetivo principal da pesquisa é ter uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos, e, o objetivo desta pesquisa é, mapear os locais por onde as mulheres transitavam dentro da Igreja Católica Tradicional, na zona rural e da Igreja Católica Popular, na periferia de São Paulo, e, como eram feitos os processos da formação destes papéis na família e na Igreja. Portanto, a Igreja Popular como uma força mobilizadora no processo de *empoderamento* das mulheres na sociedade brasileira.

¹⁰ Para BUER e GASKELL (2003), essa é uma opção feita por pesquisadores, diante das vantagens e limitações do uso de entrevistas grupais (grupo focal) e das histórias de vidas, fazem a junção de dois ou mais métodos, um enfoque multimétodo.

Na reconstrução da memória do bairro, utilizamos materiais impressos como jornais (entre os anos 1986 – 1992) na paróquia e as atas das reuniões, fotos e outros documentos do grupo conhecido na região “Movimento de Saúde”, no início do bairro de Parque São Rafael, narrando sobre os trabalhos desenvolvidos pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)¹¹, foram usadas ainda, fotos daquela época trazidas pelos interlocutores, as quais enriqueceram as partilhas nos grupos focais e nas histórias de vida. Estes materiais e documentos são de grande ajuda para compreender melhor a partilha dos pesquisados. Os documentos e as fotos daquela época despertavam uma nostalgia nessas pessoas.

Cabe ainda dizer que, nos encontros do grupo focal, foi usado um tópico guia para conduzir as discussões e as partilhas. O que, Gaskell (2003) comenta que o tópico guia é, contudo, como sugere o título, um guia, e não nos devemos tornar escravos dele, como se o sucesso da pesquisa dependesse só disso. Assim, sigo a observação do autor, utilizando apenas o tópico guia como um instrumento norteador da conversa no grupo focal.

As reuniões começavam às 14.30h nas 2ª e 4ª quintas-feiras do mês e terminavam às 16.30, com uma duração de duas horas de partilha. Essas eram feitas duas vezes por mês. As reuniões foram iniciadas no mês de agosto de 2014 e ainda hoje continuam. Durante o processo de atuação no interior do grupo focal, os debates ganharam atualização. Os dados para a pesquisa foram coletados nos oito encontros feitos no ano de 2014. Mesmo tendo terminado a pesquisa, o grupo continua-se reunindo duas vezes por mês para partilhar as memórias e aprofundar os assuntos pertinentes da sociedade. O grupo focal que tem o nome de “grupo de memória”, continua ativo na Igreja Popular do Parque São Rafael. Alguns membros estão participando numa associação beneficente (Associação Padre Antônio Meroth) do bairro, a qual foi fundada por algumas delas. A associação apoia as pessoas carentes com cestas básicas, remédios, medindo pressão, emprestando cadeiras de rodas, camas hospitalares, entre outros serviços, para os moradores do bairro e bairros vizinhos. Estão planejando as atividades voltadas à saúde na terceira idade; palestras e conversas com representantes dos governos estadual e municipal com o intuito de buscar uma atenção e respeito melhor para com os idosos do bairro. Algumas delas são participantes ativas na Igreja Popular, desempenhando as funções como Ministras da Eucaristia e coordenadoras das pastorais nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

¹¹ Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são grupos de reflexão Bíblica da Igreja Católica que eram muito forte nas décadas de 1960 até 1990. Os membros do grupo se reunia normalmente nas casas dos membros do grupo. Inspirado na leitura bíblica, eles debatiam as questões sociais e vários outros assuntos pertinentes a vida cotidiana nas periferias das cidades e no campo (BOFF,L. 2004).

Hoje, o grupo se tornou um grupo de referência no bairro como o grupo de memória que recupera a história e os trabalhos destas pessoas no bairro e na Igreja e repassam suas experiências para as novas gerações. O grupo focal é formado por 12 mulheres idosas. Além dessas 12 mulheres, três homens e três mulheres narraram suas histórias de vida. Além disso, foi feita, uma entrevista com Pe. José, que era um dos incentivador dos movimentos sociais e movimento de saúde no bairro e mais três entrevistas, duas com lideranças leigas, foram eleitas como representantes do primeiro conselho da saúde da região zona leste de São Paulo e uma outra com um líder comunitário com 92 anos de idade.

Segundo Gaskell (2003), a seleção dos entrevistados segue um critério da pesquisa qualitativa, quando identificada a repetição do enredo são finalizadas as entrevistas. O objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista. Aqui explicito algumas razões das escolhas dos meus interlocutores, para que o leitor tenha uma compreensão melhor da relevância desta pesquisa. Meus interlocutores todos nasceram na zona rural do Brasil, onde a religião católica tem uma grande força na formação dos indivíduos. A igreja, como espaço físico, ocupa um importante ponto na vida cultural, religiosa, política e econômica dos vilarejos no interior. O antropólogo Brandão (1985), destaca nos seus trabalhos esta força da Igreja Católica na sociedade brasileira.

Neste trânsito, os meus interlocutores procuram encontrar suas identidades enquanto indivíduos e membros de um grupo religioso e os seus lugares como mulheres e homens dentro da Igreja Popular. Para isso, foram escolhidas apenas as pessoas que vivenciaram sua fé na Igreja católica que poderiam sentir essas experiências de mudanças e transformações, por este motivo, tive que escolher os católicos praticantes. Eles são pessoas que vivem neste bairro por muitos anos, participaram na história da construção do bairro, na história da Igreja Católica no bairro do Parque São Rafael, na zona leste de São Paulo.

A coleta de dados sobre a memória não segue uma linearidade, revelando os seus próprios mecanismos. Como diz Bernardo(2007), é um ir e vir constante. Os caminhos são de profunda complexidade, demonstrando aspectos multifacetados das potencialidades do lembrar. As 12 mulheres que fazem parte do grupo focal são viúvas, pois, elas disseram: “*os homens morrem mais de pressa*”. Elas narraram que o que há mais na igreja são as mulheres velhas. Elas reclamaram que, “*os jovens de hoje não querem saber muito da Igreja, maioria dos serviços da igreja são feitas por velhos*”. Todas são aposentadas ou pensionistas e têm casa própria. Apesar da idade avançada e problemas de saúde, são bem ativas nas tarefas da igreja. Elas se sentem felizes de relembrar a história do bairro e reconstruir os sonhos vividos. Uma nova história está em construção, aqui nesta pesquisa se conta essa nova história, esquecida da

história oficial, construída na periferia de São Paulo pelos homens e mulheres simples. É evidente na fala de um dos meus interlocutores ao dizer: “*a gente se sente importante ao lembrar e contar aquilo que nós vivemos e passamos*” (MÔNICA, 77ANOS). Uma sociedade de igualdade e dignidade se constrói quando os indivíduos e os grupos esquecidos se sentem importante nela. Essa é a finalidade desta pesquisa.

CAPITULO I - OS CONCEITOS QUE CONSTROEM UMA HISTÓRIA

1.1. Os conceitos que constroem uma história

Os conceitos que constroem uma história, advêm do contexto sócio-histórico em que a cultura e a religião estabelecem diálogos envolvendo as questões de Igreja Popular, gênero e geração. Além disso, no Brasil, as lutas das mulheres pela transformação social, seus lugares nas hierarquias sociais, bem como questionamento a respeito das ideologias que sustentam os pensamentos sobre a Igreja Popular, gênero e geração, ancoram-se na dicotomia entre Igreja Católica tradicional e Igreja Católica Popular.

A construção da identidade de um indivíduo, de um grupo ou de uma classe, frequentemente passa pelos elementos da cultura religiosa, o que lembra Woodward (2014) ao dizer que: “*a identidade é marcada por meio de símbolos*”. Esses símbolos são providenciados pela cultura do grupo a que o indivíduo pertence ou pela religião da qual ele faz parte. Diz o autor:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. [...] É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2014, p. 17-18).

No Brasil, os elementos culturais da religião dão significados para os objetos, gestos e palavras, transformando-os em símbolos responsáveis por unir e dividir as pessoas e os papéis de cada um em relação aos símbolos e aos lugares numa sociedade constituída por pluralidade religiosa. Esses símbolos tendem a interferir no funcionamento da sociedade e na divisão das classes e na definição dos comportamentos dos sujeitos sociais. Os indivíduos vivem no interior de um grande número de diferentes instituições, que constituem aquilo que é chamado de “campos sociais” (BOURDIEU, 2007). No Brasil, esses “campos sociais” são fundamentais para determinar a formação e a construção dos comportamentos e identidades individuais e grupais.

1.2. A formação da identidade pela cultura religiosa.

A história mostra que o papel da mulher nas grandes religiões sempre tem sido secundário. Ainda assim, a religião desempenha um papel importante e relevante na vida e na formação da identidade das pessoas, em diferentes contextos históricos. Com uma população de mais de 193 milhões de habitantes¹², o Brasil tem um grande cabedal de talentos guardados por mulheres, cujos níveis educacionais ultrapassam os dos homens até nas faixas de renda inferiores¹³. Não obstante, o Brasil continua sendo violentamente desigual, as mulheres continuam a carregar os fardos da pobreza, da desigualdade e da violência. Esta pesquisa buscou compreender o papel que a religião desempenha na relação dicotômica entre opressão e a emancipação da mulher brasileira. A Igreja Católica Tradicional desempenhou um papel em que a superioridade masculina, ao longo de séculos, se mostrou preponderante. Podemos verificar esta realidade na fala da teóloga feminista Fiorenza:

A desvalorização tomística da mulher continua a influenciar o pensamento católico na medida em que a necessidade de completar-se por meio do sexo oposto é postulada apenas para as mulheres e não para os homens (FIORENZA,1995, p.29)

Este pensamento da teologia tomística dominou até o Concílio Vaticano II (1962-65), numa forma muito clara, sem deixar nenhum espaço para a participação feminina na liturgia ou nas atividades importantes da Igreja Católica. Nas décadas de 1950 /60, o fortalecimento da Igreja Popular na América Latina e, depois com o surgimento dos movimentos populares no Brasil, as mulheres pobres e oprimidas começaram a conquistar um espaço dentro da Igreja Popular e também fora dela na sociedade. Este esforço e a influência da Igreja Popular culminou num grande debate nacional, conhecido como Campanha da Fraternidade¹⁴, promovida pela

¹² Com uma população de 190 755 799 habitantes, em 2010, e uma superfície de 8 555 767, 049 km², o Brasil tem, na dimensão continental de seu território, assim como no tamanho populacional e diversidade cultural, os fundamentos de suas diferenças regionais e de seu modo de inserção internacional na contemporaneidade (IBGE, Atlas do Censo Demográfico,2010, p.2).

¹³ Dados subtraídos do site da IBGE, Atlas do Censo Demográfico, 2010. Aqui vale a pena ressaltar a observação na introdução, ao comentar sobre os dados na educação; “*Ainda que por si só a educação não assegure a justiça social e o fim das discriminações sociais, ela é parte do processo de formação de sociedades mais igualitárias e fator fundamental de redução das disparidades socioeconômicas*” (p.3).

¹⁴ A Campanha da Fraternidade é uma campanha realizada pela Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, sempre no período da Quaresma. Seu objetivo é despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira. A cada ano é escolhido um tema, que define a realidade concreta a ser transformada. A atividade foi chamada Campanha da Fraternidade e realizada pela primeira vez na quaresma de 1962, em Natal, no Rio Grande do Norte (site da CNBB).

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil¹⁵ (CNBB). Wanderley (2007), a propósito da questão manifesta-se pontuando:

Em todos esses círculos há um denominador comum: pesa sobre a mulher uma tríplice opressão, da raça, da classe e do sexo. O clamor para mudar essa situação chegou à Igreja do Brasil, tendo merecido um destaque na Campanha da fraternidade de 1990, com o lema *Mulher e homem: Imagem de Deus* (WANDERLEY, 2007, p. 38).

No campo político, o Brasil só elegeu em 2010 a primeira mulher presidente da república, que nomeou nove mulheres ministras e priorizou o *empoderamento* econômico das mulheres e enfrentamento a violência baseada no gênero. Aqui é oportuno lembrar que desde 2002, foi criada, no âmbito do Executivo, a Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher¹⁶, atualmente Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), e em 2006 foi aprovada a Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha¹⁷. Um marco no cumprimento de garantias internacionais e constitucionais sobre o direito das mulheres a referida lei propõe uma vida livre com garantias internacionais e constitucionais sobre o direito das mulheres a uma vida sem violência. Apesar desses avanços importantes, o Estado brasileiro não conseguiu melhorar a situação da maioria das mulheres brasileiras, especialmente das mais pobres.

As pesquisas atuais¹⁸sobre a questão apontam que os braços do Estado não são suficientemente longos para neutralizar as profundas tradições culturais, que continuam relegando as preocupações das mulheres à esfera privada. Desigualdade de gênero ainda permeia a sociedade brasileira.

¹⁵ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é um organismo permanente que reúne os Bispos católicos do Brasil. A CNBB foi fundada em 14 de outubro de 1952, no Rio de Janeiro. A transferência da sede para Brasília aconteceu em 1977 (site da CNBB).

¹⁶ Leia –se mais sobre estas informações no livro, “*Políticas Públicas e igualdade de gênero*”, Tatau Godinho (org.), Maria Lúcia Silveira (org.). São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004 (Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher, 8).

¹⁷ A lei Maria da Penha surge como resultado de um esforço coletivo dos movimentos de mulheres e poderes públicos no enfrentamento à violência doméstica e familiar e ao alto índice de morte de mulheres no País. Maria da Penha Maria Fernandes, foi vítima de violência doméstica durante 23 anos de casamento. Em 1983, o marido por duas vezes, tentou assassiná-la. Na primeira vez, com arma de fogo, deixando-a paraplégica e na segunda, por eletrocussão e afogamento. Após essa tentativa de homicídio ela tomou coragem e denunciou. O marido de Maria da Penha só foi punido depois de 19 anos de julgamento e ficou apenas dois anos em regime fechado. (Fonte: www.spm.gov.br).

¹⁸ www.ipea.gov.br/retrato e www.biblioteca.presidencia.gov.br/mulheres/igualdade

1.3. Cultura: o chão das construções sociais.

O conceito de cultura é considerado como o chão de onde os seres humanos constroem e reconstróem todas as edificações sociais para viver em sociedade. O sociólogo Brandão (1998) define a cultura como:

[...] Cultura, isto é, de tudo o que nós, seres humanos, acrescentamos ao nosso mundo, a partir dos próprios círculos de relacionamento entre nós, indivíduos naturalmente biológicos, transformados em pessoas, em seres sociais habitantes da cultura, de um mundo construído com um tipo muito especial e quase infinitamente múltiplo de atividades de que as pessoas humanas se revestem para viver em um mundo ao mesmo tempo “dado” (preexistente) de natureza, e construído, como cultura (BRANDÃO, 1998, p.37)

Segundo o autor, o único ser que tem a capacidade de transformar a natureza em cultura é o ser humano. Ele consegue dar significado para cada objeto e acontecimento na natureza, assim transformando-os como sinais e símbolos que transcendem os significados apenas naturais. O homem emerge da cultura e se torna humano como sujeito da e na cultura, no momento em que incorpora à ordem da natureza a realidade do símbolo. Ainda o referido autor, esclarece que a vida humana acontece nas instituições sociais concretas em que se ordena e divide qualquer tipo de sociedade: como economia, o poder de Estado, a família, a religião e a Igreja, de outra parte, tais instituições e o feixe de relações sociais que elas são, constituem a própria realidade histórica e cotidiana da cultura de uma sociedade.

A sociedade é construída pelas relações humanas que Geertz (1989) define, dizendo que:

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989, p.4)

Examinando o funcionamento de uma sociedade, percebe-se tudo interligado, as leis, as instituições, os comportamentos, as religiões, as crenças etc. Na pesquisa aqui apresentada se torna fundamental, analisar essas teias de relações, em especial as de gêneros que fazem funcionar uma sociedade humana ou uma cultura para compreender melhor as dinâmicas que operam essas redes sociais de relacionamento. No entanto, para entender o comportamento humano como ação simbólica, onde o ser humano quer dar sentido às suas ações faz-se necessário compreender o sentido de mecanismos de controle produzidos por programas

culturais, para ordenar os comportamentos de gênero. Neste contexto, segundo Geertz (1989), a cultura faz o homem como indivíduo:

[...] a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que realmente se tornam, um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual, e nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas. (GEERTZ, 1989, p.37)

Assim, podemos comparar a cultura como uma grande edificação de uma catedral que, para compreender esse edifício, precisamos entender mais do que simplesmente sobre a pedra e vidro, precisamos entender melhor o contexto histórico da sua construção, significado de cada desenho e tantos outros símbolos que estão naquela construção, o que não é diferente com os homens: eles também são artefatos culturais. Daí que entra a força dos símbolos que constroem mundos diferentes através das instituições e representações dos indivíduos dentro dessas instituições que conduzem e controlam a sociedade.

Geertz (1989) indica que os atos culturais, a construção, apreensão e a utilização de formas simbólicas são acontecimentos sociais como quaisquer outros; são tão públicos como o casamento e tão observáveis como a agricultura. Já o sociólogo Bourdieu (2007), acrescenta que o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem, em particular do mundo social. O autor esclarece este poder da cultura dominante ao dizer:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 2007, p.10).

A história do processo colonial tem demonstrado pelos estudos sobre o patriarcado que o poder cultural hegemônico no Brasil tem sido europeu e masculino. Os mecanismos do poder masculino têm as suas origens na tradição dos colonizadores e os seus sistemas simbólicos são definidos como instrumentos de poder, isto é, como estratégias sociais, políticas e religiosas de legitimação de uma ordem social vigente. Aqui é importante compreender essa dinâmica do cotidiano a partir da reflexão do BHABHA (2013), ao dizer:

As diferenças sociais não são simplesmente dadas à experiência através de uma tradição cultural autenticada; elas são os signos da emergência da comunidade concebida como projeto – ao mesmo tempo uma visão e uma construção [...]. (BHABHA, 2013, p. 22)

O autor esclarece o processo da construção da superioridade das identidades através de um processo de uma construção dos símbolos e signos pelos colonizadores através da sua religião e a posição social já existente nas suas sociedades de origem. Ao aplicar isso aos brancos e aos negros o autor diz: “*O preto escravizado por sua inferioridade, o branco escravizado por sua superioridade, ambos comportam de acordo com uma orientação neurótica*” (BHABHA, 2013, p.82). O mesmo pensamento pode ser aplicado na construção do gênero na sociedade brasileira, a mulher escravizada por sua inferioridade e o homem por sua superioridade. Essa formação cultural e comportamental podem ser observadas na abordagem do antropólogo brasileiro RIBEIRO (2014), ao abordar o tema do “*cunhadismo*¹⁹” no seu livro “O povo brasileiro”, ao fazer uma reconstrução histórica da construção da identidade cultural brasileira desde a colonização dos povos indígenas e negros. Ao abordar este tema, a Nunes esclarece ao dizer:

Arrancadas de suas tribos, reduzidas à escravidão, as índias serão instrumentos forçados do povoamento da colônia. [...] Elas sofrem uma apropriação violenta e forçada de seus corpos. Seus senhores brancos as dominam, não somente enquanto escravas, no trabalho produtivo, mas também enquanto mulheres, capazes de reproduzir (NUNES, 1996. p.76).

Este pensamento de superioridade enraíza-se no imaginário dos índios e negros através da religião dos colonizadores²⁰. Não obstante, a religião funciona como fornecedora de sentido numa sociedade marcada pelas diferenças²¹.

Em todas as sociedades, a religião aparece como um dos campos sociais construtores de sentido, de conhecimentos, de representações e de construção de identidades. Neste sentido, Durkheim (2009) classifica a religião como um fato social que une as pessoas para viver numa sociedade. E, Geertz defini-a (1989), como:

¹⁹ Segundo o autor, a instituição social que possibilitou a formação do povo brasileiro foi o “*cunhadismo*”, velho uso indígena de incorporar estranhos à sua comunidade. Consistia em lhes dar uma moça índia como esposa (RIBEIRO, 2014, p.72). Os primeiros colonizadores portugueses aproveitaram dessa expressão cultural para fazer alianças com os povos indígenas e explorar eles para os trabalhos escravo, guerras e povoar o novo continente. Sempre pensando na exploração dos povos indígenas, e usando as mulheres como apenas objetos de reprodução e do prazer por falta das mulheres brancas no início da colonização.

²⁰ A religião funcionou como um importante instrumento de legitimação da colonização. Ela foi identificada à expressão da fé cristã e à afirmação do monopólio ideológico do catolicismo. (NUNES, 1996, p.78).

²¹ Diferenças raciais, religiosas, econômicas e culturais.

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realista. (GEERTZ, 1989, p.67)

Neste chão da cultura, de onde brotam as instituições culturais que formam, modelam, orientam e reorientam uma sociedade, a religião faz parte de uma poderosa expressão cultural de um povo. Os símbolos religiosos têm um significado para aquele grupo que pertence à uma crença particular. Estes símbolos se transformam como disposições poderosas para organizar a vivência de uma sociedade. A religião através dos seus símbolos dá explicações e sentido para as coisas da natureza, assim transformando-as em sobrenaturais e transcendentais, neste sentido, uma rocha ou uma montanha deixam de ser apenas coisas da natureza, e se transformam em símbolos sagrados e poderosos. Segundo Geertz, a religião tem implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana. Woodward destaca o pensamento do Durkheim sobre a religião, ao dizer:

Utilizando a religião como um modelo de como os processos simbólicos funcionam, ele mostrou que as relações sociais são produzidas e reproduzidas por meio de rituais e símbolos, os quais classificam as coisas em dois grupos: as sagradas e as profanas. (WOODWARD, 2014, p. 41)

Essa leitura dá oportunidade para que o pesquisador possa examinar com os líderes religiosos quando esses decidem, quem pode manusear as coisas sagradas e quem pode transformar as coisas sagradas em profanas. Neste sentido, algumas religiões, em especial no caso brasileiro, colocam a mulher como uma força profana, sendo proibidas de ter acesso às coisas sagradas. Valéria Melki Busin (2011) esclarece essa condição secundária da mulher na religião:

Os homens são os responsáveis não somente pela mediação entre o humano e o sagrado, pela via do sacerdócio, mas são os responsáveis pelas narrativas oficiais que naturalizaram os padrões sociais que regulam o que é próprio do masculino e do feminino (BUSIN, 2011, p.117).

Berger (1985) observa que toda a sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento. Nessa construção, a religião vai definido o papel de cada indivíduo, grupo e dos símbolos na cosmovisão religiosa. Dividindo através dos ritos e mitos as classes que têm acesso ao sagrado e a outros símbolos e indivíduos e comportamentos que podem profanar o sagrado, assim

construindo doutrinas, leis, condutas e instituições para controlar e orientar a sociedade. Assim, o autor afirma que a religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado.

No Brasil, a religião católica tem predominantemente um papel fundamental na construção do mundo e da cosmovisão da sociedade. A religião católica chegou ao continente americano junto com os colonizadores. Apesar de os últimos censos terem mostrado uma diminuição considerável na porcentagem da população católica e um aumento considerável na população das igrejas pentecostais²² e os que se declaram ateus, como mostra os resultados do censo pelo IBGE²³.

Religião	2000	2010
Católicos Romanos	73,7%	65,0%
Evangélicos pentecostais/neopentecostais	10,4%	13,4%
Sem religião	7,4%	8,0%

Segundo o antropólogo Brandão (1985), o Brasil é, ainda, “*um país católico*”. Na verdade, de acordo com o senso comum e os dados de censo religioso, “*maior nação católica do mundo*”. Segundo o autor, os símbolos e significados do catolicismo invadem praticamente todos os espaços e domínios da cultura brasileira. Tal qual ocorrido no Parque São Rafael no início de sua formação enquanto bairro e enquanto a presença da Igreja Popular. Dentro deste contexto urbano periférico e na Igreja Popular, a discussão e a formação dos papéis do gênero ganham novos contornos.

1.4 Gênero: um novo jeito de abordar o problema histórico

Em muitas culturas e na maioria das sociedades, a dominação masculina é evidente. Bourdieu analisa este fato no seu livro “*A dominação Masculina*” (2012). Nas sociedades ocidentais, onde domina uma religião monoteísta e patriarcal, essa visão da superioridade do

²² Vale ressaltar que os participantes do grupo focal e os que narraram as histórias de vidas, observavam a presença dos membros de suas famílias que pertencem a outras religiões. Assim, o pesquisador verificou uma presença de diferentes crenças no mesmo espaço de convivência. Elas também comentaram sobre uma diminuição considerável na presença das religiões afro descendentes no bairro e um aumento muito grande de números das igrejas pentecostais na região. Uma participante do grupo focal diz: “*agora, cada rua do bairro tem uma ou mais igreja*”.

²³ Atlas do censo Demográfico 2010 – Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão IBGE, Rio de Janeiro, 2013. www.IBGE.com.gov.br

homem se afirmou ainda mais forte. Essa cultura ocidental se espalha pelo mundo através da colonização. Assim, podemos dizer que as reflexões sobre a construção do ser Homem e do Ser Mulher têm uma longa história na vida da humanidade.

“*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*”. A célebre frase de Simone de Beauvoir, escrita em 1949 no clássico do feminismo moderno: “*O segundo Sexo*”, é um lado dessa opressão masculina que aprofundava nas entranhas da vida feminina naquela época na sociedade francesa e também sobre as mulheres da maioria das sociedades do mundo. A socióloga Louro(1997), explica essa realidade da construção do gênero ao dizer:

Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se construir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental. (LOURO, 1997, p.25)

Essa construção ultrapassa as fronteiras das diferenças do sexo, ela se infiltra num dinamismo e dispositivos com que a sociedade divide as funções e a sua operação no cotidiano. Na era da modernidade, muitos movimentos surgiram trazendo para a pauta debates sobre assuntos ligados ao que se declarou Direitos Humanos, entre os quais, está o Movimento Feminista. Em seus diferentes enfoques, esse movimento foi trilhando e forjando um caminho de luta contra as desigualdades construídas historicamente entre homens e mulheres, em especial na já citada Campanha da Fraternidade quanto à mulher na sociedade e na Igreja Católica, em debate.

Segundo Regina Jurkwicz (1995), a partir desse debate se constrói uma teoria feminista, dizendo que:

[...] entende-se por esse a produção teórica que vem sendo elaborada a partir das práticas das mulheres e seus esforços nos espaços acadêmicos em construir categorias de pensamento que permitam compreender e explicar sua condição de subordinação, discriminação ou opressão. (JURKWICZ,1995, p.17)

A respeito da construção de novas categorias citadas pela autora acima, encontro novas técnicas marxistas que providenciam as bases de uma explicação da divisão social e sexual do trabalho. As teorias marxistas partem do pressuposto de que as categorias envolvidas na subordinação se deve à capacidade de reprodução das mulheres. Esses pensamentos marxistas argumentam que os homens precisam controlar tal capacidade e por isso as subordinam. De um lado, gerar reivindicações em torno da inserção das mulheres no mercado de trabalho e sua

qualificação e, por outro lado, o direito de ter o controle sobre seu próprio corpo e na sua capacidade reprodutiva. O pensamento da socióloga Lobo (2011) é importante para esclarecer a luta feminista:

Essa cidadania emergente apresenta, no entanto, limites. Sua aspiração à liberdade é contra-arrestada pelas formas institucionalizadas que, em nome da legalidade formal, obscurecem os mecanismos que fundam as diferenças. A participação decisiva das mulheres nos movimentos não se traduz ou se reflete insuficientemente no nível da representação institucional. O gênero da representação permanece masculino na sua forma clássica e a representação das mulheres na vida pública permanece ainda periférica. (LOBO, 2011, p.273).

A partir de um pensamento marxista, a autora traz uma reflexão sobre a representação política da mulher como uma categoria sem muita importância na sociedade. E continua, afirmando que são “*mulheres enfeites, ou mulheres máquinas de procriar...*” (LOBO, 2011, p.290). Outros autores marxistas também consideram as mulheres como exército de reserva do trabalho; o trabalho doméstico como exploração das mulheres à favor dos interesses capitalistas e da classe social é motivo de divisão entre as mulheres.

Muitos esforços que tinham como objetivo uma produção de teorias e pensamentos feministas, fazem emergir nas décadas de 1970 e 1980, o conceito de gênero²⁴, divulgado pelo feminismo acadêmico. De acordo com Joan Scott, o termo gênero é recente na história e surgiu inicialmente entre as feministas norte-americanas, em virtude do desejo de dar ênfase ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, bem como à rejeição ao determinismo biológico presente no uso de termos como “sexo ou diferença sexual”. Esse termo enfatizava também o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade. Para Scott, “*O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e ainda é uma forma primária de dar significado às relações de poder*” (SCOTT, 1995, p.86). Assim, a autora argumenta que não existe um lugar específico para a construção do gênero, ela acontece nos espaços como na política, na economia e na religião. O que a teóloga Gebara compartilha da mesma ideia ao dizer:

[...] a mediação do gênero, ela constitui um instrumento importante para compreender, através de um meio diferente, a complexidade das relações humanas. É um instrumento que tem em vista a transformação das relações humanas. É um instrumento que tem em vista a transformação das relações

²⁴ Como categoria analítica, o gênero emerge do final de século XX, na década de 1980. Este conceito faz parte do empenho de feministas contemporâneas para reivindicar um espaço de definição capaz de explicar as persistentes desigualdades entre homens e mulheres, uma vez que as teorias existentes não conseguiam esclarecê-las. Feministas como Nancy Chodorow e Gayle Rubin são representantes do movimento de elaboração dessa categoria.

sociais, quer a nível público, quer a nível doméstico de nossa existência. Parece-me que este instrumento, utilizado especialmente pelo feminismo, é também um instrumento de análise política das relações sociais entre homens e mulheres (GEBARA, 2000, p.105).

A autora consegue afirmar por essa observação sobre o conceito de gênero que, nas ciências humanas, não apenas é um instrumento de análise, mas um instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais mais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito pela diferença. Assim, o gênero não é simplesmente o fato biológico de ser homem e mulher. Gênero significa uma construção social, um modo de ser no mundo, um modo de ser educado/a e um modo de ser percebido/a que condiciona o ser e o agir de cada um.

Neste sentido, o gênero não tem só a ver com o masculino e o feminino, mas com os elementos que intervêm nessas relações, elementos que supõem o sexo biológico, mas que vão além. Falar a partir do gênero quer dizer, entre outras coisas, falar de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico de nosso ser, e, de outro lado, num caráter que vai além do biológico, porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião. Neste sentido, falar de gênero é também falar no plural, tendo em vista a diversidade de nossas culturas e situações. Da mesma forma, falar em gênero é afirmar a pluralidade do humano.

Não obstante, há críticas que se têm feito a essa categoria e/ou conceito por certas correntes do pensamento feminista, entre as quais uma das figuras de destaque é a da norte-americana Judith Butler (2006), sua crítica principal é com relação à restrição, à forma binária, ou à bicategorização da sociedade em homem e mulher. Para a autora, isso significa: “*uma operação reguladora de poder que naturaliza o caso hegemônico e reduz a possibilidade de pensar sua alteração*”. (BUTLER, 2006. p.70-71).

É bastante pertinente a crítica feita por Butler e outras autoras, porém este trabalho está levando em conta as reflexões realizadas pelas autoras aqui citadas, que consideram o gênero como uma categoria importante para analisar como se dão as relações de poder na sociedade de forma específica, no que diz respeito às construções dos paradigmas do masculino e do feminino e suas representações. O que cabe reconhecer que há diferentes formas de interpretação do conceito de gênero, desde a forma reducionista, utilizando o termo somente relacionado às mulheres ou ao binário homem e mulher, ou ainda, como neutro até à forma mais ampliada de utilização do conceito para analisar as relações de poder entre os gêneros,

considerando esses homens, mulheres, homossexuais e outros, tomando por base as questões de raça/etnia, classe, entre outras.

Cabe-nos recordar que a o conceito gênero como qualquer outro conceito é histórico e, portanto, está em constante processo de construção e desconstrução, não sendo uma teoria fixa ou acabada. Na década de 70, surgia a “segunda onda²⁵” do feminismo no Brasil e no mundo puxado pelos indivíduos para um debate intelectual, enquanto, no bairro de Parque São Rafael, as mulheres com bem poucos estudos e migrantes estavam assumindo papéis de líderes nas CEBs e promovendo greves e manifestações, reivindicando mais direitos e cidadania pelas ruas de São Paulo. Essas lembranças estão muito vivas na memória dos interlocutores, como as marcas e as rugas de tempo nas suas peles.

1.5 Geração dos velhos: experiências vividas, testemunhadas e lembradas.

As fontes de diálogos presentes em informações dos nossos estudos são as pessoas que têm acima de 70 anos de idade que podem ser denominado uma categoria dos velhos na sociedade brasileira. Aqui é indispensável salientar a importância dessa categoria neste estudo, uma vez que o termo “geração” é bastante amplo. Augusto Comte²⁶, considerado um dos fundadores da Sociologia, utilizou o termo a fim de explicar que as gerações se sucedem no tempo histórico e que essa sucessão continua é o que permite a realização daquilo que Comte considerava ser o fim ou o objetivo da história, a saber: a realização do progresso.

Karl Mannheim (1982), também retoma essa discussão, o que para ele é determinante no conceito de geração, não seria o aspecto biológico, natural, referente à época de nascimento, mas o fato de um grupo de pessoas compartilhar a mesma experiência histórica, que possibilitaria aos membros do grupo a adoção de um mesmo estilo de pensamento ou de ação. Acrescenta ainda que a experiência histórica compartilhada seria aquela capaz de suscitar grandes mudanças históricas. Nesse sentido, as gerações não resultariam da continuidade, como queria Comte, mas da descontinuidade histórica.

Assim, levamos em conta este aspecto, ao selecionar o “*corpus*” da presente dissertação, ao escolher as pessoas para contar suas histórias de vidas e o grupo focal, tendo

²⁵ Um dos primeiros grupos de que se tem notícia surgiu em 1972 em São Paulo e era formado por mulheres intelectualizadas (algumas eram professoras universitárias) que tinham entre 30 e 38 anos de idade. (PEDRO, Joana Maria. *O Feminismo de “Segunda Onda”*, p. 238 – 259. Carla Bassanezi Pinsky, Joana Maria Pedro (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo, Ed. Contexto, 2012)

²⁶ Sobre a questão leia-se “Comte e geração” no site: <http://gentequeeduca.org.br>

como objetivos coletar os dados. Os selecionados são pessoas que nasceram e cresceram nos contextos diferentes e lugares diferentes, mas ao migrar para a cidade de São Paulo, vieram morar no bairro de Parque São Rafael, desde início deste bairro e participaram direta ou indiretamente na história da construção do bairro. Também são pessoas que participaram na construção da igreja-prédio e tiveram uma participação ativa na Igreja Popular ou testemunharam essas atividades na região de zona leste de São Paulo. Não obstante, continuam atuantes nas comunidades católicas ainda hoje e lutando pelo reconhecimento de importância dos idosos na comunidade e na sociedade.

Segundo a filósofa Chauí²⁷ (2012), os velhos são a fonte de onde jorra essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara. No entanto, na cultura capitalista eles são tratados diferentes pelo fato de não poderem mais vender a força do trabalho. Suas experiências e lembranças são tratadas como ultrapassadas e antiquadas. A autora esclarece essa realidade ao dizer:

Os velhos são esquecidos e suas experiências são jogados no lixo. [...] a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos. A sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. (CHAUÍ, 2012, p.18)

A memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, numa sociedade capitalista, onde valorizam a força de produzir e a capacidade de consumir. A lógica da vida na sociedade moderna ou na pós-moderna muda pela padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice, pode ser pensada como resposta às mudanças estruturais na economia, devidas sobretudo à transição de uma economia que tinha como base a unidade doméstica para outra, baseada no mercado do trabalho e do consumo. A autora continua a dar motivos para o desprezo dos velhos ao dizer que:

[...] o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos. (Ibid., p.19)

Antônio Groppo (2002) faz reflexão sobre como a categoria social e histórica, as várias etapas da vida de um indivíduo, portanto, uma representação sociocultural, uma situação social, levando cada tempo e contexto cultural das sociedades a designarem a vida de um indivíduo

²⁷ A respeito veja-se a introdução do livro da Ecléa Bosi, “Memória e Sociedade”, 2012. p.18

com significados diferentes. Segundo Groppo, as faixas etárias reconhecidas pela sociedade moderna sofrem várias alterações. Ele diz:

As faixas etárias reconhecidas pela sociedade moderna sofreram várias alterações, abandonos, retornos, supressões e acréscimos ao longo dos dois últimos séculos. Do mesmo modo as categorias sociais que delas originaram também tiveram mudanças e até supressões, infância, adolescência, juventude, jovem adulto, maturidade, idoso, velho, terceira idade (GROPPO, 2002, p.13)

No Brasil, existem vários estudos feitos sobre os velhos e as suas memórias. Dentre eles, se destaca o da pesquisadora Ecléa Bosi no ano de 1979, ao trabalhar com pessoas idosas e suas memórias na cidade de São Paulo e publicado num livro intitulado: “*Memória e sociedade: Lembranças de velhos*”. Para Marilena Chauí a reflexão se volta para a situação dos idosos numa sociedade consumista, onde tudo é líquido que passa com tanta velocidade: as memórias e as experiências vividas são simplesmente ignoradas. Diante dessa realidade, nesta pesquisa, busca-se as memórias e experiências vividas dos velhos numa Igreja antes do Vaticano II (1962 – 65) e depois com as mudanças que têm acontecido na Igreja Católica e o surgimento e fortalecimento da Igreja Popular nas periferias da grande São Paulo, e no modo particular, no bairro de Parque São Rafael, na zona leste de São Paulo. Contemplado pelo pensamento de Ecléa Bosi, ao dizer que:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim; com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Dando relevo às instituições formadoras do sujeito. (BOSI, 2012, p.54)

A pesquisa, trabalha com as pessoas que têm acima de setenta anos de idade, consideradas como velhas na sociedade brasileira. Utilizando os métodos da pesquisa como histórias de vida, grupo focal, entrevistas com estas pessoas velhas, lembrando e reconstruindo os caminhos que elas percorreram até chegar ao bairro de Parque São Rafael. A observação da Antropóloga Bernardo (2007) é importante para compreender o valor da memória dos velhos. Ela diz:

A opção pela memória se dá porque são situações vividas que, embora possam parecer insignificantes à primeira vista, após a análise, poderão se mostrar plenas de significados. Na realidade, o estudo da memória se revela como um recurso metodológico por excelência. (BERNARDO, 2007, p.29)

A autora pondera a importância da memória dos velhos que podem ajudar a compreender a construção e a desconstrução dos papéis sociais dos indivíduos numa determinada época e num determinado local. Sendo a forma de conhecer mais de perto o papel da Igreja popular na construção dos papéis de gênero na periferia de São Paulo e de analisar os campos sociais e religiosos, a fim de melhor compreender a vivência e a formação dos papéis de gênero nestas realidades transitadas pelos interlocutores velhos deste estudo.

1.6 A Igreja Popular e o surgimento de novos sujeitos

Ao estudar a história da formação da Igreja Popular e seus novos sujeitos no Parque São Rafael, remeto-me ao período de história, onde, os setores populares atuavam nos projetos sociais, em especial pela não valorização de uma cultura elitista. Para conferir este momento, recorro ao sociólogo Wanderley (2007), com o populismo, as elites e os ditadores elaboraram um projeto nacional associando-o aos setores populares. Quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das “*classes subalternas*” como chamou Gramsci (BURKE, 1989, p.15). Surge então, a categoria povo, que já não era massa e não participava da elite, eram agrupamentos intermediários, relativamente organizados e associados aos ideais formulados pelas elites e o estado Nacional. Esse movimento se espalhou para a Igreja católica também, ao dizer:

Esse conceito influenciou a Igreja e, nos anos 50, surge uma espécie de populismo eclesial, penetração nos movimentos populares buscando um cristianismo militante, projeto pastoral da hierarquia e atuação do laicato no mundo em nome da Igreja (WANDERLEY, 2007, p.31).

A Igreja Popular é a manifestação do povo em geral, que começa a expressar a sua fé numa forma particular, através das expressões da religiosidade popular e as criatividade de expressão da fé, em que o próprio homem e a mulher se tornam os protagonistas da expressão da fé. Segundo o teólogo Leonardo Boff:

Na América Latina, por causa da cosmovisão religiosa predominante entre o povo, a Igreja desempenha uma relevante função reprodutora ou contestadora. Nos grupos subalternos predominantemente religiosos, a elaboração de uma visão cristã independente, alternativa e oposta à classe hegemônica, significa o ponto de partida do seu processo libertador, que terá sucesso histórico na condição de se atingir um certo grau de consciência (BOFF, L, 1981, p.167).

Esta cosmovisão afeta profundamente a sociedade em que a Igreja está inserida. Para chegar a este ponto da visão da Igreja, ela precisava passar por um longo caminho. Este caminho tem o início bem antes do Concílio Vaticano II, mas ela se torna uma forma mais sólida e ganha força após o Concílio. Descrito pelo teólogo Clodovis Boff, como:

[...] a construção da identidade das Igrejas da Periferia possibilitada pelo Vaticano II deu nascimento à “Terceira Igreja” – a do “Terceiro Mundo” (se ainda é lícito usar essa expressão). “Terceira Igreja” é uma expressão criada pelo missiólogo Walbert Buhmann para designar o conjunto das Igrejas do Sul do Mundo, nascidas justamente da “Primeira Igreja” - a do Oriente – e da “Segunda Igreja” – a do Ocidente ou latina²⁸. (BOFF, C. p.2, s/d)

Para este autor a Igreja da América Latina toma uma dimensão social e se abre para um novo caminho depois do Vaticano Segundo. Antes dele, a preocupação da Igreja oficial era manter a sua funcionalidade. Essa preocupação era evidente no I Concílio Plenário Latino-americano, realizado, em Roma, em 1899²⁹, representou a aplicação direta do Vaticano I³⁰ ao Continente. Essa tentativa é evidente ao dizer:

Num segundo momento temos na América Latina uma Igreja “romanizada”. Foi quando, na segunda metade do século passado, por várias causas, o modelo ibérico foi suplantado pelo fenômeno da chamada “romanização”. Essa se caracterizou por um modelo de Igreja extremamente centralizado no clero, na prática dos sacramentos e nas devoções de santos recentes e “oficiais”, destacando-se a devoção ao Sagrado coração de Jesus³¹ (BOFF, C., p.2, s/d)

A romanização do clero e da Igreja Latino - Americana era quase a única preocupação da Cúria Romana. O texto nos mostra o desinteresse total da Igreja oficial diante dos problemas

²⁸ Artigo publicado pelo autor no site: <http://servicioskoinonia.org/relat/203p.htm>

²⁹ O Papa Leão XIII convocou esse Concílio em 25 de dezembro de 1898, e, realizou-se em Roma, entre os meses de maio e julho de 1899. Era a primeira vez que se reunia num Concílio particular o episcopado de toda a América Latina. O Concílio Plenário marcou uma nova fase da Igreja Latino-americana. As relações com o Estado e suas concepções e a vida interna da Igreja são duas problemáticas que preocupavam fundamentalmente ao Concílio Plenário. Graças a esse Concílio Plenário, um novo impulso foi dado à Igreja Latino-americana, suscitando, nas várias Republicas da América Latina, uma série de reuniões do episcopado e do clero, favorecendo assim, naquelas regiões, a romanização da Igreja. No Brasil, desde a proclamação da República, segundo análise qualitativa realizada por Spolverini, Internuncio apostólico e enviado Extraordinário (1887 – 1891) aos bispos daquela época, faltava; “*ciência, energia, zelo, constância, união, reciprocidade de comunhão, direção e só existia docilidade à Santa Sé*”. Diante dessa realidade, a Santa Sé deveria promover a entrada no Episcopado aos sacerdotes de conduta exemplar, instruídos, zelosos e devotos a Roma. (*O Concílio Plenário Latino-Americano (1899)*, Francino Oliveira Silva, Revista de Cultura Teológica – v.16 –n.64 – jul/set 2008, p.111).

³⁰ Mais de trezentos anos haviam decorridos após a última assembleia do Concílio de Trento (1563), quando Papa Pio IX, em dezembro de 1864, comunicou aos cardeais a sua intenção de reunir novo Concílio Ecumênico. A Bula de convocação saiu aos 29/06/1868, convidando também os protestantes e os ortodoxos separados; estes, porém, não compareceram. (Fonte: [http:// www.universocatólico.com.br/index.php](http://www.universocatólico.com.br/index.php)).

³¹ <http://servicioskoinonia.org/relat/203p.htm>

gritantes que os povos da América Latina enfrentavam naquela época. Com o acontecimento do Vaticano II, a Igreja, no Brasil e na América Latina, ganhou um novo ar, tomando uma nova energia e opção para estar ao lado dos pobres e excluídos. Este evento histórico teve uma repercussão na Igreja e na sociedade em América Latina, principalmente no Brasil. Os documentos conciliares que encorajavam um compromisso social da Igreja Católica que já era uma característica evidente em muitos seguimentos da Igreja Católica no Brasil e na América Latina. A importância da Assembleia da Conferência Episcopal Latino- Americana (CELAM), em 1968, foi ter dado à luz a Igreja latino - americana, os documentos dessa assembleia, que ocorreu em Medellín, representam para muitos teólogos e sociólogos, o “ato de fundação” (BOFF, C. s/d) da Igreja da América Latina a partir e em função de seus povos e de suas culturas.

Segundo o teólogo Beni dos Santos,³² o documento dos Bispos da América Latina reunidos em Puebla no ano de 1979, define o termo “pobre” no sentido bíblico de “*anawin*³³”: quer dizer o curvado, o oprimido (SANTOS,1979). O termo tem, na Bíblia, uma conotação político-social. Este termo pode ser aplicado para o migrante, para o escravo, para o estrangeiro, para o perseguido, para o cativo. Não apenas se trata, por pobre aquele que é necessitado, mas também o oprimido ou explorado. Neste sentido, o termo pobres tem sido usado como uma classe social nas ciências sociais. Podemos fazer leituras diferentes dessa classe, a partir de uma leitura funcionalista, podemos ver os pobres como aquelas pessoas que estão na margem ou na periferia da sociedade. O que tem que ser feito é um trabalho de assistencialismo para que essa classe de pessoas possa integrar-se na sociedade que produz e consome. Essa leitura funcionalista é feita pela classe burguesa ou elite da sociedade. A Igreja tradicional, antes do Vaticano II, preocupava-se com assistencialismo com a classe pobre e promovia entre os seus fiéis e através das suas instituições, os atos de caridade. Estas duas facetas desta Igreja Católica é evidente numa reportagem que um religioso que trabalhou muitos anos no bairro de Parque São Rafael numa Igreja Popular, ao escrever sobre a sua nova experiência missionária numa outra diocese, onde o bispo diocesano era da linha tradicional. Ele escreve:

[...] Com as 3 irmãs pastorinhas aqui nos damos igualmente bem. Temos um projeto de pastoral em comum no contexto de uma Diocese que está dando marcha ré (*sic*) em alta velocidade. Para Dom Emílio, ter uma catedral em Campo Limpo é mais importante que ser amigo do povo. Um povo pobre, talvez mais pobre que no Parque São Rafael, porque ainda não descobriu a força da união e lutou menos. Gente boa, humilde, acolhedora, que parece se

³² Teólogo BENI DOS SANTOS, na Introdução para os documentos da Puebla, Paulinas,1979.

³³ Uma palavra hebraica usada na Bíblia.

contentar com o próprio sofrimento, aceitando-o como mal explicada vontade de Deus. Gente que não grita quando sofre, que aguenta num grande silêncio. (*Comunicar*, Boletim paroquial, 1990, p. 4-5)³⁴

Esta reportagem demonstra a distância entre os dois modos de ser Igreja num contexto social. O pensamento marxista tem outra leitura desta mesma realidade. Uma leitura marxista faz a classe pobre como resultado da exploração estrutural que existe na sociedade. As classes dominantes que controlam os meios de produção e o capital, exploram a classe proletariado e fazem a manutenção de uma estrutura de dominação e exploração. Diante desta realidade, a leitura segundo o sociólogo Wanderley (2007), a Teologia da Libertação traz o pobre como sujeito da mudança social transformadora e revolucionária. Segundo o autor, a expressão *opção pelos pobres*, tomou corpo nos documentos de Medellín e Puebla. Essa afirmação fica mais evidente quando Beni dos Santos disser que:

Os números 31 a 49 do documento (Puebla) fazem um elenco dos pobres da América Latina: indígenas e afro-americanos, camponeses sem-terra, operários, desempregados e sub-empregados marginalizados e aglomerados urbanos, jovens frustrados socialmente e desorientados, crianças golpeados pela pobreza, menores abandonados e carentes, **a mulher**. Em outros textos, o documento se refere ainda aos **migrantes** e **às prostitutas**³⁵. (SANTOS,1979, p.41)

As reflexões de Santos constituem-se em grande contribuição para o resgate da memória das mulheres nas lutas sociais no Parque São Rafael. Especialmente, por tomar a realidade periférica e pobre que os moradores viviam e a força dos movimentos populares da zona leste neste período. Ao observar os seguimentos dos pobres citados por uma Igreja que toma o lado daquelas classes que são dominadas exploradas, os bispos latino - americanos, fazem uma opção clara pelos pobres e, nestas classes, as mulheres são citadas como uma classe oprimida e pobres e podem ser consideradas em várias classes dos pobres. Reimer (1995), completa:

As mulheres têm experiências multifacetárias, semelhantes e diferentes. Semelhantes são suas histórias de opressão. Diferentes, as de libertação. E vice-versa. Elas são sujeitos que pensam e agem, mas que, também, muitas vezes simplesmente sofrem sob a ação e o poder de dominação de outras pessoas. São, igualmente, aquelas que muitas vezes, não sabendo como reagir, tornam-se coniventes com determinada situação de injustiça. (REIMER,1995, p.5)

³⁴ “Comunicar” é boletim paroquial, publicado por uma equipe da comunicação da Paróquia de São Marcos no bairro de Parque São Rafael. Essa reportagem é extraída da edição número 18, agosto de 1990(Fonte: Arquivo pessoal da Dona Maria).

³⁵ Os grifos são do pesquisador.

A autora traz a reflexão da opressão que as mulheres sofrem na sociedade e na religião, onde elas são consideradas em uma classe pobre em muitos sentidos, primeiramente consideradas como uma segunda classe ou “o segundo sexo”, como a feminista francesa Simone de Beauvoir denomina. Neste contexto, as mulheres são na maioria das vezes descriminadas pelos dois motivos, um pelo fato de ter nascido como mulher e outro pelo fato de ser pobre. Para compreender esta realidade de opressão, a reflexão da socióloga Cruz (2013) traz alguns acontecimentos que ocorreram no mundo:

A luta que as mulheres enfrentaram para sair da invisibilidade, para serem reconhecidas como pessoas humanas com vontade e direito não foi fácil. Muitas mulheres, ao abraçaram essas lutas, tiveram suas vidas sacrificadas. Um exemplo foi o das operárias que morreram queimadas, no século 19, em Nova York. Embora o fato gere muita controvérsia, uma verdade é certa: morreram ao defender a redução da jornada de trabalho e a garantia dos mesmos direitos usufruídos pelos trabalhadores homens. Marguerite Porete, teóloga do século 13, teve obra julgada, foi condenada pela Inquisição e queimada como herética em 1º de julho de 1310, na praça de Gréve, em Paris, diante de autoridades civis e religiosas e de um grande público comovido. A francesa Olympe de Gouge foi guilhotinada em 1793 no processo da Revolução Francesa, por escrever A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã. (CRUZ, 2013, p.24)

Essas lembranças históricas que a autora traz, demonstram a crueldade da opressão que as classes dominantes aplicavam sobre as mulheres, pelo fato de terem nascido mulher, consideradas como pobres e de uma classe desigual. É evidente que a maioria das mulheres sofre por dois motivos, um pelo fato de ser mulher e outro por ser pobre.

Diante desta realidade de pobreza e de exploração de uma grande parcela da população na América Latina, um segmento da Igreja conduzido por bispos, religiosos e leigos tomou o lado da classe trabalhadora³⁶. Muitas destas lideranças leigas e eclesiais, que tomaram o lado do povo pobre e oprimido, foram perseguidas pelo governo militar e pela classe dominante, que estavam no poder em muitos países da América Latina, inclusive no Brasil.

Nas décadas de 1960 e 70, marcadas pelo forte avanço industrial, anos de industrialização, principalmente nas cidades como São Paulo, o governo militar teve um

³⁶ A repercussão do Vaticano segundo também influenciou a Igreja do Brasil, ela vinha passando por um processo de renovação de um segmento por uma opção para ser uma Igreja mais popular, liderado pelo bispos como: Dom Helder Câmara, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Luciano Mendes e tantos outros, bem como alguns religiosos como Leonardo Boff e Frei Betto etc. Nos anos sessenta, o Brasil passava por uma grave crise política pela tomada do poder pelo golpe militar, devido a muitos fatores externos e internos. Um dos fatores que mais influenciou foi o crescente presença do comunismo no continente. Essa crescente influência do comunismo no continente fez com que as classes elites com o apoio dos Estados Unidos apoiassem a golpe militar no Brasil e nos vários países de América Latina.

discurso de implementação dos mecanismos para o país alcançar o progresso econômico e industrial. A implementação do desenvolvimento industrial nas grandes cidades e a quebra do agronegócio desencadeou uma migração em massa do campo para as cidades. Desse modo, deu-se surgimento das novas periferias, principalmente nas grandes cidades como São Paulo. Essa mudança se torna evidente:

A partir da modernização econômica implantada durante os anos 60 e 70, desenrolaram-se mudanças substantivas na estrutura socioeconômica do país, levando à configuração de uma moderna sociedade urbana que se caracteriza por traços bastante peculiares; o mais significativo deles é a estranha associação entre desenvolvimento econômico e pobreza (DAMACENA; PITTA, 1994, p. 13)

Neste contexto de mudanças sociais, pelo qual o Brasil passa, é fundamental compreender as implicações sociológicas do termo Igreja Popular e, assim consequentemente, a expressão da classe conhecida como o povo. Segundo Leonardo Boff (2004), a Igreja Popular se forma a partir de milhares de comunidades cristãs, majoritariamente constituídas de pobres, trabalhadores, mulheres, gente que vive nas periferias das cidades ou no campo, que realizam um modo novo de ser Igreja. As relações entre os membros são de comunhão e solidariedade, unindo fé e vida; o exercício do poder sagrado não é mais predominantemente burocrático, centrado no eixo clerical (padre e bispo), mas colegiado. Nessas Igrejas comunidades, a figura do padre e do bispo não representa tanto a autoridade, mas alguém que anima e acompanha o dia a dia das comunidades.

Ainda o supracitado autor, traz uma relação dessa nova forma de surgimento de uma Igreja para a cultura popular ao dizer:

Ademais essas comunidades cristãs se expressam dentro do código da cultura popular, que se distingue em muito da cultura dominante e ilustrada com a qual a Igreja durante séculos estabeleceu uma estreita articulação. A cultura popular é fundamentalmente comunitária, simbólica, festiva, barulhenta, criativa em seus cânticos de expressão da fé e da comunidade cristã. (BOFF.L, 2004, p.36)

Ele percebe que as pessoas que fazem parte desta Igreja tornam-se como sujeitos ao partilhar as suas alegrias e tristezas e as suas lutas do dia a dia à luz do Evangelho. Compartilha desse mesmo pensamento o sociólogo Wanderley (2007), ao dizer que os pobres são resultantes de um processo conflituoso, foram produzidos e não são resultado de um ato natural, são “*em – pobres*” pelo sistema de exploração e dominação que causa a pobreza.

Dentro da Igreja Popular, as mulheres tomam consciência da sua situação de que elas são duas vezes discriminadas; a primeira, pelo fato de ser mulher e a segunda, pelo fato de ser pobre. Elas percebem que a sua condição na sociedade também nada mais é do que uma consequência de uma construção social e histórica. A socióloga e feminista Saffioti lembra que: *“A felicidade pessoal da mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica”* (SAFFIOTI, 2013, p.63).

Quebrando esta lógica de dominação histórico-social construída, no interior da Igreja Popular, a mulher começou a assumir o papel de liderança e a ser motivo de reflexão, à luz da Palavra de Deus sobre a situação em que, ela e a sua comunidade viviam. Assim a Igreja Popular se tornou um chão fértil onde as mulheres se tornaram como sujeitos com palavra e visibilidade.

Neste contexto, analisamos que partindo do conceito da Igreja Popular, aquela que é o povo, foi uma classe sempre sociológica e politicamente distinta da classe dominante na sociedade. A palavra *“povo”* é vastamente usada no cotidiano na América Latina e principalmente no Brasil. Leonardo Boff (2004) explica o termo povo em três maneiras de fazer leituras. Numa primeira leitura, no âmbito da filosofia social, este termo se remete à antiguidade, nessa visão, povo vem definido como o conjunto dos súditos ou cidadãos de um mesmo Estado. Numa segunda leitura, no âmbito da antropologia cultural, o termo povo equivale a etnia ou nação, vale dizer, que uma população que pertence a uma mesma cultura. E, em terceiro lugar, povo significa uma palavra-chave no campo da política, entendendo a política como a busca comum do bem comum, seja aquela atividade que se destina à transformação, conservação ou administração da sociedade, mediante o exercício do poder de Estado.

De qualquer forma, o termo povo é usado cotidianamente cheio de ambiguidade. Por um lado, pode expressar o conjunto indiferenciado dos membros de uma determinada sociedade; por outro, significa a parte pobre, iletrada e quase sempre marginalizada da população. Não obstante, o sentido abrangente de povo possui um alto significado político na elaboração do Estado moderno, pois as constituições democráticas afirmam que todo o poder emana do povo e em seu nome deve ser exercido, ainda assim existe uma ambiguidade gritante no uso deste termo político e social.

O conceito de povo (a maioria pobres) se encontra na linguagem dos políticos quando se dirigem às multidões: vão ao povo, falam ao povo, agem em benefício do povo. Aqui emerge já uma dicotomia entre massa e elites, entre as maioria e seus dirigentes. [...] Com razão dizia um estudioso moderno:

“Uma secreta intuição faz que cada um se julgue mais povo quanto mais humilde a sua condição social; é este um título - o único aliás - de que os desfavorecidos da sorte não abrem mão. [...] povo é uma expressão típica do movimento popular (BOFF.L, 2004, p.39).

O Vaticano II recuperou o sentido globalizador da Igreja, quando tratou da Igreja toda “Povo de Deus”, superando o clericalismo. Este povo ganha uma nova força e sentido na sua existência e nas suas ações comunitária. Assim, em vez de uma Igreja –sociedade com poder centralizado e hierarquizado e funcionais, começa a surgir uma *Igreja-comunhão-e-comunidade* (BOFF.L, 2004), com uma distribuição mais equitativa do poder sagrado, com relações orgânicas e mais participativas.

Nesta perspectiva, a mulher e o homem que apareciam na margem da sociedade tomam uma nova consciência, no Brasil, e assumem novos papéis nesta Igreja Popular que surge pelas periferias das grandes cidades e também no interior. Wanderley (2007), observa; nunca é demais lembrar que, tanto nas comunidades quanto nos movimentos de bairros, a presença da mulher tem sido prioritária e constante.

1.7. Teologia da Libertação e a sua influência na Igreja Popular.

Na América Latina, a transformação social ganha força a partir de uma linha do pensamento dentro da Igreja Católica, chamada Teologia da Libertação; com as raízes deste pensamento na Palavra de Deus e na vida do próprio Cristo. Segundo Wanderley (2007), a Teologia da Libertação surge na América Latina, diante de perguntas que não se calavam: Como explicar a pobreza que identifica milhões de seres humanos oprimidos? Quem indicaria os caminhos e os meios mais adequados à transformação da realidade social perversa? Qual o papel da religião nesse processo? Leonardo Boff define a Teologia da Libertação dizendo:

[...] a teologia da libertação, que pretende ser a teoria adequada às práticas do povo oprimido e crente; ela quer ser o momento de esclarecimento e de animação do caminho da libertação popular, sob a inspiração evangélica. [...] Dentro da teologia da libertação há várias tendências: uma que enfatiza mais o aspecto analítico da pobreza e, partindo daí, reúne os dados de fé que ajudam a superar essa situação; outra que parte, de preferência, de uma visão bíblica e que se aproxima da realidade a partir de uma perspectiva teológica; uma terceira que quer valorizar a religiosidade popular e seu aspecto de resistência e de libertação; e, como essas, outras correntes (BOFF, L. 2004, p.155).

Considerado como o fundador da Teologia da Libertação, Gustavo Gutierrez, um teólogo, nos anos 50, diante dos grandes problemas sociais e revoluções que América Latina passava, ele se inspira nos textos de Weffort, Cardoso, Gunder Frank, Quijano, Sunkel, Furtado, Faletto, Dos Santos, entre outros. E recupera os autores que trataram do imperialismo e do colonialismo, mas do ponto de vista dos centros do mundo capitalista (Wanderley, 2007). O autor complementa ao dizer:

A urbanização e a industrialização crescentes trouxeram a entrada das massas nos processos políticos, a resposta do populismo e uma radicalização política na qual a revolução cubana cumpriu um papel acelerador. [...] Sua tese básica centra-se na construção de “um homem novo”. Daí ele (Gutierrez) infere a necessidade de uma libertação que supere a dependência econômica, social e política, torne o homem livre de todas as servidões e seja artífice de seu próprio destino, o que exige uma revolução cultural, assumida pelo povo oprimido e que parta dos valores próprios desse povo (WANDERLEY, 2007, p.81).

No contexto brasileiro, a influência da Teologia da Libertação consolida-se pelos escritos dos irmãos Boff (Leonardo Boff e Clodovis Boff) e outros teólogos como Frei Betto³⁷ etc. Nessa linha de análise, muda-se todo o eixo da prática da caridade e da solidariedade com os pobres, objetiva-se passar da posição clássica assistencialista e paternalista de auxílio aos pobres para a da associação com eles em suas lutas no processo de mudança. Aqui uma citação dos documentos dos bispos em Puebla esclarece essa mudança de pensamento da Igreja na América Latina e no Brasil: “*Ao analisarmos mais a fundo tal situação, descobrimos que essa pobreza não é uma etapa transitória e sim produto de situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, que dão origem a este estado de miséria*” (Boff, L e Boff, C., 1979, p.83).

Aqui é importante sublinhar a importância do método aplicado pela Teologia da Libertação, para fazer a análise da realidade social a partir de uma reflexão bíblica. Este método tem três passos que são conhecidos como: Ver – Julgar - Agir³⁸. Dona Judite, uma entrevistada,

³⁷ Nome completo é Carlos Alberto Libânio Christo, popularmente conhecido como Frei Betto. Ele é religioso dominicano e um dos grandes nomes que atuou contra ditadura e promoveu as CEBs e Movimentos Sociais no Brasil (<http://revolucoes.org.br/v1/conferencia/frei-betto>).

³⁸ É muito importante sublinhar este caráter de resposta a uma interrogação que possui toda teologia e em especial a Teologia da Libertação. A consciência desta realidade está presente na Teologia da Libertação desde seu início: ver analiticamente, julgar teologicamente e agir pastoralmente (ANDRADE, 1991, p.94). As comunidade eclesiais de base se orientam pelo método *Ver-julgar-agir*. Reunidos num barraco de vila, na casa modesta de um lavrador ou no salão paroquial, os participantes fazem suas orações e cânticos e, em seguida, colocam seus problemas e dificuldades. [...] No relato, saem os problemas e as dificuldades; percebe-se que uma ou duas questões se impõem como mais importantes. A esta parte, chama-se o *ver*. Em torno das questões principais é que a reunião prossegue. Passa-se ao *julgar*. Como Jesus agiria nessa situação? Como devemos agir? Esta segunda parte do método é sempre ligada ao Evangelho. Alguém sugere uma passagem do Novo Testamento que, a seu ver, ilumina o tema em discussão. Todos ouvem em silêncio e, em seguida, fazem seus comentários. Desta relação ação de Jesus-nossa

que desempenhou um papel como uma liderança na Igreja Popular, nos movimentos populares da região Zona Leste, fala com saudade daqueles tempos de luta:

Nos reuníamos nos grupos de reflexão da Igreja semanalmente, numa casa do membro. Nós sempre meditávamos numa passagem bíblica, refletíamos sobre o que aquela passagem queria falar para nos na realidade que vivíamos em nosso bairro. A gente se perguntava, porque a gente vivia naquela situação, sem posto de saúde, sem água, sem luz e com tantos outros problemas? Será que Jesus queria que nós vivêssemos assim? Será que nós também não somos gente como aqueles que moram nos bairros ricos? Por que os políticos esquecem da gente que mora na periferia? Aí discutíamos como nós podemos lutar para ter uma vida digna? Como planejar as reivindicações junto com representantes do governo. Organizávamos passeatas etc. Era muito bom (DONA JUDITE, 76 ANOS).

Na fala da Dona Judite, fica evidente como este método ajudava mulheres e homens pobres, que com pouca instrução escolar, conseguiam fazer uma análise complexa da sociedade atual e dos problemas sociais, políticos e religiosos, que permeavam a sociedade em que eles viviam. A partir dessa opção, uma boa parte dos bispos, muitos teólogos, religiosos e líderes leigos ganharam força para fazer uma opção clara pelo povo pobre. Assim, começaram a nascer pequenos grupos nas periferias das grandes cidades e nos campos, conhecidos como Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e muitos líderes desta Igreja Popular ou do Povo, começaram a incentivar a formação dos sindicatos e associações dos grupos oprimidos como trabalhadores, associações de bairros, sindicatos rurais, Comissão Pastoral da Terra e Associação de mulheres etc. Neste contexto, nasce e ganha a força a Igreja Popular no Brasil. Nestes novos movimentos, que são conhecidos como Movimentos Populares e sociais, como: CEBs, Associação dos Bairros e nos sindicatos, as mulheres se tornam protagonistas e líderes e muitas vezes têm uma presença mais numerosa, como consta ao sociólogo Wanderley (2007).

A Igreja Popular abre novos espaços para os pobres e oprimidos. No contexto desta pesquisa, as mulheres migraram para periferia da grande São Paulo, a maioria com pouca instrução escolar, vieram da zona rural de vários cantos do Brasil. Elas encontraram, na Igreja Popular o apoio necessário para se tornar em sujeitos de uma nova história. As células, onde elas aprenderam fazer uma nova leitura da realidade pobre e oprimida em que viviam, foi, a Palavra de Deus, nas CEBs da Igreja Popular.

ação, entra-se na terceira parte: *o agir*, o planejamento, a forma concreta de enfrentar o problema (FREI BETTO, 1985, p. 29 -30).

1.8. Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e os papéis de gênero.

Teólogos como Leonardo Boff (2004) e sociólogos como Wanderley (2007) afirmam que há uma conexão muito estreita entre o fenômeno das CEBs e da Teologia da Libertação. No contexto Latino-americano, uma não pode ser sem a outra. As comunidades eclesiais representam a prática da libertação popular e a Teologia da Libertação, a teoria dessa prática.

As CEBs representam a expressão religiosa da mobilização popular que, em toda a América Latina, ganhou corpo na década de 1960. Boff. L (2004) explica o surgimento das CEBs:

Dentro dessa mobilização mais geral, o aparecimento das comunidades eclesiais deve-se à convergência de outros três movimentos de Igreja: o movimento dos catequistas populares, de Barra do Pirai, RJ, que na década de 1960 se organizou para suprir a carência de sacerdotes na diocese; o movimento de educação de base (MEB) de Natal, RN, que com suas escolas radiofônicas unia evangelização e promoção humana nos meios pobres e oprimidos; os planos de pastoral de conjunto da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), que tencionavam, já antes do Concílio Vaticano II, dinamizar todas as forças vivas da Igreja, especialmente as paróquias e o laicato. Sem a articulação desses movimentos, interno e externos, dificilmente se pode compreender o aparecimento das comunidades e de suas práticas alternativas. O eclesial e o social estão associados, desde o princípio, na configuração das comunidades (BOFF.L, 2004, p. 146).

Ao explicar os possíveis movimentos que deram origem a este fenômeno social chamado CEBs, estudiosos como Boff. L (2004) afirmam que a CEB é constituída de um grupo de 15 a vinte famílias, ou mais, que se reúnem em torno da Palavra de Deus, para expressar e alimentar sua fé, discutir, à luz dessa palavra, seus problemas e ajudar-se mutuamente. Na região da zona leste, onde a pesquisa foi realizada, as comunidades são formadas também de quinze ou mais famílias; todos os participantes do grupo focal e as pessoas que contaram suas histórias de vidas foram e são participantes destas comunidades. Essas pessoas foram as bases de construção das comunidades no bairro do Parque São Rafael.

Por este motivo, podemos confirmar que a CEB é uma comunidade: grupos primários e vizinhos com relações imediatas e participação igualitária. Outro fator é o elemento religioso, constitui o princípio estruturante (Boff, L, 2004). O evangelho e o próprio sentido de pertença à Igreja é que propiciavam a formação da comunidade. A maior parte dos participantes, pertencem à base da sociedade como operários, empregados, subempregados, dona de casa, ou podemos dizer: as camadas populares pobres; pertencem assim, também, à base da Igreja, pois se trata de leigos.

Nas histórias de vidas e conversas com os membros do grupo focal, identifiquei que todos são migrantes para a periferia de São Paulo, com poucos estudos, constituindo-se ativamente nas CEBs no bairro. O Padre José, que foi um grande incentivador das CEBs e das lutas sociais, principalmente incentivando o movimento de saúde na zona leste, lembra:

Os homens saiam muito cedo para trabalhar nas fábricas e nas empresas, chegavam tarde também, pois a condição de transporte público era precária naquela época. Quem participava mais nas reuniões e mobilizações, sempre eram as mulheres (Pe. JOSÉ, 72 ANOS).

Essa afirmação do entrevistado coaduna-se com os resultados dos pesquisadores sobre as CEBs, quanto à maior participação das mulheres, nas comunidades eclesiais de base em toda a Igreja³⁹. A fonte da reflexão e a inspiração das CEBs é a Palavra de Deus, conforme o pensamento de Boff, L (2004), *“a página da Bíblia é confrontada com a página da vida”*. Outro fator importante na CEB é, todo o movimento das comunidades implica um processo de distribuição diferente e mais participativo no poder sagrado, na doutrina, no culto e na organização. O autor ainda constata que, sociólogos, como Marx Weber e Karl Marx, atribuíam exatamente essa função à religião: função de ser fator de apaziguamento das classes dominadas e de justificação das classes dominantes. Mas nas comunidade de base emerge uma função de mobilização, contestação e libertação a partir da religião. A fala da Dona Paulina no grupo focal confirma a afirmação de Boff, L, ao dizer:

Naquela época, a gente reunia nas casas para rezar. Era muito bom, muita gente participava; homens, mulheres, jovens e crianças. Cada um levava alguma coisa para partilhar no final da reza. A gente era pobre, mas sempre tinha algo para partilhar. Nestes grupos, a gente discutia os problemas que a gente vivia naquela época à luz da Palavra de Deus. Sabe, parece que naquela época a gente era muito mais unida. Hoje, todo mundo vive com medo de assalto e roubo, ninguém faz nada! (PAULINA, 78 ANOS).

A dimensão libertadora da religião só vem à tona quando o povo oprimido se liberta de certo tipo de leitura do capital religioso que oculta as contradições da sociedade. Essas contradições vividas numa Igreja Tradicional são questionadas nas CEBs principalmente pelas mulheres, assim a Igreja Popular abre as portas para novos questionamentos e para uma nova vivência da fé. As CEBs no bairro se transformaram também num lugar, onde as pessoas adultas, que queriam aprender a ler e escrever, podiam aprender, assim abrindo um novo

³⁹ Ainda hoje nas CEBs, as mulheres somam cerca de 80% de seus membros, e são elas que se destacam como animadoras e coordenadoras dos grupos (BENICÁ & ALMEIDA, 2006:72).

caminho para as classes oprimidas; abrindo um novo mundo de descobertas e aprendizagens.

O Pe. José confirma ao dizer:

A maior parte dos alunos nas aulas de alfabetização eram as mulheres, elas sentiam uma grande sede pelo conhecimento, aprender a ler e escrever, principalmente para ler a Bíblia, o livro que era proibido ler pela Igreja Oficial por muito tempo (PE. JOSÉ, 72 ANOS).

A observação do Pe. José pode ser confirmada na fala da Dona Izabel no grupo focal, ao dizer que:

O padre José me incentivou a fazer um curso na área de saúde, oferecido pela diocese. Fomos em duas, eu e a Dona Maria, daqui de Parque São Rafael. Depois, nós visitamos os doentes em casas, abrimos a casa de acolhida para as pessoas com HIV, foi um trabalho bonito e árduo. Até hoje continuamos a nossa missão (IZABEL, 70 ANOS).

No Encontro nacional das CEBs, que aconteceu em Duque de Caxias (1989), houve grande preocupação nas discussões sobre a realidade de desigualdade de gênero e outras desigualdades, que aconteciam na sociedade brasileira e Latino- americana. “*Rosto de índio massacrado, rosto de negro marginalizado, rosto de mulher discriminada, rosto de operário explorado por baixos salários, rosto do menor abandonado, rosto do povo espoliado de mil maneiras, no campo e na cidade*” (WANDERLEY, 2007, p.52). Neste sentido, por meio das CEBs, *o poder simbólico produzido* (BOURDIEU, 2011, p. 28) pelas classes privilegiadas foi quebrado e construído novo veículo de comunicação simbólica pelas classes oprimidas e discriminadas. A participação das mulheres, numa forma mais evidente e ativa trabalharemos no segundo capítulo desta pesquisa. Para compreender melhor a história da Igreja Popular e das CEBs, é fundamental entender o processo de formação das periferias das grandes cidades, onde aconteceu a pesquisa.

1.9 As periferias de grandes cidades e a Igreja Popular.

Os interlocutores deste estudo, segundo seus relatos, são migrantes que vieram de vários cantos do Brasil, devido a muitos problemas que foram abordados na introdução, principalmente pela quebra da cafeicultura no interior de São Paulo e no estado do Paraná. São pessoas pobres, com pouca instrução escolar, obviamente não tinham condições financeiras

para ter uma moradia nos bairros já tradicionais de São Paulo. A migração do campo à cidade era um fenômeno social que acontecia no Brasil, desde os anos de 1930 e depois foi intensificando, ao acompanhar o processo de industrialização da economia. Importante a observação da Durhan:

A população urbana brasileira que, em 1920 não representava mais do que 10% da população total atinge [...] Em 1970, pela primeira vez, a população urbanizada excede a rural – dos 93 milhões de brasileiros recenseados em 1970, 52 milhões, isto é, 56 % residia nos aglomerados urbanos (DURHAN, 1973, p. 20).

Esse retrato que autora traz ajuda a compreender a força do fenômeno social da migração, que aconteceu nestas décadas no Brasil. A história de toda zona leste de São Paulo também faz parte deste processo migratório, que aconteceu nesta época. A autora deixa ainda mais claro: o agravamento do quadro acontece pelo fato da falta de mão de obra para indústria ao dizer: *“o processo que vem se instaurando desde 1930, quando o migrante nacional passa a substituir o migrante estrangeiro como mão de obra mobilizada para promover o desenvolvimento econômico”* (Ibid., p. 16).

O povo migrante vinha da zona rural, começou a formar a população nas áreas distantes do centro das grandes cidades, formando assim as periferias das grandes cidades como a de São Paulo. Eles trouxeram junto a sua cultura e as tradições vividas na zona rural e nas suas regiões. Segundo a antropóloga Durhan (1973), a família rural brasileira, hoje como antes, estrutura –se de modo muito simples, em termos de subordinação das mulheres aos homens e dos mais jovens aos mais velhos. Fica ainda mais evidente quando a autora nos dá um retrato mais fiel dessa realidade rural, que a população brasileira rural vivia nesta época, ao dizer:

Deve-se também levar em consideração que a dominância masculina pode ser mais que real. Observam-se frequentemente casos em que as mulheres assumem a liderança de um grupo doméstico ou mesmo assumem papéis tipicamente masculinos. É o caso, por exemplo, de certas figuras femininas do cangaço, que combatiam ao lado dos homens. O mesmo fenômeno observa-se tanto no plano do real como no universo representativo (neste caso no folclore). Em plano um pouco diferente, é o caso também das “virgens”, figuras importantes de videntes no movimentos messiânicos. Poder-se-ia supor, na base desses exemplos, que à mulher é dado assumir papéis masculinos em situações especiais, e quando não exerce a função de esposa. Os caso de líderes femininas parecem sempre referir-se a viúvas, “companheiras” ou “virgens”, mas nunca a esposas. Creio que, quando casadas, mesmo as mulheres de grandes iniciativas tendem a canalizar suas influências através dos maridos. Nesse sentido, a dominação masculina parece constituir elemento essencial do grupo doméstico regular e às mulheres é dado maior liberdade apenas fora dessa situação (DURHAN, 1973, p. 65- 66).

A população que migrou para as periferias de cidade também trouxe esses costumes e tradições junto consigo. Mas, aqui na cidade, tiveram de adaptar-se a um novo ritmo de vida, os homens tiveram de sair cedo para chegar ao trabalho e as mulheres ficaram em casa sem muito o que fazer, apenas cuidando dos filhos e cuidando da casa. A força feminina do trabalho era também aproveitada pelas indústrias pagando menos e explorando ao máximo. Na realidade da periferia, as mulheres, sendo esposas e mães, não ficaram apenas acomodadas. Elas junto com seus maridos trabalharam para construir suas casas, sendo ajudante de pedreiro etc. Dona Maria de Nazaré lembra com muito orgulho no grupo focal: *“Sabe, eu ajudei construir a minha casa, onde moramos até hoje. Fazia a massa, carregava tijolos, trabalhei como homem”* (MARIA DE NAZARÉ, 80 ANOS).

A Igreja Oficial não estava presente na periferia, muitos missionários que trabalhavam junto ao povo eram estrangeiros, missionários com a influência do Concílio Vaticano II e fizeram uma opção pelo povo pobre e oprimido da Igreja Popular. Pe. José, um dos sacerdotes que ajudava o povo a organizar-se em movimentos sociais e CEBs lembra: *“As mulheres participavam em reuniões, que a Igreja promovia, para discutir a questão da saúde, creche, a questão da água e escola etc., pois o governo não se interessava por nada sem a luta”* (PE. JOSÉ, 72 ANOS).

É nessa realidade do povo pobre e migrante que a Igreja Popular ganha chão e força. O povo cantava seus sofrimentos e suas lutas na periferia, levava esta realidade para grupo de reflexão das CEBs, discutiam seus problemas à luz de Palavra de Deus. Aqui é importante notar a observação do sociólogo Wanderley (2007), ao dizer:

É nas CEBs que a mulher adquire a sua cidadania, liderando-as majoritariamente. [...] ontem era a igreja clerical dividida e mandando na Igreja Povo (laical); hoje nas CEBs é a Igreja Povo de Deus que se organiza na Base, pelos bairros e povoados, onde há vários ministérios, vários carismas, isto é, vários serviços, várias vocações. [...] ontem era a Igreja da sacristia, das estatuas de ouro e prata, dos altares cheios de velas, hoje nas CEBs, é a Igreja que se associa aos que lutam pelo respeito do homem e pelo nascimento de uma nova sociedade. (WANDERLEY, 2007, pp. 44-45)

É impossível abordar o tema de construção social de gênero, nesta pesquisa, sem abordar o processo social da migração da população para zona urbana e o nascimento da Igreja Popular nas periferias de grandes cidades como São Paulo. Nesta nova realidade, nascem e formam-se as novas identidades pela força da Igreja Popular.

Percebe-se que a Igreja Popular é um espaço próprio para construção das novas identidades dos homens e mulheres migrantes e pobres das periferias das grandes cidades, onde eles se enfrentaram com novas realidades e novos “campos sociais” (Bourdieu, 1989). A Identidade não é uma realidade fixa, ela está em constante mudança e em construção. Compreendemos este dinamismo na reflexão de Hall:

As identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo” sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas-idênticas-aos processos de sujeito que são nelas investidos (HALL, 2014, p.112).

A Igreja Popular é um espaço, onde o pobre aprende a tomar consciência da opressão que existe na sociedade. O indivíduo e o grupo tomam conhecimento dos mecanismos da opressão social aplicados pelas classes dominantes. Segundo o mesmo autor, os indivíduos são constituídos como sujeitos pela formação discursiva. Os movimentos sociais, CEBs e outros mecanismos, que eram fortalecidos pela liderança da Igreja Popular, fizeram com que os novos atores aparecessem no jogo social, político e religioso. Este fato se confirma quando Dona Izabel, que foi uma líder comunitária no bairro e na Igreja Popular, diz que:

Meu grupo era um dos maiores grupos de reflexão do bairro, chegava ter até 30 pessoas em cada encontro. A gente lia e refletia sobre a palavra de Deus. Nós participávamos nas manifestações no centro da cidade, não tínhamos medo da polícia, lutávamos pelos nossos direitos e pela melhoria do nosso bairro (IZABEL, 70 ANOS).

O Estado e a Igreja Tradicional esforçaram-se para construir uma identidade dos fiéis submissos ou patriotas. As mulheres sofriam ainda mais, suas identidades e presenças eram apenas secundárias. A Igreja Popular, com suas reflexões baseadas na Teologia da Libertação quebra essa lógica de dominação. Para compreender essa lógica de construção e a reconstrução, reportamo-nos ao pensamento de Woodward:

A política da identidade tem a ver com o recrutamento de sujeitos por meio do processo de formação de identidades. Esse processo se dá tanto pelo apelo às identidades hegemônicas – consumidor soberano, o cidadão patriótico [...], ao colocar em jogo identidades não têm sido reconhecidas, que têm sido mantidas “fora da história” ou que têm ocupado espaços às margens da sociedade (WOODWARD, 2014, p.37).

Os migrantes, as mulheres, os operários e os desempregados, entre outros, que vieram à procura de um local para morar, eram considerados pelo Estado e pela classe elite como “*fora da história*”, à margem da sociedade e da cidade. A Igreja Popular faz uma opção por este povo pobre da periferia, transformando-o em sujeito de uma mudança histórica social no Brasil. O que Oliveira (2007), nos lembra ao referir-se ao papel da Igreja Popular em construção de novos sujeitos na sociedade. “*Verifica-se de modo cristalino: ela se identifica como uma Igreja “da libertação” da qual participam todas as pessoas ou grupos que com ela se identificam, sem critérios formais de inclusão*” (OLIVEIRA, 2007, p.23).

É evidente observar a participação dos homens e das mulheres na Igreja Popular, nos grupos bíblicos e nas celebrações litúrgicas, sem ter uma ordenação hierárquica, assumem os papéis de líder e animador. Na Igreja Popular, o poder não é administrado por aqueles que podem administrar os sacramentos, mas por *pessoas que vivem a fé* (BOFF, L, 1981). Impulsionadas pela fé e motivadas por líderes da Igreja Popular, as mulheres que foram formadas para serem esposas e mães, assumiram novos papéis como líderes e participantes nos movimentos populares e sociais na zona leste.

1.10. Igreja Popular e os Movimentos Sociais.

A Igreja Popular foi o berço de muitos movimentos sociais como movimento pela moradia, movimento pela terra, comissão de justiça e paz, sindicatos dos trabalhadores rurais e outros tantos movimentos que reuniam as pessoas que pertenciam às classes dominadas. Recordamos ainda dos estudiosos, já citados, como Leonardo Boff e Wanderley, que fazem uma interpretação dialética do pobre, em oposição à funcionalista ou liberal da pobreza, assim acrescentam as mulheres, os índios e negros etc., para a categoria dos pobres. Essas novas categorias se tornam como protagonistas nos movimentos sociais e populares. Este papel da Igreja Popular como fonte de inspiração destes movimentos fica claro ao analisar a observação de Wanderley (2007): Os movimentos sociais em geral e os movimentos populares em particular constituem forças básicas para a construção da “nova” sociedade.

Se a Igreja oferece o pão, ela também oferece a Palavra, daí a necessidade de não reduzir o pobre à pobreza, nem aprisioná-lo na condição da classe, mas ele deve ser reconhecido prática e teoricamente, moral e analiticamente, como um sujeito humano, que, embora reprimido, é sempre digno de respeito, titular permanente de direitos inalienáveis e sujeito de sua própria libertação (WANDERLEY, 2007, p.28).

Diante da realidade vivida pelo povo pobre no Brasil e na América Latina, a Igreja Popular assume um novo papel de estar ao seu lado, tornando o oprimido sujeito da transformação social. Aqui, as barreiras que as classes dominantes e a religião tradicional implantavam para dominar, a sociedade quebra e gera novas lógicas de relacionamento e de liderança. As mulheres têm um papel fundamental na Igreja Popular e nos movimentos sociais e populares. As mulheres têm uma participação importante e numerosa nas reuniões e manifestações populares pela melhoria dos bairros e reivindicando os direitos. Zaíra Ary (2000), Wanderley (2007), Cruz (2013) e Boff, L (2004), destacam o papel das mulheres nas CEBs e nos movimentos estudantis como: A Juventude Estudantil Católica Feminina (JECF), A Juventude Universitária Católica (JUC), Associações de Bairros, Sindicatos Rurais etc.

Na Zona Leste de São Paulo, no bairro do Parque São Rafael, onde o estudo foi realizado, há esses movimentos pelo apoio da Igreja Popular. Nas histórias de vida e nas conversas do grupo focal, a participação dos membros nestes movimentos é evidente. Dona Paulina diz: *“Naquela época, nós participávamos na Associação do bairro, CEBs, era um tempo muito bom. A gente ia para luta mesmo”* (PAULINA, 78 ANOS). Os documentos de uma das participantes nos movimentos sociais, reunidos pelo pesquisador, mostram a força do grupo intitula-se: *“Movimento de Saúde”* na zona leste. Estes documentos serão analisados no próximo capítulo. A Igreja Popular e os movimentos sociais eram interligados, um alimentava o outro, um ganhava a força do outro. A palavra de Deus era a fonte de inspiração para os membros da Igreja Popular os quais muitas vezes são membros dos movimentos sociais e populares.

Nesses movimentos sociais e na Igreja Popular, a dignidade humana era questão central das preocupações. Essa opção fez com que a classe dominante começasse a criticar severamente e perseguir os líderes da Igreja Popular e os líderes dos movimentos sociais. Lembrada por Dom Hélder Câmara, desse modo: *“Quando nós estávamos com os ricos e os poderosos, nunca fomos acusados de fazer política, mas quando nós defendemos os pobres e os oprimidos, somos criticados de fazer política”* (DOM HÉLDER CÂMARA)⁴⁰.

Nesta fala, fica claro a opção que os líderes da Igreja Popular fizeram e as suas consequências. Muitos deles foram perseguidos pelos líderes do governo militar, membros da elite da sociedade brasileira e uma parcela dos líderes da Igreja Católica Tradicional também não apoiava as palavras e ações dos líderes da Igreja Popular no Brasil.

⁴⁰ Trecho do DVD (121), Concílio Vaticano II em prosa e poesia, Verbo Filmes, 2015

Existem diferentes leituras feitas pelos grupos diferentes dentro e fora da Igreja sobre a condição antropológica, social, política e religiosa do oprimido. Um lado, os líderes da Igreja Tradicional e uma parcela da sociedade brasileira desconfiava da influência marxista nos movimentos sociais e nas ações dos líderes da Igreja Popular. Eles analisavam o pobre na sua dimensão religiosa e bíblica, como uma forma de fazer as ações de caridade e assistencialismo.

Aqueles que eram da Igreja Popular e Movimentos sociais viam o pobre como uma classe social histórica, como fruto da exploração das classes dominantes. Boff, L., diz:

[...] rede de comunidades, associações, movimentos populares autônomos e articulados entre si que, de dentro da massa e contra o espírito de massa, vai se formando em tensão e contraposição às elites, com a vocação de transformar a todos – massa e elites – num único povo assentado sobre as mais diferentes formas de participação e de comunhão. Entre a massa informe e as elites, permeia a comunidade ou a organização popular autônoma. Ela é o grande instrumento gerador de povo. “Povo”, portanto, não existe previamente como um dado histórico-social (BOFF, L., 1986, p. 45).

Esta categoria social de povo está em construção, mediante as lutas sociais, atacando as causas da opressão. Ao analisar as memórias dos pesquisados e teóricos como Leonardo Boff (2004), Wanderley (2007), Comblin (1994) e Durhan (1973), identifiquei o surgimento das mulheres como novos atores sociais na Igreja Popular e nos Movimentos Sociais no bairro de Parque São Rafael. Tudo indica que este surgimento das mulheres como sujeitos históricos nestes campos sociais aconteceu por vários fatores.

Segundo Comblin (1994) e Durhan (1973), não há espaço para as mulheres desempenharem o papel da liderança ou tomarem iniciativa, num processo de transformação social num contexto rural, onde os papéis sociais dos indivíduos e grupos são historicamente delimitados. No entanto, ao migrar para o contexto urbano, esta lógica se quebra e novos espaços sociais são abertas para a construção social dos novos papéis de liderança e de gênero. Wanderley (2007) e Boff. L(2004) reiteram a predominância feminina nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Ao analisar este fato social (Durkheim, 1996) do aparecimento das mulheres como novos atores sociais no bairro do Parque São Rafael, destaco alguns elementos para compreender o contexto social de construção do gênero neste espaço geográfico, social e antropológico. Tudo indica que são cinco fatores que influenciaram neste processo de *empoderamento* das mulheres na realidade urbana.

O primeiro fator seria que as mulheres tiveram mais consciência do bairro, pois ficarem em casa, para os trabalhos domésticos e cuidados dos filhos. Segundo o entrevistado e

o líder da Igreja Popular, Pe. José: “*as mulheres tiveram mais tempo para participar nas reuniões e nas formações na Igreja, pois os homens trabalhavam longe do bairro e tiveram que sair de casa muito cedo e voltavam muito tarde*” (PE. JOSÉ, 72 ANOS). Neste contexto, as mulheres buscavam um espaço de sociabilidade e encontraram este espaço nas comunidades católicas do bairro (CEBs), onde elas tiveram um processo de conscientização da sua condição histórico-social e participaram em vários cursos de formação na Paróquia São Marcos Evangelista. Elas começaram a assumir novos papéis tanto na Igreja Popular, quanto nos movimentos sociais.

Possivelmente, um segundo fator que abriu o caminho para construção de gênero deve ter sido o surgimento das novas oportunidades neste novo espaço social. Na zona rural, o espaço onde a mulher podia transitar era o espaço doméstico, ou seja, os espaços públicos eram ocupados e reservados aos homens (Bourdieu, 2012). As tradições e costumes na zona rural inibiam qualquer tipo de iniciativa das mulheres nestes campos sociais. Segundo autores como Bourdieu (2012) e Gebara (2000), as mulheres que quebravam estes costumes e tradições na sociedade rural, eram consideradas transgressoras das condutas sociais tradicionais e eram discriminadas. Ao chegar à periferia de São Paulo, elas se sentiram livres, começaram a tomar iniciativas e ocupar os espaços públicos sem a companhia dos maridos ou filhos, o que antes não podiam. Esta liberdade é expressada na fala da Dona Judite:

“Meu marido não gostava dos meus trabalhos na Igreja. Uma vez ele me trancou dentro do quarto e saiu, para eu não participar numa reunião na Igreja. Eu pulei pela janela e fui. Ao chegar na Igreja, falei para o padre José sobre o que tinha acontecido, ele deu risada” (JUDITE, 76 ANOS).

Esse episódio demonstra uma quebra da lógica de dominação masculina, que as mulheres viviam numa sociedade rural. Ao tomar a consciência da sua condição social e antropológica, atuaram nos movimentos sociais, participavam nas passeatas e nas manifestações reivindicando os direitos sociais e políticos.

Um terceiro fator no surgimento das mulheres como novos atores sociais, no bairro do Parque São Rafael, poderia ser a própria necessidade que o momento histórico-social apresentava diante delas. Nas CEBs da Igreja Popular, as mulheres tomaram consciência da condição social e antropológica na margem à sociedade, na qual elas e as suas famílias se encontravam. Tal conscientização fez com que elas lutassem para mudar a situação socio política na qual se encontravam. As mulheres depararam-se com a falta de tudo na periferia, tais como posto de saúde, creche, escola, transporte etc., essa percepção e o desejo de buscar as

melhores condições de vida para suas famílias fizeram com que as mulheres encabeçassem as lutas sociais e as reflexões da realidade social, nas CEBs, à luz da Palavra de Deus e impulsionadas pela sua fé em um Deus libertador e justo. Dona Judite comprova esta realidade ao dizer:

Sabe, as autoridades, aqueles poderosos, não olhavam para nós não. Aqui a gente vivia esquecida. Eles acordavam só quando o povo gritava. Aqui, a gente era unida. Quando a gente ia para as manifestações na cidade, enchia o ônibus rapidinho. Temos muitas guerreiras aqui, que lutaram para as melhorias aqui no nosso bairro. O senhor sabe, aqui nada veio de graça dos políticos, tudo aqui neste bairro, que temos, foi pela luta da gente - *emocionasse* - (JUDITE, 76 ANOS).

A memória da Judite constata aquilo que a teórica Jarschel dizia: “*A mulher começa a refletir o Evangelho a partir da sua experiência de vida: da falta de pão, desemprego, falta de escola e posto de saúde etc.*” (JARSCHEL, 1991, p.51). Neste contexto social, a necessidade do momento foi um fator importante no *empoderamento* das mulheres no bairro do Parque São Rafael.

O quarto elemento apontado como um fator importante na construção das mulheres como novos atores sociais, na periferia de São Paulo, pode ser atribuído ao *carisma* (WEBER, 2010, p. 40) das mulheres. Segundo os teóricos como Comblin (1994) e Durhan (1973), as mulheres não tiveram espaço para desempenhar o carisma numa sociedade rural, onde os campos sociais eram demarcados e ocupados pelos poderes simbólicos (Bourdieu, 2007) masculinos. Na periferia de São Paulo, no bairro do Parque São Rafael, onde não havia nenhum poder historicamente constituído, as mulheres encontraram um espaço apropriado para desempenhar o seu carisma. Weber define:

O termo “carisma” como referência a uma qualidade extraordinária de uma pessoa. [...] A legitimidade de sua autoridade funda-se na fé e na devoção pelo extraordinário... [...]. Também é “revolucionária” na medida em que não está ligada à ordem existente (WEBER, 2010, pp. 40 - 41).

Ao aplicar isso à realidade do Parque São Rafael, nota-se que as mulheres desempenharam um papel revolucionário ao quebrar os paradigmas tradicionais e ao ocupar os espaços sociais que até então, eram ocupados apenas por homens, e reivindicando os seus direitos de cidadania aos poderes políticos, econômicos e religiosos tradicionais vigentes.

Um quinto elemento que *empoderou* as mulheres pobres e migrantes do Parque São Rafael foi o apoio da liderança da Igreja Popular do bairro. As mulheres traziam dentro de si

uma estrutura social e a vivência dos papéis de uma Igreja Tradicional, onde as mulheres eram empurradas para a “*secundaridade*” na sua existência invisível numa sociedade hierárquica. Esta condição da mulher na sociedade e na Igreja é abordada extensamente por vários teóricos como; Beauvoir (2002), Gebara (2000), Saffioti (2013) e Nunes (1996) e outros tantos autores ao redor do mundo. Mas, esta situação muda na Igreja Popular, onde as mulheres e os pobres ganharam um novo espaço e passaram por um processo de desconstrução dos modelos e das estruturas tradicionais internalizadas. Ao passar por este processo de desconstrução e reconstrução, elas tomaram consciência das causas da sua condição social de dominadas e marginalizadas. As ferramentas que ajudaram muito neste processo foram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e os movimentos sociais e populares, onde elas aprenderam a refletir as suas vidas e a realidade social, à luz da sua fé e na Palavra de Deus (Boff, L, 2004) e (Azevedo, 1986).

Ficam evidentes estas observações na mensagem que Pe. José (72 anos) escreve num livro⁴¹, presenteado para uma líder comunitária no ano de 1986:

Para Izabel, Jesus O filho de Deus entra na história vem reafirmar a certeza de que a justiça, vencerá a injustiça, a alegria, vencerá a tristeza, a coragem vencerá o medo, a vida vencerá a morte. O projeto igualitário de Deus, será realidade um dia. Que esta certeza anime a nossa luta no ano que se inicia. Feliz natal. José. (Mensagem encontrada no livro “*Revisão de Vida: Conhecer para transformar*” Ação Católica Operária, 1985).

Esta mensagem comprova mais uma vez o apoio que as mulheres recebiam dos líderes da Igreja Popular nas lutas pela transformação social, na qual elas eram atores sociais importantes. Na Igreja Popular, as mulheres se sentiam importantes, apoiados por líderes como Dom Luciano Mendes e pelos padres que atuavam na Paróquia de São Marcos Evangelista. Esta realidade se confirma na memória de Dona Izabel, ao dizer: “*Dom Luciano veio muitas vezes na minha casa, ele sempre estava conosco em nossas lutas. Ele vinha nos dar aquela força, ele era o nosso pastor*” (IZABEL, 70 ANOS). A dona Rute confirma ao dizer: “*Lá no interior, onde a gente morava, a gente tinha medo dos padres. Nem podia chegar perto deles, naquela época, os padres andavam com batina e frequentavam só as casas dos ricos. Aqui, foi diferente, os padres daqui vinham em nossas casas, até hoje, eles são nossos amigos*” (RUTE,

⁴¹ O livro “Revisão de Vida: Conhecer para transformar. Ver – Julgar – Agir Pelos 4 lados. Ação Católica Operária - ACO (5), Rio de Janeiro, 1985. Este livro foi trazido no Grupo Focal pela Dona Izabel, a qual guardava com muito carinho e usava os métodos nos encontros que faziam nas CEBs.

79 ANOS). As informações coletadas reiteram a importância da Igreja Popular no surgimento dos novos atores sociais no bairro do Parque São Rafael.

O surgimento das mulheres como líderes ou atores sociais no Parque São Rafael acontece por um conjunto de fatores como já foi apontado. Os cinco fatores sociais poderiam ter influenciado nos processos de fortalecimento de gênero neste contexto histórico social na periferia de São Paulo. Não obstante, a Igreja Popular se torna um palco, onde mulheres e homens buscavam o mesmo espaço para as conquistas diferentes, porém, na mesma direção da liberdade e da dignidade. Este estudo é uma proposta de analisar, mediante as memórias dos participantes a atuação feminina nos enredos das lutas sociais no bairro do Parque São Rafael, portanto, a importância da construção de gênero na Igreja Popular. Nos próximos capítulos, ao analisar as memórias dos pesquisados e os documentos coletados, transitarei por campos sociais, onde estes novos atores sociais atuaram por uma transformação social, enquanto teciam uma nova história social e cultural numa sociedade periférica e urbana.

CAPÍTULO 2 - A IGREJA POPULAR NO PARQUE SÃO RAFAEL NA MEMÓRIA DOS VELHOS

A população que vive na região Zona Leste de São Paulo é formada predominantemente pelos migrantes de todas as regiões do Brasil, principalmente da região nordeste⁴². O autor Weffort esclarece o processo da imigração estrangeira e a migração interna, ao dizer que:

“Na verdade, a imigração italiana⁴³ foi praticamente paralisada depois de 1930 e os nordestinos só começaram a chegar em grandes números a partir de 1950, [...], obedecendo a lei dos pobres que os mandam sempre para os lugares onde houver uma esperança a mais de trabalho e moradia mais barata” (WEFFORT, 1988, p.14/15).

Na busca por um local para morar e trabalhar, aos poucos dão origem ao bairro de Parque São Rafael e, os outros bairros, ao redor. Vindos de todos os estados do Brasil em busca de melhores condições de vida, entre elas, a moradia mais barata. Desse modo, com a proximidade da zona industrial que aos poucos crescia na chamada região Grande ABC, onde diversas indústrias se instalavam nesta época, chamaram atenção dos migrantes para as oportunidades dos empregos que surgiam. Fato este explicado por Weffort sobre o crescimento da cidade de São Paulo:

São Paulo, que desde a Primeira Grande Guerra tem sido o centro de irradiação da industrialização brasileira, é também o lugar privilegiado para se observar a mudança havida desde os anos 50, e praticamente consolidada nos anos 70, no sentido de uma economia industrial moderna, isto é, apoiada no dinamismo da produção de bens de consumo durável e de meios de produção (WEFFORT, 1988, p.18).

O processo de industrialização da cidade e com a chegada dos imigrantes italianos e migrantes de todos os estados do Brasil fazem com que a história da cidade de São Paulo seja uma história fragmentada. Pois, a cidade de São Paulo se constrói como se fosse um mosaico

⁴² No estado de São Paulo, especificidade devem ser consideradas. O Estado era o destino de migrantes de todo o país, principalmente da Região Nordeste e do homem do campo em busca de sobrevivência. Pelos motivos expostos e outros mais complexos, o Estado também compreendeu a formação de periferias desamparadas pelo poder público (MENEZES, 2007. P. 26).

⁴³ De fato, os italianos foram os primeiros substitutos – como trabalhadores livres – da mão-de-obra escrava negra recém-liberta nas fazendas paulistas (BERNARDO, 2007, P.13).

com histórias e rostos diferentes dos migrantes nacionais, imigrantes estrangeiros e os negros⁴⁴ que ocupavam os espaços desta cidade e esta crescia sem parar. Como diz o sociólogo Reginaldo Prandi no prefácio do livro da antropóloga Bernardo:

São Paulo é demasiadamente grande e muda sem parar, “não pode parar”, dizem. São Paulo muda tanto, é tão mudada, que nem dá tempo para se voltar para trás para guardar suas lembranças, que são lembranças daqueles que aqui nasceram, dos migrantes de todas as partes do País, dos imigrantes de além-mar, gente que aqui está há dez gerações, vivendo com os que chegaram ontem (BERNARDO,2007, p.9).

Essas mudanças nas vidas, nos trabalhos, nas lutas sociais e nas vivências religiosas são lembradas e contadas pelos interlocutores desta pesquisa. Diz o provérbio popular: “*em São Paulo vive-se para trabalhar, ao contrário, do Rio de Janeiro, onde se trabalha para viver*”, o que nos leva a concluir que para um migrante pobre, este viver só para trabalhar significa quase o mesmo que viver para ser explorado. Não obstante, ao tomar consciência desta exploração e da exclusão por parte do Estado e das classes elites da sociedade paulistana, este povo migrante e pobre, com apoio da liderança da Igreja Popular, se tornou como ator social na periferia existencial desta cidade capital: seja do capital, da produção e do consumo, atraindo milhares de migrantes com a promessa de um sonho novo.

As mudanças que aconteceram nesta cidade, também passaram pelas vidas dos moradores antigos do Parque São Rafael. São homens e mulheres, migrantes e camponeses com pouco estudo que começaram suas vidas na cidade sendo trabalhadores assalariados nas fábricas. Neste contexto social e antropológico, acontece a nova etapa da vida dos pesquisados. “*Na raiz da compreensão da vida do povo está a fadiga. E as alegrias que advém desta participação no mundo através do suor e da fadiga [...]*” (BOSI,1988, p.27). Essas fadigas sentidas e vividas são lembradas nas memórias dos velhos e velhas neste capítulo, onde elas e eles trabalharam e lutaram para construir uma nova ordem social no espaço do seu viver e do seu trabalho, diferente daquela que viviam na zona rural.

⁴⁴ Antropóloga Terezinha Bernardo no seu livro; “MEMÓRIA EM BRANCO E NEGRO: Olhares sobre São Paulo”, aborda a questão da convivência dos imigrantes italianos e os negros na cidade de São Paulo. (BERNARDO, 2007).

As lutas sociais dos pesquisados desta periferia não estão na história oficial⁴⁵ e são excluídas, pois não fazem parte de uma história social pensada a partir do centro do poder⁴⁶. Estes fatos sociais (Durkheim,1996) são marcados na memória destes velhos e velhas que são moradores neste bairro desde o seu começo. Compreende-se melhor esta realidade com a fala de Bosi: “*No trato desses depoimentos devemos ficar muito atentos a toda centelha de consciência. Atrás deles está uma pessoa que percebe, luta, cujas mãos tecem o tecido vivo da história: seguremos com força os fios dessa trama*” (BOSI,1988, p.28). A autora traz a importância da memória social, onde as lembranças têm papel fundamental de compreender a formação dos papéis que aconteciam na Igreja Popular e nos Movimentos Sociais no bairro de Parque São Rafael. Ao pesquisar a memória dos velhos, a fala do Simmel é esclarecedora neste contexto desta pesquisa:

Enquanto a memória transforma o passado em presente, o passado que vive em nós é também influenciado pelos elementos que foram acrescentados ou estão sendo formados agora. [...] Uma vez que o passado permanece preservado em nós em sua forma idêntica e como recordação, então chegamos à situação aparentemente paradoxal em que o presente atua sobre o passado, tal como o passado atua sobre o presente (SIMMEL, 2011, p.71).

Neste contexto, o autor sublinha a importância do passado para compreender as mudanças sociais que acontecem numa sociedade, onde novos atores sociais aparecem num determinado tempo, no espaço e num contexto histórico. Nos surgimentos dos novos atores sociais no Parque São Rafael, o papel da Igreja Popular foi importante, esta importância se evidencia nas memórias dos interlocutores ao lembrar as suas trajetórias de vidas e a vivência da sua fé nesta Igreja. Numa análise mais abrangente das formações dos papéis na Igreja Popular é fundamental acompanhar o desenvolvimento da Igreja Católica na cidade de São Paulo.

A história da Igreja Católica no Brasil não pode ser separada da história do Brasil colonial. Catolicismo era religião colonial⁴⁷, ao expandir a colonização através dos aldeamentos dos índios e importação dos negros escravos, a religião do colonizador se tornou a religião dos índios e negros. Em 1554, alguns sacerdotes jesuítas, liderados pelo português Manuel da

⁴⁵ A história tradicional ou oficial oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrando nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história (BURKE, 2011, p. 12).

⁴⁶ No paradigma tradicional, a história deveria ser baseada em documentos. A história escrita em registros oficiais, emanados do governo e preservados em arquivos (BURKE, 2011, P.14). Este poder está concentrando nos detentores do poder numa sociedade das classes como da brasileira.

⁴⁷ A respeito leia-se: O Povo Brasileiro (14ª edição), Darcy Ribeiro, Ed.Schwarcz, São Paulo. 2014.

Nóbrega, subiram a Serra do Mar até o planalto onde construíram um colégio entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí, marcando a fundação de São Paulo. Porém, ainda a Igreja de São Paulo não tinha ganho a sua importância pela insignificante situação econômica e populacional. A diocese de São Paulo foi criada no dia 6 de dezembro de 1745⁴⁸, até então, estava sob a jurisdição da diocese do Rio de Janeiro.

A Igreja Católica de São Paulo passa por transformações, nos séculos XIX e XX, devido a industrialização da cidade e do grande número dos imigrantes e migrantes que vinham para o estado em busca de melhores condições de vida. Conforme as informações do site da Arquidiocese:

A sociedade vive o período de revolução industrial nascente e da expansão capitalista. O fenômeno migratório que sempre caracterizou a geopolítica nacional vê-se agora marcado pela imigração de assalariados alemães, espanhóis e italianos. A Igreja vive a crise da formação do Estado liberal e o final do império, com forte característica clerical. E a reforma tridentina enfim chegando com força em terras brasileiras. É a nova cristandade convivendo com a luta abolicionista e a maçonaria. São Paulo, passa neste período de 80 mil negros escravos a contar 174 mil escravos, particularmente nas fazendas de café. Em 1852, começam a chegar suíços trazidos para Rio Claro e em seguida alemães e italianos. No dia 18 de julho de 1908, pelo navio Kasato Maru, os imigrantes japonesas chegarão ao interior paulista, instalando-se na linha Mogiana, introduzindo um novo mundo de relações, línguas, costumes e diferenças étnicas e religiosas. Vieram 300 mil alemães, cerca de 60% luteranos principalmente para o sul do país. Nesta fase chegam os dissidentes da Igreja anglicana, e os templos de Igrejas protestantes são construídos em São Paulo a partir de 1871 sendo que em 1910 chegam os pentecostais⁴⁹ (Site da Arquidiocese de São Paulo).

Com a rápida industrialização da cidade de São Paulo, a imigração dos estrangeiros e a migração interna se intensificam no século XX. Em 1940, a cidade possui 1.330.000 habitantes⁵⁰, diante de problemas sociais e políticos que a cidade crescente apresentava, a Igreja também toma novos rumos à luz do Concílio Vaticano II. A partir de 1964, diante das complexidades dos problemas sociais e políticos como a ditadura militar que o Brasil e muitos outros países da América Latina vivem, a Igreja no Brasil vive sob o signo da Teologia da Libertação e da opção preferencial pelos pobres inspirada pelos documentos de Vaticano II. Uma ala da Igreja Católica denominada progressista, desde os anos 1950, vinha se posicionando ao lado dos pobres, contrariando a ala tradicional e conservadora. É período de renovação da teologia bíblica, de distanciamento do poder político, particularmente na liderança de Dom

⁴⁸ Os dados são encontrados no site da Arquidiocese de São Paulo. <http://arquiocesedesapaulo.org.br/historia>

⁴⁹ Informações retiradas do site: <http://arquiocesedesapaulo.org.br/historia>

⁵⁰ Idem

Paulo Evaristo Arns⁵¹. É o momento do surgimento das CEBs e da valorização dos movimentos sociais emergentes, assim a Igreja de São Paulo, assume o rosto dos pobres e muda de lugar social assumido a causa dos pequenos.

Essa rápida industrialização no tempo da ditadura militar motivou uma grande migração da população do interior do Estado e das outras regiões do Brasil para São Paulo. Cidade de São Paulo se tornou o destino desejado e o sonho de milhares de brasileiros pobres da zona rural. Assim, as periferias desta cidade se encheram e as novas áreas de ocupações sem nenhum ordenamento se explodiram. Diante desta realidade urbana crescente, a arquidiocese é dividida em várias regiões episcopais, organizando os bispos com o título de auxiliares para dar uma resposta pastoral diante dos novos desafios urbanos. A partir de dois de maio de 1976, a Região Leste passa a se chamar Região Episcopal Belém, sendo dirigida pelo bispo dom Luciano Pedro Mendes de Almeida⁵², conhecido pelas lutas a favor dos pobres.

Dom Luciano Mendes foi grande incentivador da Igreja Popular no Brasil. Sua influência foi fundamental no crescimento da Igreja Católica Popular nas periferias da zona leste. O bispo em referência ficou 12 anos à frente da Região Episcopal Belém, à qual pertence o Parque São Rafael. Estes anos são lembrados com muita saudade por todos os interlocutores. A fala do seu Moisés traduz este sentimento:

Eu conheci Dom Luciano quando ainda ele era padre. Ele era muito bom, ele vinha com uma simplicidade para falar com o povo, misturava com a gente como cidadão comum. Ele incentivava o povo (MOISÉS, 92 ANOS).

Já dona Izabel, interlocutora do grupo focal, lembra com saudade ao dizer que:

Dom Luciano sempre vinha nos visitar e dar aquela força. Ele almoçava em nossas casas, a gente sentia que ele tinha um carinho muito grande por nós humildes da periferia. Ele nos incentivava para lutar pela moradia e pelos nossos direitos. Nós sentíamos que ele era nosso pastor e amigo. Ele ajudava comprar os terrenos para construir nossas comunidades, vinha ver como estava a construção. Eu tenho muitas fotos com ele. Uma vez, ele foi almoçar na minha casa (IZABEL, 70 ANOS).

⁵¹ Dom Frei Paulo Evaristo Arns O.F.M, é um frade franciscano, foi o quinto arcebispo de São Paulo, tendo o terceiro prelado dessa Arquidiocese a receber o título de cardeal. Sua atuação pastoral foi voltada aos habitantes da periferia, aos trabalhadores, à formação de Comunidade Eclesiais de Base (CEBs) nos bairros, principalmente os mais pobres, e à defesa e promoção dos direitos da pessoa humana. Em 1972 criou a Comissão Justiça e Paz, de São Paulo. Incentivou a Pastoral da Moradia e a Pastoral Operária (<http://www.dompaulo.org.br/index.html>).

⁵² Dom Luciano Mendes de Almeida S.J, foi ordenado bispo no dia 2 de maio de 1976. Ele se transformaria em humilde servidor do povo de Deus na região de Belém, periferia de São Paulo. Nascia o evangelizador da grande cidade; amigo, sobretudo, das pessoas mais desamparadas (Dom Luciano Mendes de Almeida: Uma vida iluminada, p.43. Frei Diogo Luís Fuitem, OFMconv. São Paulo: Edições Loyola, 2013).

Nos relatos dos interlocutores é evidente a opção de um líder de uma Igreja Popular, os pobres da periferia estavam no primeiro plano. Estes atores sociais mudam de lugar, numa Igreja tradicional, o clero e a classe elite eram *atores sociais*⁵³, como símbolos de prática da caridade e da prosperidade.

Na Igreja popular, os novos *atores sociais* aparecem. O foco da Igreja muda de centro de poder⁵⁴ para a periferia, acontecendo a formação do bairro Parque São Rafael e os avanços da Igreja Popular e o surgimento dos novos atores dentro e fora dela.

2.1. Surgimento do bairro de Parque São Rafael na memória e na história.

O bairro de Parque São Rafael é o principal e mais antigo bairro do distrito de São Rafael, no extremo sudeste da cidade de São Paulo. Faz divisa com bairros menores do distrito como Jardim Buriti, Jardim Pirani, Vila Esther, dentre outros, também com os municípios de Mauá e Santo André. O bairro está a cerca de 25 quilômetros da Praça da Sé, marco zero da cidade e apenas oito quilômetros do centro da cidade de Santo André⁵⁵.

Segundo as informações dos moradores, a ocupação do bairro iniciou-se ainda na década de 1960, quando amplas áreas foram loteadas em terrenos menores e vendidos, sobretudo para famílias de trabalhadores que migravam de outras regiões do estado de São Paulo e de outros estados do Brasil para trabalhar nas indústrias da Região do Grande ABC Paulista. Essa ocupação fica evidente na fala do seu Chico que veio do Paraná:

Quando eu cheguei do Paraná, fui morar com a minha sogra num outro bairro. A minha sogra sempre me pedia comprar um pedaço de terreno. Nunca sobrava dinheiro para isso. No ano 1968, escutei falar que vendia terrenos aqui, num Domingo, vim ver o local com algumas pessoas. Aqui não tinha estrada, tudo era barro, tinha cavalos e vacas pastando por aí, poucas casas. Eu não gostei e desisti de comprar. Como é que vou morar num lugar assim com mulher e filhos pequenos? Sair para trabalhar daqui sem luz, água e transporte? Mas, minha sogra ficou insistindo que eu comprasse meu pedaço e cuidasse da minha vida. Um dia, eu falei para ela, não tenho dinheiro não, aí, ela me emprestou o dinheiro e no mesmo ano eu comprei este pedaço, estou aqui até hoje. Mudei para cá no ano de 1971. Durante a semana eu trabalhava e no final de semana eu vinha com meu sogro para construir a minha casa.

⁵³ O ator social aparece nos estudos dos movimentos sociais. Na Grã-Bretanha, Anthony Giddens (1979) sugeriu que a aparente oposição entre agência e estrutura pode ser resolvida ou dissolvida concentrando-nos atores sociais no processo de estruturação. A ideia de estruturação como processo levanta a questão da mudança social (História e teoria social, p.210. Peter Burke. São Paulo; Ed. Unesp, 2012).

⁵⁴ Aqui o centro do poder quer dizer, o poder tradicional eclesiástico concentrado na Catedral e na cúria diocesana.

⁵⁵ Informações do site: <http://www.gazetasaomateus.com.br/história-do-bairro/>

Aqui só tem trabalhadores que vieram do interior. O bairro cresceu demais (CHICO, 75 ANOS).

Assim, este bairro cresceu rapidamente com os migrantes operários que foram atraídos pelas inúmeras indústrias que se instalavam nesta época na região de Grande ABC paulista. Ao mesmo tempo, outro fato que ajudou a crescer a população foi no início dos anos 1970, uma grande favela; foi instalada pela prefeitura na divisa do Parque São Rafael com o Jardim Vera Cruz. Neste local, a administração municipal, assentou moradores, que foram desalojados da Favela Vergueiro, ela foi desocupada e mais tarde, transformou-se na Chácara Klabin, bairro de alto padrão, na Zona Sul de São Paulo, próximo à vila Mariana⁵⁶.

De acordo com os dados da Fundação Seade, entre 1991 e 2004, apresentou uma taxa média de crescimento populacional de 3,3% ao ano, uma das mais elevadas da capital neste período⁵⁷. Tal crescimento deu-se sobretudo pelas intensas ocupações das famílias de baixa renda nos anos 90, e também pelas ocupações ilegais que vinham acontecendo neste período. No mesmo período, foram construídos vários conjuntos habitacionais para baixa renda neste bairro pelos governos estadual e municipal. Já no censo de 2010, a população do Parque São Rafael era de 143.992⁵⁸, constituindo um bairro com uma população densa.

Numa realidade urbana, sem um crescimento planejado e sem a presença do estado, o bairro de Parque São Rafael e os bairros vizinhos se expandiram. Este bairro e os outros bairros vizinhos eram o lugar da moradia dos trabalhadores migrantes, em grande maioria de outros estados. Tal estratégia do governo atuou para favorecer a desocupação as dos locais de grande valor imobiliário, nos bairros do centro, como aconteceu no caso do bairro Chácara Klabin. A população pobre era despejada na periferia sem assistência e sem uma política de moradia. Neste chão cheio de problemas sociais e políticos, nasce a Igreja Católica neste bairro. A fala da Dona Telma revela essa realidade vivida por este povo migrante:

Eu vim de Pernambuco com 18 anos de idade, meu marido também é de lá. Meu marido comprou um terreno aqui no bairro no ano de 1965. Tinha poucas casas aí, ainda estava começando o loteamento da terra. Nós viemos para cá, porque não tinha condições de pagar aluguel para morar. Tudo era difícil. Não tinha igreja no bairro, batizei meu filho mais velho na Igreja Bom Fim, Parque das Nações, em Santo André. Depois começou vir o Padre Moreira para celebrar missas. Acho que ele vinha do Ipiranga. Depois construímos uma pequena capela, meu marido também ajudou na construção (TELMA, 72 ANOS).

⁵⁶ Informações do site: <http://www.gazetasaomateus.com.br/historia-do-bairro>

⁵⁷ Idem

⁵⁸ Informações retiradas do site: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados>

Importante sublinhar: essa é a reconstrução pelas memórias dos moradores deste bairro periférico desta cidade de São Paulo, dando voz para as pessoas anônimas, que sempre foram empurradas para a periferia. Quando moravam na zona rural, eram colonos, trabalhavam para os outros, a maioria nas fazendas de café. Poucos tinham sua própria terra para cultivar. Ao migrar para cidade de São Paulo, são obrigados a procurar suas moradias bem distantes dos bairros mais abastecidos e do centro. Aqui a periferia nos sentidos geográfico e sócio antropológico, ou seja, existencial deste povo. Neste contexto, a observação de Burke ajudará a compreender a relevância social e histórica, ao dizer:

Uma geração mais antiga de sociólogos urbanos, em especial Georg Simmel (1903), destacou o anonimato e o isolamento dos indivíduos na cidade. [...] O desafio para os historiadores urbanos é estudar a construção, a manutenção e a destruição de tais comunidades, sem perder de vista que termo “comunidade” é tão indefinível – e tão indispensável – como o termo “cultura”. [...] O poder da memória, da imaginação e dos símbolos na construção de comunidades está sendo cada vez mais ressaltado (Hobsbawm; Ranger, 1983; Nora, 1984 -1993). (BURKE, 2012, pp. 94/95).

É fundamental fazer essa leitura histórica, sociológica e antropológica, a partir do chão onde a vida se constrói, neste caso nos bairros e nas comunidades pelas pessoas invisíveis para os poderes hegemônicos⁵⁹ que têm um discurso hegemônico. Ultimamente, tem surgido uma preocupação de alguns antropólogos e sociólogos de estudar a história vista de baixo⁶⁰. Burke esclarece essa nova tendência ao dizer:

[...] vários novos historiadores estão preocupados com a história vista de baixo; em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social. A história da cultura popular tem recebido bastante atenção. Os historiadores da Igreja estão começando a estudar sua história vista tanto de baixo, como de cima (BURKE, 2011, p.13).

Essa observação do Burke é refletida na fala da Dona Madalena no grupo focal:

Que bom que o senhor está conversando com nós velhas aí, procurando saber como eram as coisas antigamente. Nós nascemos pobres e vivemos pobres, quando eu era jovem, ainda dava para trabalhar e cuidar dos filhos, depois que fiquei velha, ninguém dá muita importância para gente. Parece que a gente não vale muita coisa! Os jovens não querem ouvir o papo dos velhos, não. Os

⁵⁹ Poderes hegemônicos que são manifestados pelas instituições administradas pelas classes da elite, como: o Estado, a Igreja tradicional e os partidos políticos vigentes etc.

⁶⁰ Expressão usada pelos historiadores franceses, mais elaborada pelo Peter Burke. (Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro, p.13, 2011).

jovens só querem saber de celular e dos shopping center. A gente vive esquecida no mundo (MADALENA, 76 ANOS).

Dona Madalena em seu relato comprova a importância de valorizar e estudar a história de baixo, de um povo esquecido pelas classes altas e pelos poderes públicos dominados pelas pessoas do centro. Nas periferias sociais, políticas e antropológicas da existência humana, também acontecem histórias, histórias da resistência e surgimento de novos atores sociais. Nesta análise, encontra-se o surgimento de novos atores sociais nos acontecimentos que constroem uma nova história social. Nas bases da realidade periférica, nascem a Igreja Popular e os movimentos sociais do bairro. Neste contexto social, surgem novas lideranças que fazem ouvir os seus gritos os que estão no poder hegemônica, ou seja, no epicentro do poder.

2.2. Surgimento da Igreja Popular e os movimentos sociais no bairro.

Bem distante do centro de São Paulo, assim, iniciou-se um sonho na periferia, sem nenhuma importância histórica, numa época, em que toda concentração estava voltada ao rápido progresso industrial. Onde, os homens e mulheres migrantes trocavam as enxadas, instrumentos de roça e produtos da terra por máquinas pesadas e sofisticadas e pelo salário. A Paróquia São Marcos Evangelista iniciou-se da necessidade de se ter uma igreja no bairro, por volta de 1962. Neste tempo, havia bem poucos moradores e o processo de loteamento da terra estava se iniciando. Segundo os interlocutores, durante este tempo, os católicos da região faziam suas orações e reza do terço⁶¹ nas casas dos moradores e frequentavam as missas em São Mateus ou em Santo André. Essa tendência destes migrantes rurais revela a tentativa de manter o estilo de vida rural, numa realidade urbana, onde a fonte de renda é a indústria ou trabalho assalariado. Durhan explica este esforço inicial do migrante ao dizer:

O que nos interessa investigar é a integração de trabalhadores rurais em sistemas urbano-industriais, na medida em que esse movimento representa o abandono de estruturas tradicionais e a incorporação em um sistema complexo e diferenciado, onde se realizam mais plenamente as formas de produção,

⁶¹ A reza do terço ou Rosário é uma prática religiosa de devoção mariana muito difundida entre os católicos romanos, que o rezam tanto pública quanto individualmente. Consiste na recitação seriada de orações com o auxílio de uma corrente com contas ou nós, que recebe o mesmo nome. Essa devoção surge aproximadamente no ano 800 à sombra dos mosteiros, como oração dos leigos. Dado que os monges rezavam os salmos, os leigos, que em sua maioria não sabiam ler, aprenderam a rezar 150 Pai Nossos. Com passar do tempo, se formaram outros três saltérios com 150 Ave Marias, 150 louvores em honra a Jesus e 150 louvores em honra a Maria. (www.santuarioweb.com.br/TercoBiblico/Default.aspx?id=11)

relação e trabalho e modos de vida característicos da nova ordem social em emergência (DURHAN, 1973, p. 9-10).

A observação da autora pode ser notada na iniciativa dos moradores de manter a tradição da vivência da sua fé nas suas simples formas de viver; tal como de rezar o Santo Rosário nas casas dos moradores; era uma forma de manter viva a tradição rural, num novo contexto de vida. Os moradores conseguem uma doação de um terreno no ano 1966, feita pelos antigos donos da Fazenda Oratório, destinando para construção de uma Igreja naquele local. Neste tempo, o bairro também ganha o nome de Parque São Rafael. A fé religiosa era uma marca registrada de um grupo que viveu na zona rural, as devoções populares, os santos populares, as festas religiosas construía a identidade de um povo rural. Ao chegar a um novo local urbano, ao novo contexto do trabalho industrial, essas identidades construídas e vividas na zona rural de desmoronam-se. A mudança está evidente na fala do Belmiro ao contar a sua história de vida:

Lá no interior do Paraná, onde a gente morava, sempre depois do trabalho na fazenda, reuníamos em frente das casas e ficávamos conversando. No mês de junho, a festa junina era coisa muito animada. Muita comida e bebida, as crianças e os jovens aproveitavam para divertir muito. Quando o Padre vinha celebrar a missa na fazenda também era festa, todo mundo reunia para assistir à missa, batismo ou casamento e sempre terminava com aquela festa. Quando tinha festa do padroeiro, a gente comprava roupa nova ou minha mãe costurava roupas novas para toda família. Naquela época a maioria das mulheres sabiam costura (BELMIRO, 76 ANOS).

Sem ter horários regidos nas fazendas e nos sítios em que trabalhavam, eles construía uma identidade própria rural. Ao chegar à periferia da zona urbana perderam as oportunidades para se encontrar com os amigos e parentes. Essa dificuldade se expressa na fala do seu Chico ao contar da sua vida:

Eu trabalhava numa empresa lá na Mooca. Naquela época tinha ônibus que saía daqui para Santo André, eram poucos ônibus e não podia perder a hora, e quando chovia, enchia de barro e ônibus nem vinha até o ponto e tinha descer a pé até lá na avenida. Eu saía de manhã cedo, lá pelas três e meia da manhã, para chegar no serviço. Eu vou te dizer, era complicado, viu. E no final de semana eu e minha mulher, trabalhávamos na construção da nossa casa (CHICO, 75 ANOS).

Pelas palavras do Chico, percebe-se a nova realidade vivida na zona urbana com o trabalho nas indústrias longe de onde se reside; os trabalhadores perderam as referências rurais que viviam por falta do tempo e das dificuldades neste novo contexto urbano. Essa busca para

viver a sua identidade religiosa, que dava uma segurança, era forte em cada migrante que vinha da zona rural. Nesta busca de viver, pelo menos um pouco dessa referência continuava; eles reuniam-se na maioria mulheres e crianças, para rezar o Rosário nas casas dos moradores. Vale observar a afirmação de Durkheim, em que define a “*religião é eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que expressão realidades coletivas*” (DURKHEIM 1996, p.42). Este aspecto da religião fez com que os moradores construíssem uma pequena capela, onde o padre da Paróquia São Mateus cooperava, celebrando as missas aos finais de semana. A maioria dos interlocutores desta pesquisa lembram com muita saudade o primeiro padre que administrava os sacramentos e missas, se chamava padre José Augusto Machado Moreira. Dona Maria de Nazaré lembra no grupo focal: “*Padre Moreira e a Irmã Cecília nos ajudaram muito no início da nossa igreja aqui no bairro*” (MARIA DE NAZARÉ, 80 ANOS). A paróquia de São Marcos foi oficialmente fundada, em 16 de dezembro de 1968⁶².

O povo que vinha da zona rural, quase todos agricultores, começaram a expressar a sua fé nesta realidade periférica da cidade. Segundo Comblin, na zona rural os papéis são bem definidos, as iniciativas nas atividades públicas são tomadas pelos fazendeiros, que são muitas vezes os próprios políticos, e poder religioso se concentra no clero. Na cidade, essas delimitações do poder são quebradas ao dizer:

A cidade ajuda a vencer o medo de falar e de expressar um pensamento próprio. No campo todos concordam com as autoridades, votando nas lideranças tradicionais por medo inconsciente de enfrentar os poderosos. Esse medo desaparece nas cidades. As pessoas começam a dizer o que acham em primeiro lugar em matéria religiosa, perdendo o temor em relação aos padres, depois em a matéria política e, até, em matéria moral, em que desafiam a própria família (COMBLIN, 1994, p.78).

Esta constatação do autor torna-se mais evidente quando o entrevistado mais idoso, um grande líder e comunicador na Igreja Popular no bairro, seu Moisés ao lembrar da sua história:

Sabe, eu nasci no ano de 1924 no interior de São Paulo. Meus pais são do Rio Grande do Norte. Nunca tive oportunidade de sentar num banco de uma escola. Com 18 anos de idade a minha família migrou ao Paraná. Sempre trabalhando na terra dos outros como colonos. Assistia missa, mas não entendia nada, tudo era em latim. Pessoas me convidavam para participar no movimento de Mariano para os homens, mas sempre ficava com vergonha. Lá no meio daquele povo italiano, eu me sentia incapaz. Com 51 anos de idade vim para morar aqui no Parque São Rafael. Os padres aqui me convidaram

⁶² Fonte: Secretaria da Paróquia São Marcos Evangelista, Parque São Rafael.

para ajudar na pastoral do batismo. Desde aquela época, até hoje, eu ajudo no batismo, na catequese de Crisma. Quando vieram autoridades como bispo aqui na paróquia, o padre me convidou para dar uma mensagem para o povo. Eu me sinto muito bem aqui (MOISÉS, 92 ANOS).

O que podemos analisar nesta história relatada por seu Moisés, é uma construção de uma nova identidade na realidade urbana. A observação de Woodward é importante para compreender este processo da formação de identidade nos contextos diferentes, ao dizer: “A formação da identidade ocorre também nos níveis “local” e “pessoal” (WOODWARD, 2014, p, 29). Um homem invisível no campo se transforma em um sujeito ao chegar à periferia da cidade, ou seja, novos atores sociais estão surgindo nesta realidade. Com a chegada dos Missionários do Verbo Divino⁶³, a maioria dos missionários oriundos da Europa, no ano de 1976, para assumir a Paróquia de São Marcos Evangelista, o surgimento de novos atores sociais na Igreja Popular, que ajudaram na transformação social, ganha mais apoio e força.

Ao mesmo tempo, este processo da Igreja Popular da Zona Leste, tendo como berço os movimentos sociais e populares, ganha ainda mais vigor com a chegada do Bispo Dom Luciano Mendes como o bispo regional. Conhecido como o bispo dos pobres e excluídos, ele é lembrado com muito carinho por todos os interlocutores desta pesquisa. Dona Judite, uma das entrevistadas se emociona ao dizer sobre Dom Luciano:

Ele (Dom Luciano Mendes) era um amigo de todas as horas. Ele estava conosco nas lutas da gente. Quando tinha ocupação da terra para construir a moradia, ele vinha celebrar em cima do caminhão para nós. O povo sentia muito bem com ele. Ele era um grande pastor e amigo dos pobres. Nossa, que saudade! (*emociona-se*⁶⁴) A gente não tinha medo de ninguém, fomos protestar em muitos lugares por aqui em São Paulo, em frente da prefeitura, secretaria da saúde e na Praça da Sé, nossa, nem lembro mais! Tudo pela melhoria do nosso bairro e do povo (JUDITE, 76 ANOS).

Na fala da Dona Judite encontra-se a força de um povo em formação numa nova realidade, ou seja, uma transformação social ou uma mobilidade social na base da classe social

⁶³ Uma Congregação Religiosa Missionária Católica, foi fundada na Holanda por um sacerdote alemão chamado Arnaldo Janssen no ano de 1875. Os missionários são conhecidos por opção pelos pobres e trabalhar nas periferias de grandes cidades e nos lugares remotos em vários países pelo mundo. Os anos pós-conciliares proporcionaram o clima favorável para todo tipo de iniciativas renovadoras. Também no âmbito da Congregação do Verbo Divino fez-se sentir este sopro vivificante. Uma Congregação religiosa, em especial se é missionária de caráter internacional como a do Verbo Divino, é chamada a viver de forma criativa a tensão permanente dos pólos, - unidade institucional e diversidade cultural – num mesmo corpo eclesial. (As informações são subtraídas de uma publicação da Congregação dos Missionários do Verbo Divino, chamado; Arnaldo Janssen Ontem e Hoje, SVD – Brasil – Sul, 2000).

⁶⁴ Observação do Pesquisador.

que forma a sociedade, muitas vezes denominada de povo ou a massa. A observação de Comblin ajuda compreender este processo:

Os cidadãos expressam-se coletivamente. As cidades prestam-se para reuniões públicas e assembleias nas praças. Líderes podem ser ouvidos por milhares de pessoas e pôr as massas em movimento. [...] As massas formam desfiles e manifestações. Podem entrar em conflito com a polícia, chamar a atenção, provocar abalos nas estruturas estabelecidas (COMBLIN, 1994, p.79).

Essas manifestações nasceram da força dos movimentos sociais com o apoio da Igreja Popular. Este povo migrante, na grande maioria, com poucos estudos, começam a questionar sobre a sua condição de vida nos grupos da Igreja Popular. Começam a refletir a partir da sua realidade vivida na cidade como excluído na periferia, sem acesso ao transporte público de qualidade, saúde pública, educação, etc. A Bíblia se torna o grande instrumento que provoca a reflexão deste povo. Aqui, uma nova forma de educação acontece na vida destes atores sociais mediante a Igreja Popular, uma “*educação libertadora*” (FREIRE, 2014, p.104), aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens e as mulheres apropriam-se dela como realidade histórica, por isto mesmo, acreditam na sua capacidade de que ela seja transformada por eles e elas à luz da fé e da Palavra de Deus.

Vários movimentos sociais nasceram dentro do contexto histórico da Igreja Popular e das lutas que sociedade brasileira vivia naquela época. Dona Judite foi uma liderança importante na Zona Leste, ela fala sobre os movimentos sociais no Parque São Rafael:

Aqui na paróquia os padres nos apoiavam muito nas lutas sociais. Eu mesma participei em vários movimentos. Naquela época tínhamos aqui a Pastoral Operária⁶⁵, Movimento pela Moradia⁶⁶ e Movimento de Saúde⁶⁷ que foram mais fortes. Tinha também outros pastorais que ajudavam muito na Igreja. Sabe, me parece naquela época a gente tinha mais consciência dos nossos

⁶⁵ Pastoral Operária começou com experiências de organização de pequenos grupos de trabalhadores refletiam a vida de trabalho na ótica das exigências evangélicas da justiça e da solidariedade de classe. Sua confirmação se deu quando na celebração da Missa pelo salário justo, no dia 18 de outubro de 1970, na Catedral da Sé, pelo então Cardeal Agnelo Rossi. Com Dom Paulo Arns, esta pastoral ganhou ainda mais força. Muito contribuíram para isso o Concílio Vaticano II, o encontro de Medellín, o florescimento das CEBs e da Teologia da Libertação (Informação do site: www.Pastoraloperaria.com.br).

⁶⁶ Movimento pela Moradia também surgiu diante das dificuldades de encontrar a moradia para as pessoas que vinham do interior buscando uma vida melhor na cidade. A Igreja Popular assumiu o sofrimento deste povo sem moradia e lutou junto com ele ocupando os terrenos vazios na periferia e construindo as moradias (A respeito leia-se: Movimento social urbano, Igreja e Participação Popular, Ana Maria Doimo, Vozes, Petrópolis;1984).

⁶⁷ Movimento de Saúde surgiu diante das dificuldades que o povo da periferia encontrava para ter acesso à saúde pública. Se organizaram nas CEBs e reivindicando a construção de postos de saúde e hospitais nos bairros periféricos da cidade (Fonte das informações: documentos coletados sobre os movimentos de saúde, arquivo particular da Dona Iracema).

direitos e o povo ia para luta mesmo. Sabe, estes líderes políticos do PT⁶⁸ (Partido dos Trabalhadores) muitos cresceram aqui, o Lula mesmo já veio muitas vezes aqui com a gente. Eu tenho foto do Lula numa celebração dentro da nossa Igreja (JUDITE, 76 ANOS).

Percebe-se na fala da Dona Judite que as CEBs foram importante instrumento neste processo de fermentação das lutas políticas e sociais. Neste momento histórico, estas pastorais e movimentos sociais foram espaços privilegiados para o debate da realidade e para a convocação à luta política e transformação social. As fotos (Documentos 1 e 2) a que a entrevistada se referia, apresentam este campo religioso, social e político que convivia dentro da Igreja Popular.



Documento 1. Foto de uma celebração dentro da igreja de São Marcos Evangelista no ano de 1993.

⁶⁸ Partido dos Trabalhadores, composto por dirigentes sindicais, intelectuais de esquerda e católicos ligados à Teologia da Libertação. Foi fundado o partido no dia 10 de fevereiro de 1980 no Colégio Sion localizado no bairro de Higienópolis, na cidade de São Paulo. Este fato aconteceu por aclamação dos cerca de duas mil pessoas presentes no local. É o primeiro passo para a constituição do partido que virá a ser grande novidade política da vida brasileira daí por diante (Fonte: http://www.abcdeluta.org.br/materia.asp?id_com).

Essa primeira foto⁶⁹ retrata um pouco das celebrações da Igreja Popular feitas dentro do espaço do culto religioso. Um grande animador da Igreja Popular no bairro do Parque São Rafael, Padre José conta:

O povo celebrava a sua vida e as suas lutas nas celebrações litúrgicas. Esse é o verdadeiro sentido da liturgia, que celebra a vida apesar das dificuldades. A liturgia deve ser uma celebração da vida e elas eram assim naquela época. Eu posso dizer que era tempo de primavera na Igreja Católica (PADRE JOSÉ, 72 ANOS).

A observação do Padre José mostra a força da vivência da fé no chão da realidade do bairro e da sociedade brasileira. O culto religioso ganha outro sentido na Igreja Popular do que um mero cumprimento de um rito religioso. Compreender este processo de mudança de sentido do culto ou da celebração na Igreja Popular. A observação do teórico Oliveira é importante:

Sua fé cristã revela-se mais pela prática religiosa libertadora do que pela afirmação da adesão doutrinal. [...], essa Igreja da libertação é um terreno propício para quem faz da política um campo de vivência da fé, desde que o faça a partir da opção pelos pobres (OLIVEIRA, 2007, p.24).

A reflexão de Oliveira esclarece as práticas da Igreja Popular na sociedade brasileira, onde, as classes sociais eram estruturadas desde a colonização, em que qualquer tentativa de uma transformação social, seja ela pelos movimentos religiosos, sociais e políticos,⁷⁰ foi brutalmente combatida pelas forças do governo ou pelas classes dominantes. Na igreja Popular, os movimentos sociais e populares ganham força e encontram motivos para se aliar com um partido político, que tinha sido acabado de fundar nos anos 1980, o Partido dos Trabalhadores (PT), a maioria dos líderes eram sindicalistas da região Grande ABC, onde muitos operários do bairro do Parque São Rafael também trabalhavam. A presença dos líderes políticos de esquerda e líderes sindicais era muito frequente na celebrações religiosas no bairro. Relembrando estes momentos o líder comunitário, seu Jeremias fala:

Sabe, o Lula e a esposa com filho já veio aqui em nossa comunidade. Ele mesmo já veio aqui várias vezes. Todo mundo respeitava a gente. Nossa Igreja e o nosso povo era muito organizado. Nossos grupos de vizinhos também eram bem animados, tinha muitos grupos de rua na nossa paróquia. Era muito bom. Algumas pessoas afastaram naquela época da igreja por causa da política. Por

⁶⁹ Fonte: Arquivo da Paróquia São Marcos Evangelista, Parque São Rafael

⁷⁰ A história do Brasil é repleto dos exemplos de lutas sócio-religiosas como: Guerra de Canudos, Guerra do Contestado, Guerra dos Cabanos etc. (A respeito destes conflitos leia-se; O Povo Brasileiro (14ª Edição). Darcy Ribeiro, Ed. Schwarcz, São Paulo;2014, p.152).

que os padres e ministros falavam nas celebrações abertamente sobre política. Muita gente da liderança da nossa igreja era do PT. Aí, o senhor viu né, tem gente que não gosta da política dentro da Igreja. Mas hoje, já mudou muito (JEREMIAS, 70 ANOS).



Documento 2. Lula discursando dentro da igreja São Marcos Evangelista, Parque São Rafael, no ano de 1998⁷¹.

A fala do Jeremias e a foto de um líder sindical e político discursando dentro da igreja matriz do bairro do Parque São Rafael, demonstram a força dos movimentos sociais que tiveram na Igreja Popular e muitos líderes políticos e sindicalistas encontravam o apoio para tão sonhada transformação social, política e econômica na sociedade brasileira. Transformação social é um processo real, que se dá no terreno da história concreta de um povo (OLIVEIRA,2007). Já do ponto de vista subjetivo, ela é um conjunto de ideias-força, atitudes e predisposições que levam as pessoas a participar daquele processo histórico. Para compreender este processo histórico da transformação social e surgimento dos novos atores sociais na Igreja Popular do Parque São Rafael, é fundamental mapear a ruptura entre a Igreja Tradicional ou conservadora e a Igreja Popular.

⁷¹ Fonte: Arquivo da Paróquia de São Marcos Evangelista, Parque São Rafael.

2.3. A ruptura: a Igreja Tradicional e a Igreja Popular na memória.

Na análise dos dados coletados com os pesquisados, quando se fala numa Igreja Católica Tradicional ou conservadora, as lembranças dos interlocutores se remetem ao tempo em que eram jovens e ainda moravam no campo. No contexto histórico da Igreja Católica e a partir da memória dos entrevistados, podemos dizer que o momento do surgimento da Igreja Popular é depois do Concílio Vaticano II (1962 – 65). Este Concílio abre as possibilidades para uma aproximação maior com o povo, principalmente através de uma reforma litúrgica⁷² e as outras reformas estruturais que aconteceram para se tornar essa Igreja mais próxima do povo. Ela se demonstra claramente no primeiro número do documento importante do Vaticano II, conhecido como a *Gaudium et Spes*⁷³, nele coloca a criatura humana no centro de suas atenções. Essa preocupação antropológica da Igreja que se renova por este Concílio é evidente nesta expressão:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhe ressoe no coração. [...] Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com a sua história “*GS, n.1*” (LOPES, 2011, p.15).

Assim, à luz dos documentos e reflexões produzidos no Concílio Vaticano II, há uma profunda influência na Igreja da América Latina e, particularmente, na Igreja do Brasil. A Igreja Católica, nos primeiros séculos da sua existência, foi perseguida pelo império romano. Este cenário muda com a conversão do Imperador Romano Constantino, no ano 313, ele concede a liberdade de culto aos cristãos, a partir de então, a religião católica começou a crescer em Roma. No ano 390, Teodósio proclama a religião católica como a religião oficial do império romano. A partir deste momento da história, a Igreja Católica ganha poderes religiosos, econômicos e políticos. Os Papas, Cardeais e Bispos se tornam cargos de grande prestígio e poder na

⁷² Depois do Concílio Vaticano II se inicia um tempo de fazer as missas em línguas locais (antes disso as missas eram celebradas em língua Latim e o sacerdote de costa para o povo), promovendo leituras e reflexões da Bíblia e uma aproximação maior do clero com o povo, principalmente com o povo pobre e excluído. Esta opção da Igreja está evidente nos documentos publicados dos Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), que aconteceram em seguintes lugares; Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992). (A respeito leia-se: “Fraternidade Libertadora”. Lisaneos Prates, 2007 e “Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da fé”. Marcello Azevedo, 1986).

⁷³ *Gaudium et Spes* (“Alegria e esperança” em Latim), A gênese deste documento vem de uma sugestão do Cardeal de Malines, na Bélgica, Leon Joseph Suenens. Conhecido como esquema XIII, o documento foi aprovado na última sessão conciliar, no dia 6 de dezembro de 1965. Recebeu o nome de Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje (LOPES, 2011, p.12).

sociedade. Assim, a religião católica, deixa de ser perseguida para ser uma religião dos poderosos. Uma religião que influenciava e empossava os imperadores e reis. Assim se instala uma hierarquia de poderes na Igreja Católica a que Leonardo Boff, chama de hierarquia ao dizer: *“Coerentemente afirma o papa Gregório XVI (1831 -1846): “Ninguém deve desconhecer que a Igreja é uma sociedade desigual, na qual Deus destinou a uns como governantes, a outros como servidores. Estes são os leigos, aqueles são os clérigos”* (BOFF, 2004, p. 30).

Este poder hierárquico se configura numa forma ainda mais concentrada na idade medieval e com a expansão ocidental da colonização pelo mundo. Para os interlocutores, essa distância do poder hierárquico é evidente nas suas memórias, lembrado por Dona Mônica no grupo focal:

Lá em Minas Gerais, onde eu morava, dificilmente vinha o bispo. A gente tinha aquela visão do Bispo como alguém muito importante, uma autoridade. Quando ele veio para nós crismar na paróquia, foi aquela cerimonia. Todos nós ficamos com muito respeito e medo, parecia que vinha alguém muito importante. Eu tinha até medo do padre naquela época! Ele vinha celebrar na capela da fazenda, era muito bravo, andava com aquela batina preta, convivia mais com as pessoas mais importantes da fazenda (MÔNICA, 77 ANOS).

Fato este concordado pelos demais membros que acrescentaram, ainda, a Igreja (clerical ou hierárquica) era uma coisa muito distante do dia a dia do povo do interior. José Comblin fala a respeito do poder do religioso na realidade rural, ressaltando que:

O padre e o pastor entraram nas elites da sociedade rural. Receberam um papel social importante e desde esse papel puderam controlar o comportamento religioso das massas rurais. No mundo rural, o clero tem posição assegurada. [...] Sua mentalidade conservadora concorda muito bem com o conservadorismo tradicional do mundo rural (COMBLIN, 1994, p. 63).

Quando perguntado sobre o que os interlocutores pensam sobre a figura do padre e do bispo, eles concordaram com o pensamento do Teólogo e acrescentaram que esta figura do padre sempre despertava muito respeito e um certo medo, conforme destaque dado a dona Clara no relato abaixo:

Sabe meu filho, naquela época, para assistir uma missa a gente tinha que caminhar muito, era um sacrifício! Muitas vezes a gente saía em jejum, sem beber nem água, para comungar na missa. A gente era ensinada assim, não era para comer e beber nada antes de comungar. Para assistir à missa? Era só nas ocasiões especiais, como a festa do padroeiro, na Semana Santa e no dia de *“Corpus Christi”*. A gente praticava a fé rezando terço nas casas e fazendo novenas. Assim era no interior. (CLARA, 82 ANOS).

Ao analisar os relatos dos interlocutores e as suas percepções, percebemos que há uma consciência clara de divisão das classes na hierarquia da Igreja Católica Tradicional. Fica evidente o reconhecimento da distância entre o bispo morando no palácio episcopal, sem ter muito contato, e o padre que vinha celebrar as missas no interior e rezava na língua latina, sem compreender o que se rezava, provocando respeito e, até, um certo medo. O povo simples e trabalhador sentia-se distante das autoridades desta Igreja. O clero se relacionava mais com os fazendeiros, com as autoridades políticas da cidade. Dessa forma, o clero que representava a Igreja Católica era percebido pelas pessoas pobres e trabalhadores da fazenda e colonos, como uma classe dominante. A força desta percepção do povo é explicada por Bourdieu:

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (BOURDIEU, 2007, p. 10).

O autor esclarece o processo da legitimação da ordem hierárquica numa sociedade tradicional por meio do *poder simbólico* (Bourdieu, 2007) pela cultura dominante. Estes símbolos tangíveis e intangíveis estão presentes em todos os lugares sociais, são percebidos como símbolos do poder pelo povo simples. O mundo do relacionamento do clero é sempre da classe dominante da sociedade, bem como o da língua usada nas liturgias, sendo uma língua incompreensível ao povo simples que, na sua maioria, tem quase nenhuma educação formal, onde a batina preta e o tratamento dispensado ao o povo pobre, é um tratamento rude, grosseiro e de poder. O símbolo da batina e a figura do padre provocavam no povo muito respeito e um certo medo das autoridades religiosas. Esclarecido por Leonardo Boff como processo desta cosmovisão ao dizer que:

Na Igreja detectamos duas dimensões, cada qual com uma natureza própria, mas mutuamente relacionadas: a Igreja enquanto campo religioso - eclesial (instituição) e a Igreja enquanto campo eclesial-sacramental (sacramento, sinal e instrumento de salvação). Por campo religioso - eclesial entendemos o complexo de instituições eclesiais e o conjunto dos atores religiosos em interação entre si e com as instituições (BOFF, 1981, p.159).

Essa interação faz com que a hierarquia dos poderes nas classes se concentre, e, essa percepção é sentida pelas classes dominadas, principalmente pelos pobres ou povo simples.

Essas instituições se interligam na manutenção do poder, cada uma oferecendo ou prometendo os seus produtos, no caso da Igreja como instituições eclesiais a salvação, o governo prometendo a ordem e a segurança e o poder econômico, concentrado nos comerciantes e fazendeiros, oferecendo a sobrevivência pelo trabalho e alimentação em suas terras. Segundo o autor, existe uma comunicação e uma articulação entre estas instituições para se manterem no poder. O autor continua esclarecendo esta estrutura hierárquica herdada na América Latina:

A América Latina foi missionada dentro de um determinado modelo de Igreja, o modelo próprio do Padroado. Segundo este modelo, a Igreja torna-se presente no mundo mediante um pacto com o Estado, que provê a todas as necessidades da Igreja e garante o seu funcionamento. Trata-se da relação entre hierarquias, da civil com religiosa. [...] Com a queda do regime de Padroado e a emergência dos vários Estados republicanos, o modelo reajustou-se e ganhou nova versão. A Igreja aproxima-se das classes dominantes que controlam o Estado e organiza as suas obras no seio ou a partir dos interesses das classes dominantes (BOFF, 1981, p.18).

Este modelo de Igreja que prevalece predominantemente até o Concílio de Vaticano II e provoca uma discussão intensa entre os bispos participantes e outros representantes neste Concílio. Na Igreja Tradicional hierárquica, os pobres eram objetos da caridade das classes dominantes da sociedade, assim criando uma vasta rede de obras assistenciais. Segundo a socióloga Telles, a concepção do pobre pela Igreja Tradicional era seguinte: *“Assim, ficaria estabelecido um “comércio” entre o rico e o pobre, vantajoso para ambos: enquanto o rico, através da ação caridosa, conquista sua salvação, o pobre é igualmente salvo, desde que aceite sua condição”* (TELLES, 2011, p. 30).

Essa linha de pensamento sobre os pobres vem mudando, desde a década de 1940, na América Latina, com a influência do pensamento marxista. A revolução Cubana e as outras lutas nos países de América Latina influenciaram principalmente os intelectuais de esquerda. Esta percepção da pobreza como algo estrutural motiva as forças de esquerda e de grupo de intelectuais teólogos e bispos conhecidos, como a *“ala progressista da Igreja Católica”*, a buscar novas saídas e transformar os pobres em sujeitos da sua história. Assim surge uma nova história, uma ruptura com a Igreja tradicional hierárquica para uma Igreja *“povo de Deus”⁷⁴*. Porém, é importante a reflexão de Teixeira na compreensão deste processo de ruptura ou a mudança:

⁷⁴ A ideia de Povo de Deus coloca a exigência de participação consciente, de organização comunitária ao redor de um projeto comum, de igualdade entre todos, de unidade nas diferenças e de comunhão de todos com todos e com Deus (BOFF, 2004, p.29).

[...] a própria pertença às CEBs pressupõe uma experiência de “conversão” na maneira de se vivenciar a experiência da religião, uma certa ruptura com o tradicional. Não há por exemplo uma linha de continuidade com a experiência do catolicismo popular. Neste sentido, a pertença à comunidade pressupõe um certo nível de promoção e de sintonia com a dinâmica “reflexiva” de se viver a fé (TEIXEIRA, 1993, p. 32).

Essa experiência de ruptura que se encontra na partilha da Dona Paulina no grupo focal, ao dizer:

Nossa, a gente morria de medo do padre antigamente! Nem entendíamos nada que rezava na missa, era na língua latina né? Sabe, a minha mãe ficava rezando o terço a missa toda. Acho que só uma vez que eu vi o bispo antes de vir morar aqui. Eu era muito jovem, vi as pessoas ajoelhando para beijar a mão do bispo, acho que é o anel que o povo deve beijar né? Poucas vezes que fui confessar com o Padre lá na paróquia onde nós morávamos, fui com muito medo. Agora, ao chegar aqui no Parque São Rafael, tive uma outra experiência. O Dom Luciano era um amor de pessoa, ele abraçava a gente, era muito perto de nós. Os padres, todos que passaram por aqui na paróquia também foram muito legais, são amigos de verdade. Sempre estavam junto conosco (PAULINA, 78 ANOS).

Todos os outros membros do grupo Focal, os entrevistados e as pessoas que contaram as suas histórias de vidas, compartilharam as mesmas experiências de Dona Paulina com pouca variação na sua intensidade de presenciar e viver. A estrutura da Igreja tradicional hierárquica se quebra na Igreja Popular na periferia de São Paulo. O poder simbólico da dominação que representa no anel do bispo na Igreja tradicional se transforma em abraços calorosos e a presença amigável do bispo, Dom Luciano Mendes, este da Igreja Popular. São símbolos que representam dois modelos de estruturas de Igrejas sentidas pelas pessoas que passaram por estas duas experiências religiosas, sociais e antropológicas. Nas falas do Teixeira e da Dona Paulina, encontram-se os elementos das mudanças na percepção dos papéis que aconteciam tanto nos representantes da Igreja, quanto nos interlocutores. Neste contexto da construção da comunidade, onde as novas bases dos relacionamentos e identidades são construídas, a observação de Bauman chama atenção:

Se a “sociedade” não satisfaz o desejo de um lar seguro, não é tanto por ser “abstrata” mas pela recente traição ainda fresca na memória popular. [...] Parece cada vez mais claro que o conforto de uma existência segura precisa ser procurado por outros meios. [...] A “defesa do lugar”, vista como condição necessária de toda segurança, deve ser uma questão do bairro, uma “assunto comunitário”. Onde o Estado fracassou, poderá a comunidade – a comunidade *local*, uma comunidade corporificada num *território* habitado por seus membros [...] (BAUMAN, 2003, pp.101/102).

O autor aponta as mudanças que acontecem nos espaços onde o Estado e as autoridades fracassaram em cumprir o seu compromisso de construir a cidadania dos novos ocupantes deste espaço periférico na cidade de São Paulo. As lideranças da Igreja Popular conseguem despertar a consciência coletiva para a construção da comunidade que luta pelo seu bairro e pelos seus direitos. Numa análise sócio antropológica, a Igreja Popular no Parque São Rafael, foi um campo aberto para a construção de novas identidades e formação dos novos atores sociais num contexto social e num espaço físico parecido como aquele antes da migração para a cidade. A diferença está na mudança de percepção da sua condição social como algo natural quando vivia no interior para percepção de pobreza e de dominação na cidade; era uma construção histórica e podia ser mudada através das CEBs e dos movimentos sociais que nasceram dentro da Igreja Popular. Ao que o sociólogo Wanderley esclarece como o processo de mudança que se dá pela Igreja Popular, quando vê a participação distribuída entre os membros.

A participação nas CEBs é distribuída por várias funções: animador, membro do conselho da comunidade e de dirigente de culto, catequistas, ministros da eucaristia, da palavra e do batismo. Há presença em associações e grupos religiosos não pertencentes às CEBs. 78% declaram participar em pastorais especializadas (da terra, operária, litúrgica, catequética, da família e movimentos populares). 96% dos animadores indicaram pelo menos uma luta na qual estão envolvidos: lutas pela melhoria dos bairros, pela terra, pela moradia, pela organização política e pela renovação da Igreja (WANDERLEY, 2007, p. 55).

No Parque São Rafael, as pessoas pobres e invisíveis numa Igreja Tradicional e, na sociedade rural, ganham voz e lutam pela transformação social através da Igreja Popular. Dona Tereza (Grupo Focal), diz que: *“Lá onde eu morava, a gente ia assistir à missa, mas não entendia nada. Meus pais me falavam que precisava confessar e assistir à missa para salvar a alma”* (TEREZA, 90 ANOS). Na Igreja Tradicional, a salvação das almas era por meio dos sacramentos, isso fazia as pessoas e não sentirem como parte da Igreja, mas apenas estar num lugar onde se buscava essa salvação. Quanto, à Igreja, não se preocupava com a situação social e antropológica de dominação, que as pessoas viviam nas fazendas e nas pequenas propriedades.

A Igreja Popular, do Parque São Rafael, se transforma num espaço onde as pessoas ganham dignidade e sentem-se respeitadas, como declara Moises, um dos entrevistados:

No interior do Paraná, onde eu morava, eu somente assistia a missa. Nunca tinha coragem de participar em nada. Pois já pensou uma pessoa que nunca entrou numa escola, fazer alguma coisa na Igreja? Quando eu cheguei a morar

aqui no bairro, comecei a participar na comunidade de São Marcos. Um dia, os padres me convidaram para participar na Pastoral do Batismo da comunidade. Olha, fiquei com medo, pois nunca participei em nada! Mas assumi, fui participando e depois fui ajudando e estou nesta pastoral até hoje. A mesma coisa com o grupo de Crisma, já preparei muitos jovens para o sacramento de Crisma. Dei curso por muito tempo na Catequese dos Adultos. Sempre participei nos movimentos sociais e nos cursos de formações que nós tínhamos bastante naquela época. Uma vez, pela curiosidade fui perguntar aos padres, por que eles tinham me convidado para trabalhar na Pastoral do Batismo? Eu queria saber o motivo, por quê? Eu quase não tinha estudos nenhum! O padre Cândido me respondeu dizendo; seu Moisés, o que o senhor fala o povo entende, o senhor fala a linguagem do povo. Esta foi a resposta do padre. Ele acabou com a minha curiosidade (*risos*) (MOISÉS, 92 ANOS).

A construção histórica, social e antropológica do sujeito passa pela Igreja Popular. Seu Moisés era um lavrador que nunca frequentou uma escola, um pobre que se transformou em líder e um comunicador eficiente dentro da Igreja Popular. Não obstante, a Igreja Popular, tornar-se um campo para surgimentos de novos sujeitos que não tiveram visibilidade na sociedade e na Igreja Tradicional. Nesta Igreja, as mulheres assumem novas responsabilidades e transformam-se em protagonistas de uma nova Igreja em uma nova realidade social, ultrapassando os limites assimilados pela Igreja Tradicional hierárquica e uma estrutura familiar rural onde o espaço e a função da mulher já eram pré-definidos como de segunda categoria.

2.4. Surgimento das mulheres na Igreja Popular e na memória no Parque São Rafael.

Autores como Gebara (1991), Comblin (1994) e Durhan (1973), demonstram que na Igreja Tradicional hierárquica e na vivência do campo, o lugar da mulher era delimitado. As mulheres interlocutoras desta dissertação apresentam-se discriminadas duas vezes: a primeira, pelo fato de ser mulher e a segunda, por ser pobres. Suas vidas só teriam sentido no casamento e pela maternidade. Dona Madalena lembra a sua vida, ressaltando sua história como mulher: “*Sabe, a vida da mulher era muito sofrida, tinha que fazer tudo, lavar roupa da família inteira, cozinhar, lavar louça e limpar a casa, ainda tinha que trabalhar na roça e sem ter tempo para nada*” (MADALENA, 76 ANOS). Já o Cícero, ao contar a sua história de vida, confirma também como era a vida da mulher na zona rural: “*eu lembro: minha mãe costurava as roupas da família toda. A gente era pobre e não tinha dinheiro para comprar roupa. Naquela época quase todas as mulheres sabiam costurar. A mulher era preparada para casar e ter filhos, cuidar da família*” (CÍCERO, 73 ANOS). São lembranças trazidas no grupo pelos interlocutores que demonstram como era a vida da mulher pobre na realidade rural. Relatos tais

que evidenciam a situação de secundariedade da mulher na sociedade brasileira tradicional. Gebara (1991), revela a condição da mulher ao dizer que as mulheres sentem o peso do trabalho e da dominação, mas interiorizam isso de tal forma que aceitam essa imposição como se fosse parte da sua própria natureza.

Segundo os autores como Comblin (1994) e Durhan (1973), o pensamento de superioridade masculina era interiorizando no universo feminino na zona rural. Vários fatores ajudaram a criar essa cosmovisão. Entre eles, o primeiro foi a cultura machista que o homem colonizador trouxe para o continente; segundo o antropólogo Ribeiro (2014), a própria formação da sociedade brasileira a partir do *cunhadismo*, já abordado no primeiro capítulo, gerou o pensamento da dominação masculina. O colonizador português, ao ajuntar-se com várias mulheres de diferentes tribos, com intuito de costurar as alianças tribais, para tirar vantagem nas guerras e em função de procriação dos seus filhos numerosos, para povoar o novo continente, usou as mulheres como um meio para alcançar o fim desejado de dominar a população local.

A religião católica tradicional confirmou essa superioridade masculina que está descrita nas várias encíclicas papais ao longo dos séculos, confirmado por Saffioti na referência a seguir:

O Papa Pio XI em documento (*Casti Connubii*) publicado no dia 31 de dezembro de 1930, fala sobre a superioridade do homem, segundo o preceito bíblico de que o homem é a cabeça, e a mulher o coração. Sendo a emoção considerada inferior à razão, ao homem cabe, “naturalmente”, o governo da casa e da mulher (SAFFIOTI, 2013, p.145).

Percebe-se que os pensamentos e os ensinamentos religiosos foram impondo a superioridade masculina e empurrando a mulher às margens da existência social, política e antropológica, especialmente neste processo cultural em que esses elementos de dominação se transformam em poder simbólico de produzir valores e impor classificações. Os mundos culturais em que nos movemos são, na verdade, bastante complexos do que imaginamos. Para compreensão desses mundos desiguais, vale aqui ressaltar a observação da teóloga Gebara quando diz que “*As mulheres se apropriaram daquilo que praticamente não “produziam” e nem “decidiram”, mas se apropriam em forma de “bem simbólico” no nível da vivência religiosa*” (GEBARA, 1991, p.19). Na esfera do poder político e social, a mulher e o pobre continuaram, e continuam, invisíveis e excluídos.

Os camponeses, ao migrar para periferia da cidade de São Paulo, um novo ciclo iniciam no processo da sua emancipação. Segundo Comblin: “*na sociedade rural, a iniciativa*

pertence aos grandes: autoridades políticas, clérigos e proprietários. Os camponeses raramente tomam iniciativas no campo social. Estão acostumados a ser manipulados e adaptam-se à manipulação” (COMBLIN, 1994, p.67). Ao chegar à periferia de São Paulo, foram obrigados a dar passos, tomar iniciativas, uma vez que eles não tinham nenhum padrão para decidir por eles, revela por Dona Telma, quando fala sobre a sua chegada ao bairro de Parque São Rafael:

Eu sai muito jovem de lá de Pernambuco. Lá na roça a gente trabalhava muito, a vida era muito dura. Aqui eu comecei a trabalhar numa fábrica em Santo André, ganhava meu salário. Só que, quando descobriram, eu era casada no civil, me mandaram embora. Naquela fábrica, só a mulher solteira podia trabalhar. Eu casei sem avisar ninguém, mas alguém que trabalhava comigo ficou sabendo e contou para o chefe. Eu e meu marido compramos o terreno aqui no bairro, no ano de 1965, aqui não tinha nada, poucas casas, tudo isso aqui era barro e muito mato. Fiquei feliz, porque moramos naquilo que é o nosso. Construimos a casa com muita dificuldade, sempre trabalhei e criei meus filhos aqui (TELMA, 72 ANOS).

A partir desse relato, vemos que é uma mudança que quebra um estilo de vida ao chegar à periferia de São Paulo, compartilhado também pela líder comunitária, Dona Judite, que descreve como era sua vida no interior:

Do interior de São Paulo, eu e meu marido, fomos morar num lugar bem interior do Paraná, olhe, lá foi difícil, não tinha nada, só mato. Eu sofri muito, estava longe da minha família, nem pude acompanhar a morte da minha mãe. Eu trabalhava feito uma condenada, trabalho bruto, além de cuidar da casa e dos filhos pequenos. Fazia trabalhos de casa e ainda ia para derrubar o mato para plantar o café. Foi muito duro! Neste tempo, meus irmãos e meu pai já tinham mudado para São Paulo. Eles ficaram com pena de mim, e mandaram buscar a minha família morar com eles aqui. Cuidei dos meus irmãos mais novos, dos meus filhos e do meu pai até morrer. Depois eu pensei, não vou ficar em casa, comecei a participar na Igreja, o padre José me convidou para participar nas reuniões do Movimento de Saúde e nas CEBs. Gostei e nunca mais parei. Meu marido não gostava disso não, uma vez ele me trancou dentro do quarto para não ir à Igreja, eu consegui pular pela janela e cheguei na reunião na Igreja e falei para o padre, ele deu risada da minha arte. Se dependesse do meu marido, eu nunca sairia de casa, ele pensa que a mulher é para ficar só dentro de casa! Naquela época era assim mesmo, casava cedo, começava a ter filhos cedo também! A mulher, só para trabalhar e trabalhar! Ainda os homens mandavam na gente! Era assim mesmo! Eu ia para todo que era reunião, para as manifestações e passeatas pelas ruas. Nunca tive oportunidade para estudar, mas com o apoio dos padres e das CEBs, cheguei a discursar em cima de caminhão para a multidão, viajei para participar nos encontros das CEBs nacionais em várias cidades, fui convidada para implantar o grupo de movimento de saúde em várias bairros de São Paulo. Nós éramos um grupo de mulheres aqui, participávamos em tudo que é movimento no

bairro e na zona leste, sempre lutando pela melhoria do bairro e da população. Era um tempo muito bom (JUDITE, 76 ANOS).

É notório que essas mulheres invisíveis na zonal rural, ao chegar à periferia de São Paulo, começam a ter uma certa liberdade para trabalhar pela necessidade e ajudar no orçamento familiar. Elas encontram novos espaços sociais, onde podem se manifestar e transitar livremente. Junto com os moradores da periferia, surge a figura do “trabalhador pobre”, seja no mercado formal, seja, sobretudo, no informal. Todas vítimas de múltiplas carências na luta pela sobrevivência familiar. A partir da periferia, as lutas coletivas fazem emergir novos atores coletivos, os chamados “*novos movimentos sociais*” na busca de direitos cidadãos (TELLES, 2011, p.43).

Comblin destaca como se dá o processo de emancipação do pobre e da mulher na cidade com todas as outras limitações e problemas que também surgirão, ao dizer: “*A cidade concentra as aspirações humanas da comunidade inteira. Ela é a projeção das ambições e do orgulho de todos e de cada um. Ela faz com que os seres humanos desistam do individualismo e se dediquem a um bem realmente comum*” (COMBLIN, 1994, p.75).

Neste contexto, do bairro de Parque São Rafael, a Igreja Popular foi um campo novo, onde novos atores sociais surgiram acreditando numa transformação social, primeiramente local, buscando a melhoria do bairro como: o asfalto das ruas, posto de saúde, creches, a escola, etc. As pessoas pobres que vieram de uma cultura social dominante estruturada da realidade rural, se tornam porta-vozes da mudança social na cidade, através da Igreja Popular e dos Movimentos Sociais que surgem nos bairros. As Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) foram a escola, onde o pobre e a mulher aprenderam a ler e interpretar a Palavra de Deus e a sua própria condição social.

Na história do pensamento crítico e dos movimentos emancipatórios, “*o caminho para emancipação tornou-se mais claro quando a estrutura geradora da pobreza e da opressão foram identificadas*” (ABDALLA, 2011, p.206). O desenho abaixo, revela essa emancipação, onde as pessoas simples conseguem descobrir o processo da construção social dos papéis do gênero na sociedade.



Documento 3. Ilustração usada nos grupos de CEBs no Parque São Rafael na década de 1980⁷⁵ para explicar o processo de construção dos papéis de gênero na família.

Esta figura ilustra um tratamento desigual de uma mãe para como a filha e o filho, figura esta que fazia parte do cenário cotidiano daquelas mulheres e homens. E, aquilo que era aprendido nas famílias, era reproduzido diariamente. Diante deste contexto Cruz, completa: “*O sistema familiar é a instituição da sociedade de classes que determina e mantém o caráter específico da opressão das mulheres*” (CRUZ, 2013, p.26). A figura acima foi usada na formação e na conscientização das pessoas nas CEBs da Igreja Popular do bairro, ela demonstra as raízes antropológicas dos problemas sociais para os participantes. A figura comprova, ainda, a teoria de Bhabha (2013) quando lembra que as diferenças sociais são como um projeto – ao mesmo tempo uma visão e uma construção e, ao mesmo tempo, confirmando a célebre frase de Beauvoir que “*Ninguém nasce mulher: torna se mulher*” (BEAUVOIR, 2002). Portanto, a observação de Louro revela o sentido que a figura queria passar para os participantes da CEB, quando destaca que: “*Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim, tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos*” (LOURO, 1997, p.25), essa construção social está sendo ilustrada através deste desenho para aquelas mulheres e os homens com pouca ou quase nada de escolaridade. Assim, as mulheres ao lutarem pelas melhores condições de vida no bairro, elas

⁷⁵ Fonte: O arquivo particular da Dona Iracema (líder comunitária do Parque São Rafael).

estavam traçando uma luta pela sua própria emancipação, ocupando os lugares públicos como as Igrejas, as praças e as ruas, onde historicamente suas presenças eram negadas (BOURDIEU,2012). Completado pelo Boff:

Nas CEBs as mulheres encontraram um espaço de participação e de integração que lhes era obviado no modelo tradicional de Igreja. Grande parte dos coordenadores das CEBs são mulheres, muitíssimas delas conscientes de seu ser feminino e da contribuição positiva que dão, enquanto mulheres, para a comunidade eclesial e para a sociedade. [...] As CEBs se fazem destarte lugar e espaço de humanização de homens e mulheres, a caminho da superação de discriminação em razão do sexo e na direção da integração e valorização por igual das diferenças (BOFF, L. 2004, p. 89).

Assim, elas mesmo ocupando espaços da liderança dentro da Igreja Popular, transformadas em atores do seu própria *empoderamento* numa sociedade desigual. A avaliação sobre a participação feminina nas CEBs é confirmada pelo Padre José ao dizer:

A maioria dos homens trabalhavam longe daqui, então, quem ficava em casas eram as mulheres. Elas que vinham nas reuniões da Igreja, dos movimentos e nos cursos de formação. Eu percebia que elas têm uma sede para aprender as coisas novas. Eu convidava os homens para cuidar do som, consertar alguma coisa ou para organizar uma festa etc., para fazer estes trabalhos eles se animavam. Eu podia contar com as mulheres, elas sempre estavam prontas a lutar pela comunidade. Elas sempre estavam em frente das pastorais da Igreja, para elas não têm tempo ruim, não! (PADRE JOSÉ, 72 ANOS)

Padre José, ao recorda-se da atuação feminina nos trabalhos de Igreja, faz uma importante observação sobre o contexto, onde as mulheres assumiram novas funções como líderes comunitárias e animadoras da Igreja Popular no Parque São Rafael. Mulheres pobres e que vieram de uma realidade rural e que nunca tinham desempenhado funções que elas estavam assumindo na periferia. Percebe-se as fortes mudanças sociais com uma quebra das funções predefinidas como aconteciam na sociedade rural. No novo campo de atuação delas, percebem a sua importância e a sua responsabilidade na transformação social, para uma melhor qualidade de vida e reconhecimento social de suas potencialidades. Assim, transformam-se em sujeitos de uma nova história dentro e fora da Igreja Popular. Outro elemento importante observado é que, em quase todas lembranças dos interlocutores, a preocupação com o coletivo fica evidente. Surgem as preocupações sociais e lutas nos movimentos sociais e populares com a participação dessas mulheres no bairro do Parque São Rafael.

2.4.1. Mulheres nos movimentos sociais e populares no Parque São Rafael.

Ao debruçar sobre os autores que pesquisam o papel da mulher na Igreja Popular e nas Comunidade Eclesiais de Base (CEBs), encontrei alguns estudiosos deste tema, que já tinham abordado o surgimento das mulheres e dos pobres como novos atores sociais na sociedade brasileira, entre eles, Leonardo Boff (2004), apresenta este cenário ao dizer:

Na sociedade estão surgindo sujeitos históricos novos, que eram comumente oprimidos e marginalizados dentro da ordem prevalente. Primeiramente as mulheres estão reivindicando um tratamento de igualdade que supere o milenar patriarcalismo e machismo de nossas culturas. [...] Nas CEBs as mulheres encontraram um espaço de participação e de integração que lhe era obviado no modelo tradicional de Igreja (BOFF, L. 2004, pp.88-89).

O autor percebe as mudanças sociais que acontecem nas CEBs da Igreja Popular, esses grupos têm uma inegável função crítica, desmistificadora diante os problemas sociais e culturais que as pessoas vivem. As CEBs são comunidades socialmente atuantes, em muitos lugares, são o único canal de expressão e mobilização popular. A teóloga e feminista Jarschel diz sobre a atuação das mulheres na CEBs: *“As mulheres cristãs concentram-se no campo da pastoral, em cujo espaço possuem uma experiência riquíssima e uma atuação histórica importante. Temos muitos relatos empíricos de atuação das mulheres na base, tanto nas CEBs quanto nos movimentos sociais”* (JARSCHER, 1991, p.53). Outro autor que, extensamente, estuda o surgimentos dos novos sujeitos sociais na Igreja Popular, ao longo de várias décadas, é o sociólogo Wanderley. Ele comenta: *“a mobilização da Teologia da Libertação passava pelos agentes de pastoral e nos animadores de comunidades (leigos, com grande maioria de mulheres). O peso relativo dos agentes de pastoral é maior”* (WANDERLEY, 2007, p. 110).

A Igreja Popular abre as portas para os novos sujeitos sociais a participarem em novas forças de transformações sociais; tais como partidos políticos, sindicatos e vários movimentos sociais e populares. Ao abordar esta questão, Cruz ressalta ao dizer:

O fortalecimento das CEBs – um novo jeito de ser Igreja – sem dúvida abriu espaço para a mulher expressar sua fé, exercer a liderança, e participar de instâncias de decisão e de coordenação, organizando atividades festivas, celebrações, escrevendo documentos e reflexões, e contribuindo para incentivar outras a se despertarem para um novo papel dentro da vida da Igreja.

À luz de *Puebla*, as mulheres se enchem de energia e iniciam de forma mais ativa sua atuação no sindicato, nos movimentos populares, nos movimentos feministas, nos grupos de mulheres nos meios populares, assim como no engajamento em partidos políticos (CRUZ, 2013, p. 53).

Essa observação de Cruz é confirmada pela socióloga Lobo (2011) ao comentar sobre o papel da Igreja Popular no processo de *empoderamento* das mulheres na sociedade. Segundo a autora, frequentemente, é a Igreja que propõe um território público, onde as vidas privadas deixam a obscuridade da sobrevivência cotidiana e instituem um espaço novo de discussão. Nas periferias das cidades, as mulheres redescobriram o bairro como espaço alternativo de ação coletiva; constroem também o discurso que organiza as práticas sociais por um bairro melhor. Lobo acrescenta:

A experiência do cotidiano está também estreitamente ligada ao discurso e à prática da Igreja. O espaço da Igreja é muitas vezes aquele que articula as experiências e fornece instrumentos para sua interpretação. A memória das mulheres que começaram os clubes de mães mostra em que medida a possibilidade de discutir sua vida e seus problemas contribui para uma ideia de igualdade, de comunidade: [...] (LOBO, 2011, p.224).

Comblin (1994), ao estudar a questão da migração das pessoas à cidade, percebe que os papéis tradicionais vividos pelos indivíduos e grupos são quebradas na realidade urbana. Na cidade, novas relações sociais são constituídas entre as pessoas e famílias; novos bairros se formaram nas periferias dos grandes centros urbanos. Nos bairros periféricos, as lutas pelas melhorias com o apoio da Igreja Popular acontecem; neste espaço surgem, os novos atores sociais. Não obstante, a ligação entre fé e atuação político-social – o enraizamento do ser cristão à procura de perspectivas reais na sociedade, acontece nas Comunidade de Base. Segundo o autor, a maioria dessas lideranças são mulheres que assumem o compromisso social à luz da fé e da Palavra de Deus. Na opinião de Azevedo (1986), um estudioso das Comunidades Eclesiais de Base, ao pesquisar as produções intelectuais sobre as CEBs até então, observa que a base das CEBs são os pobres, o povo, entendido como aqueles que vivem na base da pirâmide social. Este povo rompeu seu silêncio dentro e fora da Igreja. Ele, o autor, identifica as pessoas e os grupos como novos atores sociais nas periferias da cidade, ao dizer:

No mundo da periferia urbana, seriam os trabalhadores da pequena indústria, biscateiros, lavadeiras e domésticas, donas-de-casa, empregados na limpeza pública ou no setor comercial, sem maior qualificação, trabalhadores com baixos salários ou sem emprego fixo, nem segurança ou título de competência. Culturalmente, gente simples, em boa parte analfabeta ou precariamente alfabetizada, [...] (AZEVEDO, 1986, p. 104).

Nesta observação, o autor traz um raio x dos participantes na Igreja Popular e nas CEBs nas periferias das cidades. Os interlocutores desta pesquisa também se enquadram dentro deste perfil que Azevedo encontra nas suas pesquisas. A participação das mulheres nos diferentes movimentos sociais e populares transformou-as em importantes atores sociais no Parque São Rafael. O novo contexto de sobrevivência numa situação de carência de quase tudo, gerou um terreno apropriado para o surgimento de novas lideranças e iniciativas no meio dos migrantes pobres. As reflexões e as formações que elas recebiam na Igreja Popular através das CEBs, fermentaram o desejo de poder ter o melhor e querer o melhor para elas e para os demais moradores do bairro. As reflexões antropológicas sobre as suas condições precárias de vida na periferia, nos grupos de CEBs, fizeram com que elas se entrosassem nas lutas sociais e populares. Nesta nova realidade, onde não havia nenhuma liderança historicamente construída, como era na realidade rural e a ausência dos homens, por motivo das suas buscas por empregos nas indústrias e nas fábricas na região do Grande ABC, elas se sentiram as únicas dispostas a assumir esta luta por uma vida melhor. O engajamento das mulheres pobres migrantes nos movimentos sociais, no Parque São Rafael, foi um ato de quebra de um padrão cultural com o qual elas eram acostumadas na realidade rural, onde a iniciativa e a dominação masculina era a praxe.

A Igreja Popular por meio das CEBs, passava uma mensagem de valorização da pessoa como filho e filha de Deus, assim construindo um sentimento de autoestima nestas pessoas para lutarem pelos seus direitos. O próprio ensinamento social da Igreja católica feito pelo Papa João Paulo II em 1981⁷⁶, a respeito da pobreza no mundo assinalava este mal como fruto da injustiça ao dizer; *“A percepção de que a pobreza hoje existente é fruto da exploração do homem pelo homem leva à constatação de que por trás dela existe não só um problema técnico-econômico, mas também um problema moral”*⁷⁷ (ANDRADE, 1991, p.237). Este processo de construção de atores sociais acontece nos grupos como CEBs, onde a união e a solidariedade entre os membros eram valores promovidos e vividos. E, é assim que Dona Judite lembra como era aquela época:

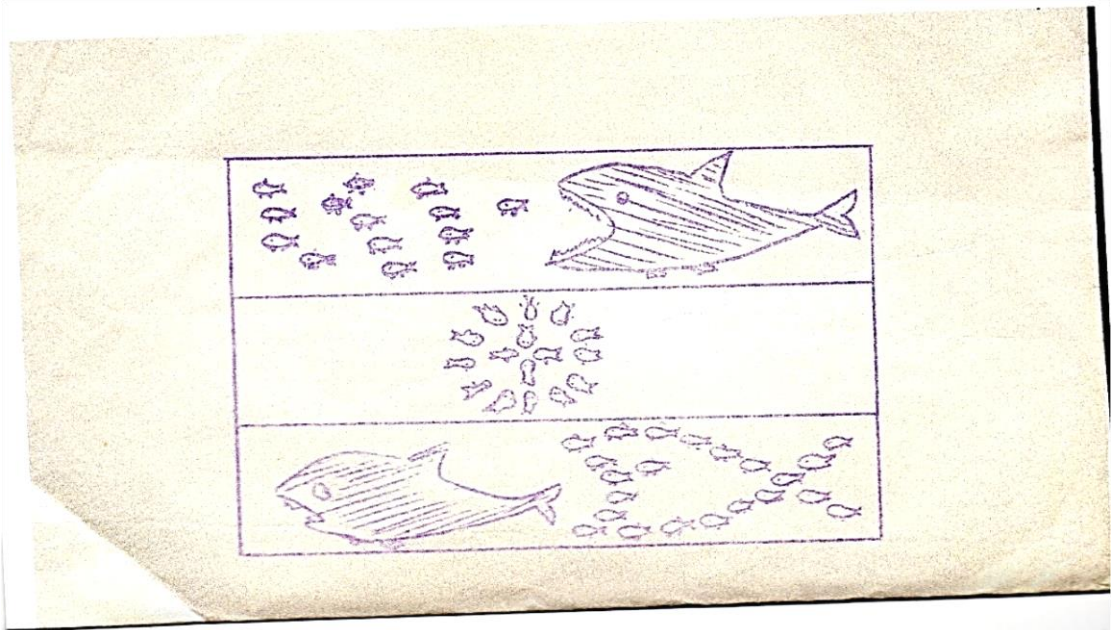
Naquela época de ditadura, as coisas não eram fácil, não! Mas, a gente sabia que se gente ficasse braços cruzados também não acontecia nada. Os grupos

⁷⁶ Em 1981 João Paulo II publicava por ocasião do nonagésimo aniversário da *Rerum novarum*, sua primeira encíclica social, dedicada basicamente à questão do trabalho, a *Laborem exercens*, 14 -9 -1981 (ANDRADE, 1991, P. 233/234)

⁷⁷ Aqui se refere ao “moral cristã”, ao dizer: Insere uma obrigatória referência a Deus e à Sua vontade. Detectar a causa moral que está por trás da existência da pobreza hodierna não significa transcurar as causas socioeconômicas que as produzem, mas procurar compreender as relações entre estas e as decisões e responsabilidades pessoais de cada indivíduo (ANDRADE, 1991, p. 238).

de rua (CEBs) eram muito fortes, nossa, vinha tanta gente, no meu grupo mesmo participava muita gente. Hoje o grupo está com bem pouca gente. Neste grupo além de refletir a Palavra de Deus, debatíamos os nossos problemas do bairro. Tinha muita gente das CEBs que estavam participando na Pastoral da Moradia, Pastoral Operária e existiam muitas pastorais naquela época na paróquia. A gente recebia muito apoio dos padres da paróquia. Qualquer manifestação que fazia, a gente enchia rapidinho dois ou três ônibus! Era muito boa a participação do povo nos movimentos, a gente era unida e não tinha medo destes grandões que mandavam. Já fui em audiência com Dr. Jatene reivindicando o nosso hospital (*Secretário de saúde*), já nós apresentamos peça de teatro, mostrando a situação da saúde na periferia para eles. Quando eles viam aquela multidão da gente em frente da secretaria, nossa! eles ficavam com medo. (DONA JUDITE, 76 ANOS).

Ao analisar o relato da Dona Judite, percebe-se a transformação cultural que acontece nestes sujeitos sociais. Eles encontram a força da transformação social na união e na solidariedade. Enquanto o poder das forças históricas e culturais estava na sua aliança política e no poder do capital, ao legitimar este poder como algo natural para as classes dominadas da periferia. A seguir, no documento N°. 04, veremos uma ilustração deste poder por meio de desenhos que os membros das CEBs usavam, como os maioria dos participantes das CEBs eram da pouca escolaridade, usavam o método dos desenhos para provocar a compreensão e a reflexão nos grupos.



Documento 4. Ilustração usada nos grupos das CEBs no Parque São Rafael na década de 1980⁷⁸.

⁷⁸ Fonte: Arquivo particular da Dona Iracema (líder comunitária do Parque São Rafael).

Esta ilustração demonstra a explicação da realidade social construída historicamente pelos dominadores sempre explorando os mais pobres para a manutenção do sistema opressor na sociedade. O Peixe grande (segundo os interlocutores é identificado com tubarão) representava as forças da opressão dos pobres vigente na sociedade como, líderes políticos há muito tempo no poder, empresários capitalistas e todas as forças que agiam contra o pobre. Dona Izabel no grupo focal diz: “*O que a gente tinha? Nada! A gente não tinha dinheiro e nem estudo! Só restava nos unir para buscar alguma coisa para nós aqui no bairro. Isso que nós fizemos. Os padres e os seminaristas ajudavam muito nesta luta*” (IZABEL, 70 ANOS).

Os peixinhos representavam os pobres (segundo os interlocutores autoidentificados como “os pequenos”). É fundamental observar a reunião dos peixinhos para traçar a estratégia da defesa, que representaria o próprio modo de funcionar as CEBs, sem uma hierarquia, mas num círculo, onde todos e todas são importantes e têm voz e vez. A partir das reuniões eles saíam mais fortalecidos e saíam para as ruas reivindicando os seus direitos, tais como creches, transporte público de qualidade, posto de saúde, etc.

Os movimentos sociais e populares foram uma reação dos pobres; nasceram a partir da reflexão que eles faziam dentro da Igreja Popular, alimentados na Teologia da Libertação e pela influência de pensamento marxista (WANDERLEY, 2007), (BOFF, L. 1981, 2004) e (ANDRADE, 1991).

Dona Judite lembra com muita saudade um dos cânticos que mais gostavam de cantar nos grupos de rua, dentro de ônibus ao ir às manifestações; são expressões que falam sobre a força dos pequenos na união e na solidariedade. Ela diz: a gente gostava de cantar, assim:

*Eu acredito que o mundo será melhor
Quando o menor que padece acreditar no menor.
Quando os pequenos acreditam no seu bem-estar comum
Sentindo as necessidades que padece cada um.
Unidos em Jesus Cristo, todos nós seremos um*⁷⁹. (JUDITE, 76 ANOS)

Este cântico demonstra a pedagogia utilizada na Igreja Popular, para que os pobres possam acreditar na sua própria força que vem da união entre eles ao diagnosticar as forças da opressão na sociedade (FREIRE, 2014). Segundo as interlocutoras do grupo focal, as mulheres sempre estavam num número bem maior do que os homens na reuniões das CEBs e nas Pastorais Sociais da Igreja. “*Elas estavam querendo aprender algo novo e a buscar melhorias*

⁷⁹ Cântico do Dom José Maria Pires, conhecido como Dom Zumbi (BOFF, L. 2004, p.140).

para o bairro e para a comunidade” (JARCSHEL, 1991, p.53). Entre tantos movimentos sociais e populares que existiam na Igreja Popular do Parque São Rafael, o foco maior desta pesquisa foi dado ao Movimento de Saúde, que ganhou força e uma participação importante das mulheres líderes. Este movimento ganhou ainda mais força com a morte do padre Antônio Meroth⁸⁰, num acidente, ele era um jovem padre que trabalhava no Parque São Rafael, no início da década de 1980.

Segundo os relatos coletados, Padre Antônio Meroth foi tratado como indigente num ambulatório da região e morreu no corredor do ambulatório por não ter uma ambulância para a sua remoção sem ter pago um valor em dinheiro. O fato teve repercussões em grandes mídias da cidade e fortaleceu a luta pelos postos de saúde e pelos hospitais públicos na região. No capítulo seguinte, o pesquisador desta dissertação analisará com maior ênfase a importância do Movimento de Saúde e a participação das mulheres no bairro Parque São Rafael.

A partir do estudo até aqui desenvolvido, chegamos a perceber que, nas memórias dos interlocutores, estão as lembranças do surgimento das novas lideranças, principalmente entre as mulheres, que assumiram as causas sociais como uma questão de fé, fundamentada na Palavra de Deus que é estudada e refletida nos grupos de CEBs. Vale lembrar que nas décadas de 1970 e 80s, as mulheres intelectuais, atrizes e personagens importantes da sociedade brasileira e do mundo discutiam a questão de gênero e lutavam para mais espaço e visibilidade na sociedade. Nesta mesma época, no bairro de Parque São Rafael, as mulheres pobres com pouca escolaridade, que vinham de um sistema tradicional social rural, onde elas sempre foram as últimas, através dos movimentos sociais incentivados pela Igreja Popular se transformaram em atores sociais dentro de uma transformação social que estava começando a acontecer. A análise das memórias dos pesquisados ajuda-nos a compreender o processo das mudanças e das construções dos papéis que aconteciam nas vidas das pessoas que vieram de uma “cultura popular” e inseriram-se numa sociedade industrial e numa Igreja Popular. Beisiegel esclarece essa mudança social nas vidas dessas pessoas, ao dizer;

A expressão “cultura popular” talvez encontrasse correspondência direta nas realidades sociais no passado, quando uma separação mais rígida e definida entre os grupos dominantes e as maiorias subalternas também se exprimia sob a forma de uma clara diferenciação entre as concepções e os modos de vida próprios a cada um desses segmentos da coletividade. Mas, nas condições de vida geradas na sociedade industrial e urbana, as diferenças então existentes

⁸⁰ Padre Antônio Meroth nasceu na Alemanha, pertencia a Congregação Missionários do Verbo Divino. Atuava como vigário paroquial na Paróquia São Marcos Evangelista no bairro de Parque São Rafael. Aos 34 anos de idade, morreu num acidente de moto que ele dirigia no dia 6 de março 1983 (Fonte: Arquivo da Paróquia São Marcos Evangelista, Parque São Rafael).

viriam progressivamente perdendo a antiga nitidez dos contornos (BEISIEGEL, 1988, p.41).

Estes novos contornos aconteceram nas vidas das comunidades na Igreja Popular do Parque São Rafael. Não obstante, produzindo contornos da diferenciação em alguns casos como as mulheres que assumem os papéis de lideranças dentro dos Movimentos Sociais e as outras nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Portanto, ganhando os lugares de destaque no cotidiano da comunidade urbana no bairro de Parque São Rafael. Dentro das CEBs, as mulheres pobres ganham novos contornos ao assumir-se como aquelas que interpretam a Palavra de Deus e trazem a reflexão para o novo contexto social urbano periférico, assim convocando todos os participantes para serem atores sociais neste processo de transformação social. Os contornos rígidos que foram vividos numa sociedade rural perdem a sua rigidez no contexto urbano, na cidade de São Paulo. Intelectuais estudiosos de questão duvidam da eficácia destas mudanças na sociedade, ao dizer que *“uma análise realista, pode duvidar as capacidades deste povo ou da massa para transformar a estrutura opressora da sociedade brasileira”* (WANDERLEY, 2007, p.60). Não obstante, é o começo de uma desconstrução das estruturas que elas mesmas carregavam dentro delas há séculos. As memórias partilhadas nos grupos focais, nas entrevistas e nas histórias de vidas demonstram o fato de que ainda os velhos atores sociais do bairro de Parque São Rafael vivem os efeitos das mudanças que eles produziram. A comparação que eles fazem nas suas falas da situação da sociedade de hoje e daquela que era no início das suas vidas, em São Paulo, revelam como eles são atentos ao passado e ao presente. Simmel (2011) afirma ao dizer que memória é sempre social, ela transforma o passado em presente, ou melhor dizendo, o presente atua sobre o passado, tal como o passado atua sobre o presente. Nessa encruzilhada do passado e do presente nas vidas dos pesquisados, abrem-se os campos da construção dos novos atores sociais na Igreja Popular do Parque São Rafael, São Paulo.

CAPÍTULO 3 - CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA IGREJA POPULAR DO PARQUE SÃO RAFAEL

3.1. Movimento de Saúde e a construção de gênero nos documentos⁸¹

A construção de gênero⁸² é um processo de inacabado movimento e este acontece em todos os campos, nas sociedades e em todas as culturas. Segundo Durhan (1983), ao tratar da questão de gênero, a autora destaca um dos lugares sociais responsáveis pela evidência da construção das identidades de gênero, em todas as culturas, ao marcar a divisão sexual do trabalho como segmento de valor significativo. A respeito Durhan (1983, p.33) diz: “*a divisão sexual do trabalho nas sociedades humanas está intimamente vinculada à elaboração cultural do fenômeno da reprodução biológica*”. As palavras da autora se fizeram presentes durante todo o processo de construção da presente dissertação, quando procurei entender as transformações vividas por minhas interlocutoras ao chegarem na periferia da grande cidade de São Paulo com suas novas experiências ganhas durante a vida no caminho para a cidade. Elas narraram histórias de mudança nas concepções de mundo ligadas à divisão do trabalho onde os poderes entre homens e mulheres sofreram significativas transformações, quanto ao modo de realização das relações de gênero, tanto na realidade rural como na realidade urbana. Com as mudanças nas relações da divisão do trabalho narradas por meus entrevistados, identifiquei o que aconteceu nas periferias das grandes cidades onde houve a inclusão simultânea da mulher nas duas esferas do trabalho, a pública e a privada. Ainda, inspirado por Durhan constatei que nesta nova realidade urbana em um sistema capitalista, as mulheres têm a percepção de sua desigualdade enquanto indivíduos na esfera do mercado e enquanto mulher, sempre ancorada na esfera doméstica da reprodução, como veremos na memória abaixo:

Sempre trabalhei fora para ajudar o meu marido. Trabalhava dobrado. Lavava roupa dos meninos e do marido no final de semana e fazia faxina. Meus filhos e marido me ajudavam bastante. Naquela época, a gente tinha os grupos de

⁸¹Entre os inúmeros documentos coletados, apenas alguns foram julgados importantes na análise desta pesquisa. Os demais encontram-se em posse do pesquisador.

⁸²Gênero é um constructo abstrato, um princípio de classificação, que emerge da observação do real: diferenciação sexual do reino animal e vegetal. [...] Gênero pode se multifacetar em prismas variados de análise. Gênero refere-se, de um lado, a uma dimensão crucial da noção de pessoa, àquilo que do ponto de vista de cada cultura o humano possui de qualidades sexuadas. Assim, representa a introdução da diferença em uma instância que lhe é logicamente anterior: a pessoa, tal como concebida em um esquema simbólico particular. [...] O gênero integra a razão simbólica como elemento constitutivo de base, derivando desse modo a impossibilidade de transcendência desse modelo (Maria Luiza Heilborn. *Fazendo Gênero? A antropologia da mulher no Brasil*. p. 103 -105).

rua⁸³, era uma vez por semana que a gente se encontrava numa casa. Eu também participava nas atividades na paróquia” (TELMA, 72 ANOS).

A situação narrada por Dona Telma revela a realidade dinâmica da mulher apresentada por Durhan, onde o trajeto da sua passagem de um cenário privado para uma esfera pública, ao mesmo tempo, aprisiona pelos preconceitos próprios às duas esferas. No capítulo anterior identifiquei tal situação ao analisar os relatos presentes nas memórias dos interlocutores e a participação das mulheres migrantes nos movimentos sociais populares no bairro do Parque São Rafael, onde o estudo mostra que a Igreja Popular foi uma força importante para ao acolhimento desta população e para o surgimento dos novos atores sociais, na periferia da cidade de São Paulo. Em seguida tomei os documentos responsáveis por guardar a memória da instituição católica, voltados para avaliação dos interlocutores, quando relataram a história, a participação na Igreja Popular e nos movimentos sociais, surgindo como sujeitos responsáveis por uma transformação social marcante.

A análise dos documentos⁸⁴ teve um papel importante para compreender melhor tais fatos sociais. Aqui, há a análise das fontes documentais públicas não arquivadas⁸⁵, as quais foram produzidas, no início da década de 1980, quando o movimento de saúde na zona leste era forte. Os documentos⁸⁶ coletados e analisados são: os estatutos da fundação do movimento de saúde na zona leste; atas das reuniões do movimento de saúde; avisos e avaliações do movimento de saúde; e das atividades na Paróquia São Marcos Evangelista. Foram reunidos também poemas e peças de teatros apresentados pelo movimento de saúde, reflexões nos grupos e Boletim Paroquial e informativos do movimento no bairro. Durante os primeiros contatos com estas fonte documentais percebi que os mesmos traziam histórias de grande valor, tanto para o exame de conjuntura da época, como também remetia a identificação da força feminina nas ações da Igreja Popular. Importante ressaltar o fato de que os documentos foram doados por duas mulheres que participaram, na década de 1980, das lutas por mais condições de saúde na região.

⁸³ Os Grupos de rua são grupos que existiam na Paróquia São Marcos Evangelista. Eles reuniam para ler a Bíblia e refletir a sua situação de vida à luz de Palavra de Deus. Existiam várias grupos que reuniam regularmente na paróquia (Fonte: os interlocutores da pesquisa).

⁸⁴ Segundo Cellard, o documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. “Documento favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas etc.!” (CELLARD, 2008, p.295).

⁸⁵ Os documentos públicos não-arquivados. Eles incluem, entre outros, os jornais, revistas, periódicos e qualquer outro tipo de documentos distribuídos, publicidade, anúncios, tratados, circulares, boletins paroquiais, anuários telefônicos, etc. (CELLARD, 2008, p.297).

⁸⁶ Será impossível de analisar todos os documentos neste capítulo. Foram escolhidos apenas alguns documentos que ancoram as hipóteses dessa pesquisa. Todos os documentos estão na posse do pesquisador para a consulta.

Em seguida fui buscar os princípios que orientavam a base do Movimento Sanitário Brasileiro. Esses encontraram em um artigo já coletado e que estava guardado junto com outros documentos considerados importantes. O texto abaixo retirado do artigo do programa de Saúde em São Paulo, destaca a força dos movimentos sociais na região da zona leste:

O Movimento Sanitário Brasileiro, organizado a partir de meados da década de 1970, advogou por transformações no sistema de saúde vigente, incluindo mudanças no modelo de atenção à saúde e também a democratização do mesmo, com a adoção de medidas que permitissem e garantissem a participação da sociedade civil nas decisões. [...] Sem dúvida, o Movimento de Saúde da Zona Leste (MSZL) tornou-se uma referência na área da participação popular em saúde e cumpriu um papel fundamental na criação e consolidação dos espaços institucionais da participação, que foram estabelecidos constitucionalmente em 1988. A função dessa Comissão de Saúde era organizar a luta por meio das reuniões semanais realizadas na *paróquia ou na casa de uma das mulheres participantes*⁸⁷ (Artigo: Programa de Capacitação Permanente de Conselheiros Populares de Saúde em São Paulo⁸⁸).

Este artigo mostra como o programa era importante para promover a solidariedade e a união dos moradores por reivindicações sociais na periferia. A força do Movimento de Saúde na região da Zona Leste e conforme os relatos dos entrevistados ao dizer que os espaços das reuniões, sendo, na maioria das vezes, na dependência da Igreja Católica Popular ou na residência de uma das mulheres participantes dessa Igreja. Fato este que demonstra a força da Igreja Popular nesse processo de empoderamento das mulheres nos bairros periféricos da cidade de São Paulo. Há um certo reconhecimento da participação maior das mulheres nessa luta popular, já identificado no capítulo segundo dessa pesquisa. A força e a liderança das mulheres no Movimento de Saúde na Zona Leste, é destacada também por Palma, ao dizer que:

Em 30 de setembro, após intensa mobilização e panfletagem na porta das Igrejas, nas feiras livres, nas escolas, no comércio e nas ruas, além de um trabalho casa a casa, ocorria uma assembleia popular no bairro, com cerca de 800 participantes. [...] Em 27 de outubro de 1979, as 12 conselheiras eleitas, todas mulheres, tiveram seus nomes publicados (PALMA⁸⁹, 2013, p.59).

⁸⁷ Grifos são do pesquisador.

⁸⁸ Site: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid> (Pesquisadores: Cláudia Maria Borges; Cleide Lavieri Martins; Pedro Dimitrov; Paulo Antonio de Carvalho Fortes; Paulo Fernando Capucci; Alexandre Nemes Filho; Álvaro Escrivão Junior; Arnaldo Augusto Franco de Siqueira; Emilio Telesi Junior; Osvaldo Donini; Paulo Eduardo Mangeon Elias).

⁸⁹ José João Lanceiro da Palma. Tese de doutorado “Lutas Sociais e Construção do SUS: o movimento de saúde da zona leste da cidade de São Paulo e a conquista da participação popular na saúde”, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2013.

Os dados apresentados pela autora revelam claramente a participação e a liderança feminina no campo de lutas sociais na zona leste. Não obstante, a participação ativa das mulheres nos movimentos sociais no bairro do Parque São Rafael e na região da zona leste, fizeram com que a visibilidade feminina na esfera pública tornasse um fato social. As análises dos documentos coletados comprovam essa transformação social que aconteceu na vida da mulher, mediante o Movimento de Saúde no bairro do Parque São Rafael. O contexto de mudanças sociais remetem às lembranças como aponta Pinto ao dizer:

O aparecimento da mulher no espaço público dos movimentos sociais e as transformações do espaço cotidiano onde se inserem. [...] o aparecimento da mulher enquanto sujeito político no interior da sociedade civil, através dos movimentos sociais, buscando a trajetória da visibilidade nas mais variadas instâncias da luta política (PINTO, 1992, p.129).

Ao examinar os relatos dos interlocutores e os documentos coletados, deparei com a constatação da autora, evidenciando que os movimentos sociais constituem no interior da sociedade civil, significativa ação social, ajudando a reorganizar a sociedade. Eles rearticulam as relações de poder e podem transformar ou não as relações sociais, apesar de sua natureza reivindicatória. Um dos mais antigos documentos examinados datado do mês de janeiro de 1981 e conhecido “*Saúde para Todos*”⁹⁰ sobre o Movimento de Saúde, analisados e distribuídos em vários bairros⁹¹ da zona leste. Nele encontra-se o início da mobilização pela saúde na região conforme transcrição abaixo:

Documento N.º. 01.

No dia 26/10/80 realizamos nova assembleia popular para cobrar do governo as nossas reivindicações. Durante meses prepararmos o encontro. Fizemos faixas, boletins e dezenas de reuniões nas ruas. [...] No dia alugamos 7 ônibus que fizeram quatorze viagens nos bairros trazendo gente para a praça da Igreja de São Mateus, onde estava o nosso palanque. Eram quase 2.000 pessoas. As autoridades presentes eram Adib, secretário da saúde, Cid representando o coronel [...] Durante a Assembleia houve discussões de apoio, peças de teatro e muito debate entre o Movimento de Saúde e as autoridades (SAÚDE PARA TODOS, Número 6, janeiro de 1981).

Este trecho do documento demonstra a união entre os vários bairros da região da zona leste pela saúde. Era uma mobilização que vinha acontecendo por alguns anos, inclusive

⁹⁰ O boletim encontra-se no arquivo do pesquisador.

⁹¹ “Saúde para Todos”, número 6, janeiro de 1981. Bairros: Vila Rica, Antonieta, Nova York, Centenário, Itápolis, Tietê, Tietêzinho, São Mateus, São Rafael, Carrãozinho, J.Santo André, Colonial, J. Augusta, Iguatemi, Laranjeiras e vilas vizinhas unidos por melhores condições de vida.

trouxeram autoridades governamentais para uma audiência pública numa praça da igreja católica em São Mateus, local de lutas sociais da zona leste, bairro vizinho do Parque São Rafael. O apoio dos líderes da Igreja Popular sinalizaram mudanças culturais e sociais do povo migrante ao debater os problemas sociais e políticos dos moradores com as autoridades, que representavam os detentores do poder na sociedade brasileira numa época de ditadura. Essa lembrança é bem viva na memória da Dona Judite já retratada no capítulo segundo. Segundo ela: “*esse é um povo simples que aprendeu na Igreja Popular a dialogar e debater com as autoridades*”. Fato esse, impensável numa sociedade rural onde ela vivia. Segundo Comblin (1994), na zona rural quem detinha o poder eram os letrados e os poderes tradicionalmente constituídos. Os moradores do bairro do Parque São Rafael eram pessoas de pouca escolaridade e tinham grande dificuldade de entender os mecanismos que operavam no interior de uma sociedade urbana. Transformar as mulheres e migrantes da periferia em sujeitos sociais é evidente no artigo publicado pelos dois líderes da Igreja Popular, que atuavam no bairro do Parque São Rafael, quando abordaram a questão de quem podia votar e quem não podia votar na eleição dos candidatos para Conselho de Saúde, ocorrido no ano de 1981. A matéria⁹² foi publicado no jornal da Arquidiocese de São Paulo conhecido como “O São Paulo”, conforme transcrição abaixo:

Documento N.º. 02.

“Analfabeto vota, sim sinhô!”⁹³.

[...] Portanto, moradores de 19 bairros da Zona Leste iniciaram o processo de eleição dos componentes do Conselho de Fiscalização de Centros de Saúde, e no Parque São Rafael está sendo grande a movimentação. Sabendo que o próprio povo fez a conscientização através de uma comissão organizada, e que gente do povo, **alfabetizados ou não**, se candidatou, ainda mais, o próprio povo descobriu suas formas e táticas e está votando. Todos estão votando no bairro, porque o sistema escolhido foi criado a partir da sabedoria da gente humilde: “É só pegar a folha, olhar para as fotografias dos candidatos e assinalar três dos vinte e oito que ali estão”. [...] Dois fatos significativos nos mostram que o povo sabe votar e quer participar das decisões que o atingem: uma moça surda-muda, na feira, exigiu gesticulando seu direito ao voto demonstrando sua vontade e conhecimento do processo eleitoral e um rapaz também surdo-mudo, participante da comunidade, apoiando a campanha, já que sua mãe é uma das candidatas. [...] (JORNAL, “O SÃO PAULO”, de 13 a 19 de novembro de 1981).

⁹² Os autores do artigo foram: a Ir. Cecília Domesi, que trabalhou por muitos anos na Paróquia de São Marcos Evangelista e na região, animando as comunidades católicas e os movimentos sociais, e as suas lutas. O Fernando Altemeyer Júnior, que foi seminarista na Arquidiocese de São Paulo e fazia a sua experiência pastoral no bairro do Parque São Rafael. Estes são lembrados com muita saudades por todos os membros do grupo focal.

⁹³ O título do artigo publicado da edição de 13 a 19 de novembro de 1981. Jornal: O São Paulo, uma publicação da Arquidiocese de São Paulo.

Este trecho da reportagem no jornal acima mencionado faz lembrar as falas dos interlocutores dessa pesquisa. São todos, com pouca instrução escolar e alguns nunca chegaram a frequentar uma escola. A memória do Seu Chico revela essa realidade:

O senhor sabe né, lá na roça não tinha como estudar. Aprendi mesmo só para ler e escrever, ainda com muita dificuldade. Lá o que a gente aprendia era plantar café, feijão e trabalhar na roça. A gente que era pobre, não tinha condição para continuar os estudos na cidade. Isso era coisa de rico. Aqui eu comecei a trabalhar numa firma. Percebi que precisava dos estudos para ganhar um pouco mais e ter um cargo melhor dentro da firma. Procurei me matricular numa escola e comecei a estudar. Eu era o mais velho da turma, os moleques, que não queriam nada, começaram mexer comigo na sala de aula. Não aguentei por muito tempo, desisti de estudar (CHICO, 75 ANOS).

A memória de seu Chico revela a triste realidade rural no Brasil. Algumas pessoas conseguiram continuar os seus estudos, com muitas dificuldades, ao chegar na zona urbana. Essa dificuldade é superada e esclarecida através de um artigo ao defender o direito de votarem na eleição para a escolha dos representantes de conselho de saúde do bairro. O artigo traz fortes críticas contra aqueles grupos que estão no poder, que querem excluir os moradores da periferia do seu exercício da cidadania. É evidente o esforço de liderança da Igreja Popular, ao tentar trazer os pobres, entre eles às mulheres, para dentro de uma participação democrática que desemboca na própria periferia da cidade. Essas discussões, segundo Boff, L (2004), abrem novos horizontes antropológicos que acontecem nas CEBs, onde eles discutiam a palavra de Deus a partir da realidade social vivida. No artigo, os autores argumentam que os moradores são capazes de fazer uma leitura da sua realidade porque conhecem as pessoas que irão representá-los e defendê-los, confirmado pelo pensamento de Comblin (1994), quando diz que os migrantes ao chegar na zona urbana se tornam os protagonistas da mudança e quebram a carga cultural e tradicional, que eles traziam consigo da realidade rural. Percebe-se claramente a aplicação do método pedagógico do Freire (2014), que ajudou no processo educacional de conscientização para uma libertação de um sistema que oprime o povo. Num outro trecho da mesma matéria, os autores criticam os grupos que não abraçam as causas sociais defendidas pelos líderes da Igreja Popular.

Documento N°.03

[...] Dentre as dificuldades sentidas, está o fato dos que se recusam a votar têm sido bem poucos porque se deixaram **hipnotizar** (*sic*) pela doutrina dos que “já estão fazendo tudo pelo povo” e “o povo é que não presta”. Há também algumas seitas religiosas que ainda não conseguiram enxergar dentro de sua

Bíblia onde é que está essa luta. Também o medo, o pavor da polícia. [...] A maioria no entanto, está votando consciente. Muitos crentes também estão votando e até há um Pastor da Igreja Evangélica entre os candidatos [...] (JORNAL. “O SÃO PAULO”, de 13 a 19 de novembro de 1981).

Aqui, há claramente sinais de que as lideranças enfrentaram as dificuldades no processo de conscientização e a mobilização dos moradores no processo da eleição dos candidatos. Havia pessoas, que se deixaram “*hipnotizar*”, ao que tudo indica estavam ligadas aos políticos do poder dominante, que apoiavam a estrutura vigente na sociedade. Este fato sinaliza o intuito democrático de escolher do cidadão, ao mesmo tempo, percebe-se um sentimento de desconforto com as atitudes contrárias tomadas por alguns segmentos dos moradores dos bairros de não participar da eleição com os comentários que responsabilizavam o povo pela situação social vigente na sociedade e, não as classes dominantes. Segundo Comblin (1994), na zona rural, quem detém o poder são aqueles que têm o poder político, econômico e religioso nas mãos e, o povo apenas obedece. Evidentemente que essas pessoas não eram participantes das CEBs, mas a sua fé e a tradição eram manifestadas numa *Igreja Tradicional e sacramental*⁹⁴. Aqueles que participavam na Igreja Popular liam e interpretavam a realidade, na qual se encontravam como estrutural e precisava ser transformada. Abaixo há um documento que demonstra a dinâmica que acontecia nos grupos, na época do natal, no bairro do Parque São Rafael:

*Documento N.º. 04*⁹⁵.

[...] “Pois eu, o senhor teu Deus, eu te seguro pela mão e te digo: Nada temas, eu venho em teu auxílio” (Is 41, 13 -14).

Jesus nasceu e a promessa de Deus foi cumprida (Flp 2, 6 -7).

Jesus entrou de cheio em nossa condição mortal. Assumiu a vida. Iniciou a construção do Reino de Deus – um Reino de justiça e de amor. Mas foi morto antes de completar a sua missão. Cabe a nós agora completá-lo. ADVENTO é preparar-nos para o nascimento de Jesus e a Novena “NÃO FECEM AS PORTAS QUE EU ESTOU CHEGANDO” é a nossa maneira de celebrar a vinda do Senhor.

(Pe. José)

⁹⁴ A América Latina foi missionada dentro de um determinado modelo de Igreja, o modelo próprio do Padroado. Segundo este modelo, a Igreja torna-se presente no mundo mediante um pacto com o Estado, que provê a todas as necessidades da Igreja e garante o seu funcionamento. Trata-se da relação entre hierarquias, da civil com a religiosa. A Igreja aparece como uma Igreja *para* os pobres e não tanto *com* os pobres e *dos* pobres. [...] A Igreja apresenta-se como o sacramento, quer dizer, o sinal e o instrumento oficial e público mediante o qual Cristo e o seu Espírito actuam e aceleram a concretização do Reino na história do mundo e de forma explícita e densa no espaço da Igreja (BOFF,L, 1981,pp.18/21).

⁹⁵ Fonte: Um fragmento de documento achado nos meio dos documentos doados por Dona Iracema. O documento não tem data e deteriorado pela ação do tempo. Segundo os interlocutores, é do início da década de 80.

NOVENA DE NATAL

Os grupos estão se reunindo nas ruas para rezar juntas, refletir, conversar e se conhecer. Isso é muito bom!

Também nossos irmãos e companheiros lá da favela começam a se encontrar e rezar. E, sua voz é gemido, é grito diante das dificuldades que enfrentam. No olhar sofrido há esperanças.

A oração em grupo reforça nossa união e participação, na hora da luta. Cada grupo vai se fortalecendo na amizade e aprendendo: a viver como irmãos; a respeitar as idéias (*sic*) dos outros e juntos buscar solução para nossos problema.

Deus vai se manifestando no meio do seu povo.

A análise documental confirma as informações coletadas no grupo focal sobre o papel do líder da Igreja Popular no processo construtivo de novos atores sócias no bairro do Parque São Rafael. O líder Padre José, usa os textos bíblicos para incentivar os membros das CEBs para as lutas sociais. Suas lutas sociais e políticas são ancoradas na fé e na Palavra de Deus. Segundo Weber (2010), o carisma é uma qualidade fundamental de um profeta que mobiliza o povo por uma construção de novas lógicas do poder numa instituição ou numa sociedade. Os líderes da Igreja Popular sinalizam essa característica ao protagonizar com os moradores pobres da periferia no Parque São Rafael. Os grupos de CEBs da Igreja Popular no bairro do Parque São Rafael foram espaços, onde os participantes aprendiam a ler a Bíblia e interpretá-la na sua realidade social e antropológica vividas no bairro e na sociedade. As pessoas que discordavam de uma leitura social e crítica da realidade em que viviam também eram católicos, mas não admitiam a presença dos líderes sindicais e políticos na Igreja ou que abordassem os assuntos da política, dentro do espaço religioso ou no culto religioso. Esta observação é evidente na memória do seu Jeremias (70 anos) no capítulo segundo, ao comentar a presença de Lula, o líder sindical dentro da igreja no bairro do Parque São Rafael. A análise feita frente as informações colhidas, demonstra que havia moradores no bairro que ainda carregavam o pensamento da Igreja Tradicional dentro de si. Este grupo não aprovavam as atitudes dos líderes da Igreja Popular de se envolver nas lutas sociais e a liderança das mulheres à frente da comunidade católica do bairro. Essa divisão é trazida em discussão por Pinto (1992) ao tratar do surgimento das mulheres como líderes nos movimentos sociais.

[...], do sujeito que adere ao movimento, constituindo-se em um novo sujeito. A adesão pode ser pensada como um rito de passagem do mundo privado para o mundo público. O rito envolve, no caso, uma rede de rupturas e a constituição de uma identidade pública. A adesão coloca o sujeito frente a novas relações de poder e, conseqüentemente, de tensão no interior da família, do local de trabalho, nas relações de afeto e vizinhança. Aquele que adere se diferencia rompendo, por exemplo, com relações de poder estabelecida no

interior da família, caso bastante comum quando se trata de uma mulher que passa a participar de um movimento (PINTO, 1992, p.131).

São rupturas e tensões na construção do gênero na família e na sociedade, narradas por Judite (76 anos) no capítulo segundo ao chamar atenção para os documentos analisados neste capítulo. Outro grupo que não está participando nesta luta são membros de algumas seitas religiosas. Os autores da reportagem levantam a questão de que eles não conseguem enxergar a luta pela dignidade dentro da Bíblia. Nessa época, ainda não era muito forte a presença das igrejas pentecostais nas periferias, principalmente no bairro do Parque São Rafael. Essas igrejas que estavam ganhando o terreno nas periferias de grandes cidades, ainda eram conhecidas como seitas pela liderança da Igreja Popular. A base da toda pregação e a crença delas era a “Teologia da Prosperidade⁹⁶”. Ao contrário, para a liderança da Igreja Popular, toda a força pela luta social, vinha a partir de uma compreensão antropológica da vida e da dignidade humana entendida a partir da Palavra de Deus (BOFF, L. 2004). As lideranças da Igreja Popular faziam a leitura da realidade social de dominação como um problema estrutural histórico de exploração dos pobres pelas classes dominantes da sociedade. Teóricos como Wanderley (2007) e Azevedo (1986) confirmam essa observação ao abordar o papel das CEBs na Igreja Popular. Ao mesmo tempo, percebe-se que existe também um interesse a partir de algumas Igrejas Evangélicas por uma transformação social, como se percebe que entre os candidatos há presença de um candidato Pastor.

Outro informativo encontrado durante a pesquisa, publicado após a conquista de um posto de saúde no bairro do Parque São Rafael, evidencia a força da liderança feminina nesse movimento, a força das pessoas migrantes pobres, que surgem como atores sujeitos de transformação social numa região politicamente e economicamente ignorada. O informativo traz o seguintes:

Documento N°. 05.

O POVO JÁ EXPERIMENTA QUE VITÓRIA É POSSÍVEL.

A comissão de saúde, no Parque São Rafael, se movimenta. Um carro passa pelas ruas convidando “É amanhã!” A festa é do povão! Vamos inaugurar o Centro de Saúde que foi nossa conquista. As mulheres estão confeitando um bolo de 200 kilos, feito do jeitinho como é o trabalho das comissões de saúde: no começo a gente se pergunta se vai ter bolo mesmo; **de repente começam**

⁹⁶ A Teologia da Prosperidade foi disseminada no Brasil a partir do final da década de 1970 com o surgimento das igrejas neopentecostais. Para as igrejas neopentecostais, a pobreza e a miséria não estão enraizadas em um contexto social historicamente marcado pela exclusão e concentração de renda, mas no pecado, na idolatria (entendida como o predomínio de credos não protestantes) e na atuação de demônios na vida das pessoas. (Bertone de Oliveira Souza. *A teologia da prosperidade e a redefinição do protestantismo Brasileiro: uma abordagem à luz da análise do discurso*. Revista Brasileira de História das Religiões Ano IV, n.11, setembro 2011).

a chegar os pequenos bolos: uma forma daqui, outra dali, e tudo forma um bolo só. É dia 20 de setembro, três horas da tarde... Dois caminhões feito palco, em frente ao prédio do centro de saúde. [...] **“Saúde, Educação, a luta é do Povão” Gritando slogans e cantando, uma única autoridade é ali aplaudida O POVO DA PERIFERIA.** [...] A história vai sendo lembrada:

Com a participação na Assembleia de Saúde, no dia 27 Maio de 1979, em São Mateus, São Rafael foi oficialmente incluído na lista dos lugares mais necessitados para a construção de um centro de saúde.

Sabemos que não é suficiente escrever um ofício e mandar para o secretário, esperando a vontade dele. Um ofício não impressiona. O Movimento de Saúde decidiu ir em massa cantando “Ó nós aqui ‘traveiz”, no aniversário da Assembleia, um ano depois, um caravana de 8 ônibus. Ora, um ofício ou 10 podem ser engavetados facilmente, mas é difícil enfiar 8 ônibus numa gaveta, e oito ônibus da gente boa, e gente brava. Gente de fibra que não se cala diante de palavras bonitas e enroladores.....

Agora a hora chega, e a fita está lá, como um símbolo em cima do caminhão. **Sobem uma gestante, um menino favelado, um rapaz negro com uma criança nos braços, uma senhora doente e de idade. Um momento de muita emoção. Só os pobres têm direito de cortar essa fita**⁹⁷. O laço é desfeito, a multidão aplaude demoradamente. Está aberta a possibilidade, já que o povo é capaz de se dar as mãos. Nesse instante, chega o bolo da união. Todos devem comer um pedaço, diz a comissão. “a luta é nossa, por isso esta vitória também é nossa!” (TRECHOS DE UMA REPORTAGEM TIRADOS DO BOLETIM INFORMATIVO⁹⁸ SEM DATA).

Tudo indica que a linguagem usada nesta reportagem é uma linguagem popular, de pessoas com pouca escolaridade como a Dona Judite (76 anos), lembradas no capítulo segundo. A presença dos bolos nas reuniões do Movimento apresentada na reportagem revela a participação majoritária de mulheres, tanto na base, como também na organização do evento. As mulheres que estavam transitando numa esfera privada, alargam as fronteiras sociais e culturais para o seu aparecimento na esfera pública. Ao tratar das fronteiras sociais e culturais, Bhabha (2013), recorda que essas fronteiras não são rígidas ou fixas. O processo de desconstrução das estruturas e os papéis sociais são parte de alargamento das fronteiras sociais e antropológicas numa sociedade.

Conforme já apontado, observou-se que a liderança das mulheres na periferia estava relacionado ao fato de terem mais tempo e conhecimento do bairro o que as tornaram mais atuantes vários níveis de ação social. A estrutura da organização e a construção de um símbolo, era demonstrado pela solidariedade e partilha expressa através do bolo, fato que demonstra uma organização e participação, pensado a partir de um universo cultural feminino. O palco do evento torna o espaço de desconstrução das estruturas históricas e culturais de séculos na

⁹⁷ Os grifos são do pesquisador

⁹⁸ A reportagem na sua íntegra se encontra na posse do pesquisador. Não há o ano, pois é uma página solta encontrada no meio dos documentos, mas tudo indica que foi no ano de 1981.

sociedade brasileira. O discurso do poder masculino dominante é substituído pelos representantes dos grupos que sempre foram empurrados para as periferias existenciais da sociedade brasileira. Uma frase que chama a atenção na reportagem é; “*uma única autoridade é ali aplaudida O POVO DA PERIFERIA*”, essa atitude revela o aparecimento de um novo sujeito num espaço histórico social não estruturado. Uma força nova se constrói na periferia, chamando ao diálogo os poderes do Estado e outros poderes históricos das classes dominantes. Este tipo de atitude e ações eram quase impossíveis numa realidade rural vivida pelos participantes do grupo focal.

A força do poder simbólico, que Bourdieu (2007) aborda, está em cada personagem apresentada para o público que simbolicamente inaugura o novo posto de saúde conquistado pelos moradores. Cada personagem apresentado pela reportagem sinalizam uma possibilidade de ruptura com o sistema, que domina e que está em poder. Personagens tais como uma gestante que pode significar a esperança ou um novo começo. O menino favelado, que é visto como um novo sujeito com direitos, o que é negado na sociedade estruturada de poder.

O rapaz negro com uma criança nos braços pode indicar o esforço de trazer o negro para centro de uma nova construção histórica, que anuncia a liberdade de conquistar o seu espaço e a sua cultura e, por último, a senhora de idade e doente representaria aqueles que não produzem nem consomem numa sociedade capitalista (BOSI, 2012), esquecidos, pois estão na margem da existência, sua história é passada, eles também são convidados para a luta e valorizados no movimento e na nova sociedade, que esses atores sociais buscam construir pelas suas lutas. É importante verificar o deslocamento do poder ou surgimento de outros focos dos poderes, sendo eles fora dos espaços dos poderes constituídos historicamente pelas classes dominantes, destacado por Foucault (2014), ao analisar o poder como uma prática social, em constante transformação. O mesmo fenômeno é percebido nos movimentos sociais no bairro do Parque São Rafael.

Na análise dos fatos da religião, (DURKHEIM,1996) percebe o papel da Igreja Popular, gerando a solidariedade social em função de uma transformação social no bairro do Parque São Rafael, iluminada pela Palavra de Deus (BOFF, L.2004). A influência da Igreja Popular na vida dos novos atores sociais no Parque São Rafael é evidente nesta programação abaixo que trata de uma semana de saúde:

SEMANA DE SAÚDE ⁹⁹	
Dia 18 Domingo	15.00 Missa dos doentes e 16.00 Festa para os veteranos
Dia 19 Segunda	19.30 Tema “Saneamento Básico” SABESP ESGOTO Prefeitura Problemas de esgotos
Dia 20 Terça	19.30 CENTRO DE SAÚDE E INAMPS ¹⁰⁰
Dia 21 Quarta	19.30 A PILULA ¹⁰¹ e CÂNCER
Dia 22 Quinta	15.00 Chá. Palestra. FILME sobre saúde 19.30 MISSA e FILME
Dia 23 Sexta	19.30 PLANEJAMENTO FAMILIAR “O método BILLINGS ¹⁰² ”

Ao analisar a programação da Semana de Saúde, percebe-se que existe uma ligação muito forte dos participantes com a religiosidade, pois inicia a semana com um culto religioso. No quarto evento significativo do encontro religioso, encontrei a frase: “Quinta-feira também há um culto religioso e depois um filme”. Este fato demonstra os participantes das atividades da Semana de Saúde na grande maioria eram membros da Igreja Popular. Neste ponto, a observação de Azevedo recorda a importância em compreender o apoio da liderança da Igreja Popular para estes movimentos, ao dizer:

Paulo VI estabelece aí a íntima conexão entre a evangelização, o desenvolvimento e promoção plena do homem todo, no plano individual e no social. Entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento e libertação, há laços de ordem antropológica, teológica e evangélica (AZEVEDO, 1986, p. 167).

Toda ação da Igreja Popular junto às pessoas da periferia partiam dessa reflexão, ajudando-as a fazerem uma leitura crítica e libertadora da realidade social na qual se encontravam. Um fato importante que chama atenção é a participação das mulheres nas

⁹⁹O documento encontra-se em posse do pesquisador.

¹⁰⁰ O INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social) foi criado pelo regime militar em 1974 pelo desmembramento do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que hoje é o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS); era uma autarquia filiada ao Ministério da Previdência e Assistência Social (hoje Ministério da Previdência Social), e tinha a finalidade de prestar atendimento médico aos que contribuíssem com a previdência social, ou seja, aos empregados de carteira assinada. O INAMPS dispunha de estabelecimentos próprios, mas a maior parte do atendimento era realizado pela iniciativa privada, os convênios estabeleciam a remuneração por procedimento, consolidando a lógica de cuidar da doença e não da saúde (site: www.Sistemaunicodesaude.weebly.com/histoacuteteira.html).

¹⁰¹ A pílula anticoncepcional. Desde o início da década de 1960, estava disponível no mercado um método mais seguro de contracepção, a “pílula”. A existência desse método anticoncepcional ajudou a consolidar na mentalidade das pessoas a separação entre procriação e sexualidade, com o aval das ciências médicas (Joana Maria Prado. *Corpo, Prazer e Trabalho*, p.244. Nova História das Mulheres, São Paulo: Ed. Contexto, 2012).

¹⁰² Método de ovulação Billings é uma maneira comportamental e natural de prevenir gravidez, já que se baseia em evitar relações sexuais em determinados períodos de cada ciclo menstrual, de acordo com a análise do muco cervical feminino. É um método bastante incentivado por grupos religiosos, principalmente por católicos, e tem a vantagem de ser simples, sem ônus e também a de permitir que a mulher conheça melhor o funcionamento do seu corpo (site: www.billingsmethod.org/bom/lit/teach/index_pt.html).

atividades promovidas pela Igreja Popular. O documento analisado revela a importância dos temas abordados para o público feminino nas reuniões, no bairro do Parque São Rafael. O saneamento básico é um ponto discutido na semana; era e continua sendo um dos grandes problemas nas periferias das cidades. Nesta época, sem um sistema de esgoto planejado, a sujeira corria pelas ruas do bairro, causa de muitas doenças das crianças, que brincavam nas ruas e nos terrenos do bairro. Os migrantes pobres, acostumados a uma vida rural, aprendem a reivindicar os direitos de cidadão urbano com a sua participação na Igreja Popular e nos movimentos sociais. A teórica Lobo (2011, p.271) observa essa participação das mulheres nos movimentos sociais nas periferias ao dizer que: *“em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela exclusão, os movimentos de mulheres desempenham um papel importante no questionamento do problema da desigualdade”*. É uma observação evidente nas memórias dos meus interlocutores no capítulo segundo.

Outro tema de grande relevância para o público feminino, apresentado na programação da Igreja Popular, chamado “Semana de Saúde”, é sobre o uso de pílula anticoncepcional, popularizando, naquela época, a crença de muitas mulheres sobre os problemas que poderiam ser causadas pelo uso dela, entre os quais se acreditava que provocaria câncer e outras doenças. Por outro lado, entra a iniciativa da Igreja Popular na formação das mulheres sobre o planejamento familiar, uma forma de se adaptar para a nova realidade urbana em que se encontravam. Na fala de Clara, no grupo focal, fica evidente este contraste das mentalidades de quem vivia na zona rural e quem vive na zona urbana, ao dizer: *“A gente é da roça, lá no interior, as mulheres têm bastante filhos. Eu tenho quinze filhos. Agora, aqui na cidade, não tem condição de ter filhos como antigamente. Aqui a vida é muito corrida né, e a criação também é muito difícil”* (CLARA 82 ANOS).

Ao migrar para a periferia urbana, evidentemente elas estavam diante de num novo contexto socioeconômico não podiam mais viver como no interior com uma família numerosa. Nestes espaços da Igreja Popular, aprenderem como se adaptar a essa nova realidade urbana, periférica, com os novos desafios que os trabalhadores assalariados enfrentavam. Não obstante, é importante sublinhar que os líderes da Igreja Católica Popular não contrariaram os ensinamentos da Igreja Católica sobre a orientação do uso dos métodos anticoncepcionais¹⁰³,

¹⁰³ Diz no catecismo da Igreja Católica: “A continência periódica, os métodos de regulação dos nascimentos baseados na auto-observação e no recurso aos períodos infecundos, são conformes aos critérios objetivos da moralidade. Estes métodos respeitam o corpo dos esposos, estimulam a ternura entre eles e favorecem a educação duma liberdade autêntica. Em contrapartida, é intrinsecamente má qualquer ação que, quer em previsão do acto (*sic*) conjugal, quer durante a sua realização, quer no desenvolver das suas consequências naturais, se proponha, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação”. Esta postura é reproduzida no ponto 498 do catecismo

pois a Igreja Católica recomenda aos fiéis a utilização do método natural como o caso de esclarecimento sobre o método Billing. Todos esses temas abordados na “Semana de Saúde” demonstram claramente que, eles foram pensados e elaborados pelas mulheres e para as mulheres como prioridade. Portanto, a participação das mulheres evidentemente era expressiva, tanto na Igreja Popular como no Movimento de Saúde no bairro do Parque São Rafael. Aqui é oportuno recordar as contribuições da Dra. Zilda Arns Neumann¹⁰⁴ na construção de gênero na sociedade brasileira e em especial às questões da saúde materno infantil. Em seu trabalho sempre aliou o conhecimento científico ao conhecimento da cultura popular. Valorizou o papel da mulher pobre na transformação social, mobilizando todas: pobres, ricos, analfabetos e doutores.

A liderança de Movimento do Saúde no bairro, junto com a Igreja Popular, preocupava-se com a conscientização dos moradores do bairro. Para os líderes, a saúde não é apenas uma questão de postos de saúde, mas engloba uma qualidade geral de vida no bairro que passa pela educação e pelos outros direitos que um cidadão deve ter. Há um pensamento político de democracia, que perpassa pelas manifestações populares, com o surgimento de novos atores neste espaço novo: “*A discussão teórica sobre a democracia contemporânea tem sido ancorada no surgimento de novos grupos e demandas, dentre os quais as mulheres e as minorias étnicas e sexuais aparecem com grande destaque*” (PINTO, 2002, p.83). O processo de conscientização é feito nos grupos com matérias impressas de fácil interpretação e entendimento do povo simples.

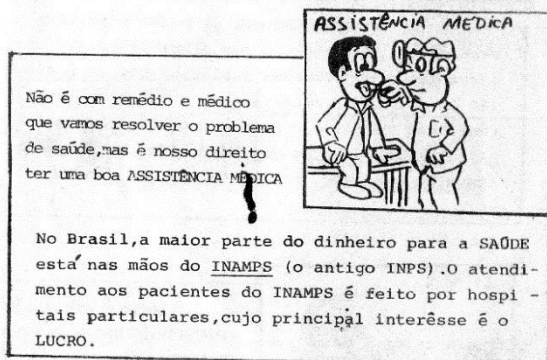
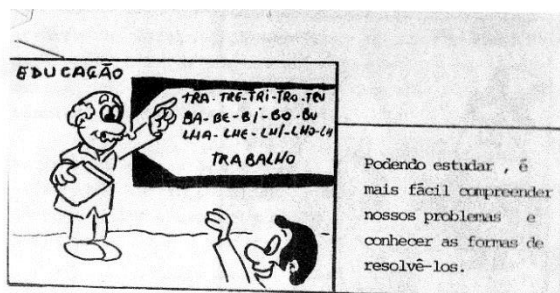
Os documentos coletados revelam o esforço da liderança da Igreja Popular e dos líderes do Movimento de Saúde do bairro, no processo de conscientização e de mobilização dos moradores. Segundo os membros do grupo focal, o material impresso era distribuído nos cultos religiosos, nas reuniões, nas casas dos moradores e nas feiras livres do bairro. As imagens e as ilustrações, além do conteúdo escrito, facilitavam a compreensão da mensagem para uma população carente de leitura e de escolaridade. Os moradores do bairro do Parque São Rafael começaram a compreender que a saúde é fruto de uma combinação de vários fatores como lazer, trabalho e alimentação, entre outros. Assim, tendo a consciência de fato de que a saúde é fruto de uma questão social, que se vive. Essa reflexão social nos grupos da Igreja Popular foi

abreviado da Igreja Católica publicado em 2005 e é resultado de encíclica *Humanae Vitae* publicada em 1968 pelo Papa Paulo VI (Fonte:<http://contracepcão.com/catholp.htm>).

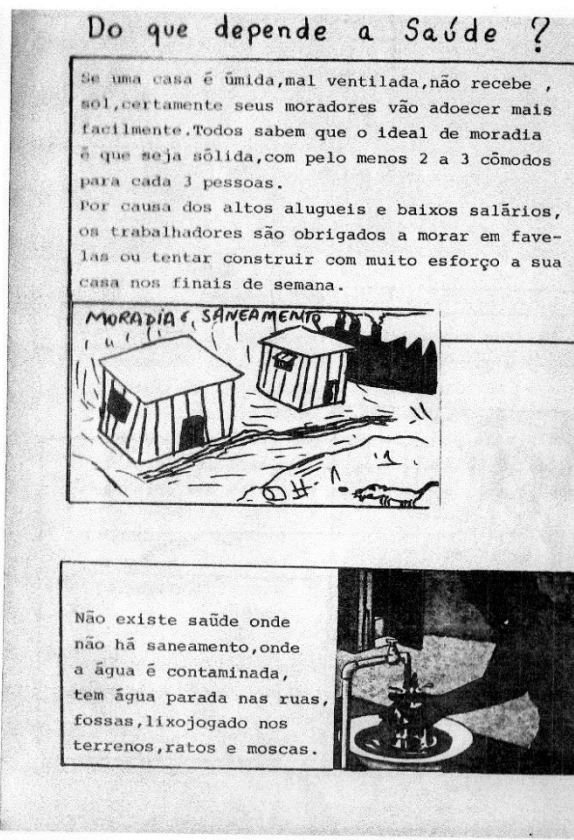
¹⁰⁴ Fundadora da Pastoral da Criança juntamente com Dom Geraldo Majella Agnelo, em Florestópolis – Paraná, no ano de 1983 (<http://www.pastoraldacrianca.org.br>)

fundamental para fomentar as lutas sociais num Brasil, “onde a pobreza atinge 30 milhões de pessoas” (PINTO,2002, p. 82).

O Movimento de Saúde utiliza mecanismos como jornal, cursos de formação e outros meios para criar uma nova consciência entre os moradores no bairro do Parque São Rafael, como evidenciam os fragmentos do jornal “Movimento de Saúde” que reproduzo a seguir:



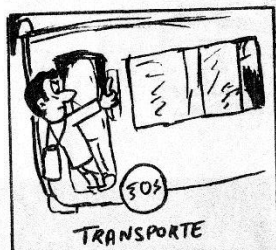
Vendo tudo isto que foi dito,podemos entender que a SAÚDE é melhor ou pior,conforme as condições de vida das pessoas.



Através dos alimentos o organismo se prepara para defender-se das doenças. Alguns alimentos são melhores que outros, como leite, carne, ovos, por que oferecem mais substâncias para as defesas do corpo.

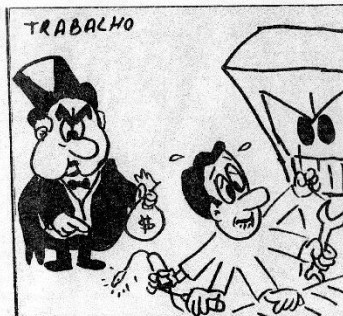
Assim, numa pessoa fraca e mal alimentada, até as pequenas doenças podem provocar grandes estragos e levar à morte.

ALIMENTAÇÃO



Além do desconforto que apresentam, também são fontes de contaminação e transmissão de doenças, devido à superlotação dos ônibus.

Além disso, as pessoas que passam 3 horas diárias num ônibus, que enfrentam filas, vão ficando pouco a pouco irritadas e com problemas mentais.



É do TRABALHO que as pessoas retiram o rendimento para pagar a sua sobrevivência. É com o resultado do trabalho (salário) que as pessoas vão se alimentar, morar, vestir e viver em condições boas ou ruins, conforme o que recebem. Além disso, várias doenças são adquiridas no local de trabalho, sem falar nos acidentes, que são muito



O LAZER é cada dia importante, porque as pessoas precisam se distrair para cuidar na saúde da mente e do corpo. Que tipo de LAZER nós temos?

3.

Documento 7. Documento doado por Dona Iracema. Jornal do “Movimento de Saúde” (sem data) no bairro do Parque São Rafael.

O documento número sete, demonstra a condição social na qual os moradores viviam e pelo o que lutavam. As ilustrações mostradas pelos quadrinhos facilitam o entendimento da situação social na qual eles estavam inseridos. A recordação de Dona Judite na entrevista é a mesma de todos os interlocutores: “*sabe, tudo que temos aqui no bairro, o asfalto, posto de saúde, creche, transporte de melhor qualidade, hospital de São Mateus, tudo isso foi pela luta da gente, foi difícil, mas conseguimos*” (JUDITE, 76 ANOS). O jornal do Movimento de Saúde ajudavam os moradores terem uma nova consciência social e política, assim desencadeando um processo de transformação da sua própria cultura.

Os espaços da Igreja Popular e dos movimentos sociais se transformaram em campos de uma educação libertadora (FREIRE, 2013). A aplicação de uma nova pedagogia de aprendizagem nas CEBs formaram para que os moradores fossem capazes de entender os mecanismos das estruturas dominantes que excluía-os do lazer, da água encanada e outros benefícios que as classes privilegiadas desfrutavam na sociedade brasileira. A aprendizagem da

leitura social das estruturas do poder provocaram novos contornos no processo de empoderamento das mulheres no bairro do Parque São Rafael.

A análise documental e das memórias dos interlocutores confirmam que um fato ocorrido no ano de 1983 fortaleceu a luta do Movimento de Saúde na toda região de zona leste. A morte do jovem sacerdote alemão Pe. Antonio Meroth, vítima de um acidente de transito por falta do atendimento médico no dia 04 de março de 1983, que trabalhava na Paroquia de São Marcos Evangelista, no Parque São Rafael, foi veiculada por importantes jornais do país e teve repercussão na região e nas grandes mídias. A notícia no Jornal Folha de São Paulo dizia:

“Padre morre por falta de dinheiro para ambulância”.

*na
caminhada
da
Libertação!*

Padre morre por falta de dinheiro para ambulância

Cinco mil rezam pelo padre morto

UM LÍDER

Estas comunidades estão espalhadas numa grande área vizinha a São Mateus e Sapopemba, nos bairros do Centenário, Artcardiá, Vila Antonieta, Vila Nova Park e Jardim Impresador, cuja população é estimada por Dom Luciano em 400 mil pessoas.

Dom Luciano lamentou ao final da missa a perda do padre Antonio. "um líder", apesar do pouco idade, 24 anos, sete dos quais dedicados ao sacerdócio.

O corpo do padre Antônio deixou a igreja de São Marcos por volta das 16 horas, sob aplausos respeitosos da multidão. Foi sepultado no jazigo da Congregação do Verbo Divino, a qual pertencera, no Cemitério Gertrudiana, no Morumbi.

FOLHA DE S. PAULO 6/7 de março de 1983

Documento 8. Documento doado por Dona Iracema. Reportagem sobre a morte do Pe. Antônio Meroth no jornal “Folha de São Paulo” no dia 7 de março de 1983.

Segundo os interlocutores, este acontecimento foi algo que fortaleceu a luta, que já vinha acontecendo há anos. Percebe-se como esse fato fortaleceu-se com o apoio da Igreja Popular. Segundo a reportagem, cinco mil pessoas rezaram pelo Padre Antônio Meroth. As pessoas que participaram no velório, estavam comprometendo-se para fortalecer a união entre eles e as lutas pela saúde e pelos hospitais públicos na região da zona leste. A questão foi amplamente debatida por jornais e informativos publicados a partir do ano de 1983. Este

acontecimento trágico de um líder da Igreja Popular foi um fato marcante nas lutas sociais na região da zona leste e particularmente, no bairro do Parque São Rafael. Dona Maria de Nazaré lembra com saudade no grupo focal:

Padre Antônio era muito querido, no dia anterior do acidente, passou por aqui. Ele estava feliz com a moto que comprou com o dinheiro que a irmã dele mandou da Alemanha. Naquela época, ele fazia um trabalho muito bonito com os grupos de jovens da paróquia. Fiquei revoltado com a morte dele, ele morreu como indigente no corredor do hospital! Foi um descaso! Muito triste!” (MARIA DE NAZARÉ, 80 ANOS).

Os interlocutores do grupo focal lembram do Padre Antônio Meroth com muita saudade e a igreja onde o grupo se reúne é chamada de Comunidade de Padre Antônio Meroth. A reportagem no jornal reconhece o Padre Antônio como um líder da Igreja Popular na região. Dona Izabel confirma a capacidade da liderança dele, ao lembrar:

O senhor sabe, O Padre Antônio tinha uma frase para cada grupo. Para os jovens ele dizia: Hoje eu estou falando; amanhã, vocês vão falar. Às comunidades ele dizia: É preciso repartir pão da palavra, da amizade e da eucaristia. Aos favelados ele dizia: Vão devagar que vocês chegam lá. Colocamos essas frases dele escritas aqui na entrada da comunidade. Lá na sede da Associação também tem as frases dele. Ele era muito querido do povo (IZABEL, 70 ANOS).

Mais uma vez as memórias dos interlocutores e o documentos constata a importância de líderes portadores do carisma que Weber (2010) aborda como uma qualidade intrínseca do profeta numa instituição, esse carisma pode ser notado no líder da Igreja Popular. Ao mesmo tempo, a solidariedade como uma das dimensões fundamentais da religião é promovida pelas palavras do líder religioso conforme a memória de Dona Izabel. Num modo cristalino, os líderes da Igreja Popular se identifica como uma Igreja “da libertação”, da qual participam todas as pessoas ou grupos que com ela se identificam. A Associação Padre Antônio Meroth, vem desenvolvendo um trabalho assistencial e social aos moradores do bairro e da redondeza. Segundo os entrevistados, este fato triste ocorrido e as lutas do Movimento de Saúde ajudaram na implantação dos conselhos de saúde pelos bairros de São Paulo e em especial no Parque São Rafael onde foram eleitas cinco mulheres como conselheiras.

Entre os documentos coletados, encontrei uma publicação do diário oficial do dia 16 de dezembro de 1981¹⁰⁵, pelo então secretário de saúde, Adib Domingos Jatene. Traz os

¹⁰⁵ O documento encontra se em posse do pesquisador para verificação.

resultados das eleições para os membros dos Conselhos de Saúde de cada região com o nome de cada conselheiro e com o número de RG. Entre os membros eleitos para serem conselheiros no parque São Rafael foram cinco mulheres e quatro homens, sendo a mais votada, a candidata foi Ivone Toscano de Moraes. O resultado é uma demonstração da participação e da força das mulheres nos movimentos sociais da região. Portanto, o surgimento das mulheres na esfera pública como líderes é um fenômeno novo que quebra a lógica do jogo social numa sociedade tradicional. Este fato comprova a afirmação do Comblin (1994) ao dizer que na realidade urbana as lógicas do poder da zona rural são quebradas e surgem novas lideranças.

Já em 05 de novembro de 1983, um documento recolhido também constata a participação ativa e predominante das mulheres no Movimento de Saúde na região da zona leste. O documento traz as informações que revelam este processo da construção de gênero através das novas lideranças nos Movimentos Sociais:

Documento N°.09.

ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO¹⁰⁶
 Coordenação da Região São Mateus;
 São Mateus = JANUÁRIA E HELENINHA
 Iguatemi = MARIA E ROSELI
 São Rafael = Yolanda e Zezé.
 Centenário e = DULCE E AMÉLIA
 Paraguaçu
 Tietê = CIRLEI E JOÃO
 Antonieta = VIRGÍNIA
 COORDENAÇÃO Á NIVEL DE ZONA LESTE (Representantes de São Mateus)
 IRACEMA, CELINA, LUCIA E ANA NETA.
 São Paulo, 5 de novembro de 1983.

O documento supracitado revela a presença feminina na liderança do Movimento de Saúde em todos os bairros da região de São Mateus da zona leste de São Paulo. Em todas as fontes documentais analisadas, há comprovação da liderança feminina à frente dos outros movimentos sociais, reivindicando a melhoria no bairro do Parque São Rafael.

Outro documento reforça a presença feminina como protagonista à frente dos movimentos sociais no bairro do Parque São Rafael. É a cópia seguir de um ofício, a qual foi encaminhada para o então prefeito da cidade de São Paulo, cobrando o asfaltamento das ruas no bairro do Parque São Rafael.

¹⁰⁶ A cópia do documento se encontra na posse do pesquisador.

Exmo. Sr. Prefeito Municipal de São Paulo.

Nós moradores do bairro Parque São Rafael, temos necessidade de asfalto em nossas ruas.

Senhor Prefeito, estamos enfrentando um - serio problema com companhias particulares de asfaltamento e não temos condições de pagar o preço que elas exigem e querem fazer, pois são preços altos e a nossa condição não permite.

Pedimos a V.Excia., o asfaltamento de nossas ruas pela prefeitura, levando-se em consideração a situação real do nosso bairro por ser da periferia e pelos nossos/ direitos como moradores desta zona.

Que o asfalto de nossas ruas sejam feito / pela prefeitura, conforme a lei.

P. deferimento.

São Paulo, 12 de setembro de 1.980

Iracema da Silva Beltrami
Teruzinha da Silva Soares
João Risque Ricasso
Helena Aluinda das Santos

Da Giocando Grotti, 87
Pq. São Rafael.

Recebido
24/9/80
JJ

l. 2164780

Documento 10. Documento doado por Dona Iracema. Um ofício encaminhado para o prefeito da cidade, solicitando o asfaltamento das ruas no bairro do Parque São Rafael (01/09/1980).

O documento traz a presença das lideranças das mulheres como atores sociais pela transformação social no bairro. Segundo Pinto (1992), as identidades historicamente e culturalmente constituídas são substituídas pelos novos atores sociais que emergem e negociam o poder a partir de um espaço novo, que se forma na periferia urbana, enquanto se pensa o poder a partir de uma leitura Foucaultiana¹⁰⁷. Entre as quatro pessoas que assinaram o ofício encaminhado ao prefeito municipal, três são das mulheres líderes e todas eram participantes na Igreja Popular no bairro do Parque São Rafael. Segundo Louro (1997), as construções de papéis seriam basicamente, padrões ou regras arbitrárias, que uma sociedade estabelece para os membros e definem seus comportamentos e seus modos de se relacionar ou de portar; são

¹⁰⁷ Foucault, ao longo de sua obra, repetiu inúmeras vezes que o poder é relacional, disperso e não necessariamente exercido de cima para baixo. O filósofo francês talvez tenha chocado os mais ortodoxos e esperançosos, afirmando que não existem, de um lado, os despossuídos e, de outro, os possuidores de poder, mas que as relações de poder são generalizadas e fluidas (PINTO, 1992. P. 130). Leia-se: "Microfísica do poder", Michel Foucault, 2014.

aprendidas na sociabilidade ou construída culturalmente. A invisibilidade da mulher é quebrada ao aparecerem como portadores das reivindicações democráticas numa sociedade classista. Como a autora diz: “[...] *as palavras têm história, ou melhor, elas fazem história*” (LOURO, 1997. P.18). No bairro do Parque São Rafael, as mulheres ao assinar ofícios que reivindicam os seus direitos, fizeram história como portadoras da palavra. Ao analisar o processo de construção de gênero e o empoderamento das mulheres, a observação de Ávila traduz o pensamento: “*As mudanças produzidas no processo abriram as possibilidades de as mulheres se transformarem em cidadãs, o que significa ter existência própria dotada de autonomia e direitos*” (ÁVILA, 2002. p. 129). Neste contexto social, percebe-se a força transformadora dessas novas personagens à frente da luta social por um bairro com melhor qualidade de vida.

Os boletins paroquiais, documentos também coletados na pesquisa começaram a ser publicados no final da década de 1980. Na próxima sessão, analisaremos esses documentos que revelam a força da comunicação da Igreja Popular no bairro para a conscientização dos fiéis e moradores. Ao mesmo tempo, este instrumento de comunicação tem ocupado um papel importante na formação e na construção de gênero e no processo de empoderamento das mulheres no bairro do Parque São Rafael e dentro da própria Igreja Popular.

3.2. Meios de comunicação e a construção de gênero na Igreja Popular.

Os instrumentos de comunicação tais como: o jornal, a rádio e os panfletos, entre outros, eram popularmente utilizados pela Igreja Popular, para manter os fiéis informados dos acontecimentos no bairro e na comunidade católica. Foram também meios de conscientização política e social dos moradores nos bairros. Na década de 1980, a Igreja Popular do Parque São Rafael sentiu a necessidade de ter um jornal com a finalidade de formar e informar os fiéis da Igreja e os moradores do bairro. Este desejo foi concretizado no ano de 1988, formando uma equipe paroquial de PASCUM (Pastoral da Comunicação). Essa equipe iniciou a publicação do boletim paroquial chamado “COMUNICAR¹⁰⁸”. As análises das reportagens e ilustrações, que foram veiculadas por este meio de comunicação, demonstram o importante papel no processo da construção de gênero, na Igreja Popular e nos Movimentos Sociais no bairro do Parque São Rafael.

¹⁰⁸ Todas as edições dos boletins paroquiais “COMUNICAR” foram doadas por Dona Maria da Paróquia São Marcos Evangelista.

A primeira edição do boletim, intitulado “Comunicar” é publicada no mês de novembro de 1988. Ao analisar as duas primeiras edições, o título é escrito de uma forma diversificada, mas, a partir da primeira edição no ano de 1989, o “layout” do boletim é padronizado, desenhando num lado o centro comercial com prédios de alto padrão e, em contraste, no outro lado, um bairro periférico com as casas simples. Na análise dos conteúdos dos boletins paroquiais, deparamos com conteúdo de formação religiosa e a existência de uma preocupação com a formação política¹⁰⁹ e social dos fiéis. Na maioria dos informativos, uma parte era dedicada às questões das lutas políticas no Brasil e nos países de América Latina. No grupo focal, Dona Izabel lembra com saudade dos boletins paroquiais:

Eu gostava de ler os jornais da nossa paróquia. Quem organizava o jornal era uma turma de jovens bem comprometidos das nossas comunidades. A gente ficava sabendo de tudo que acontecia nas comunidades. Nossas lutas, festas e tinha desenhos. Assim, facilitava o entendimento para quem tinha pouca leitura. Sabe? era muito bom! Acho que tenho em casa alguns jornais guardados (IZABEL 70 ANOS).

O depoimento de Dona Izabel revela a influência que o meio de comunicação exercia nos membros da Igreja Popular no bairro do Parque São Rafael. Não obstante, a análise da primeira edição do boletim faz entender o papel dessa Igreja na formação dos novos atores sociais que inauguram uma nova história social na cidade de São Paulo. Mediante estes instrumentos de formação, o povo toma conhecimento de sua existência periférica e antropológica na sociedade. O conteúdo da primeira página da primeira edição do boletim veicula um pensamento marxista a referente as classes sociais e o papel dos grandes meios de comunicação como instrumentos que perpetuam a dominação, ao dizer:

Documento N.º. 11.

[...] A partir deste mês nossa Paróquia vai ter seu próprio Boletim: o COMUNICAR. Mas, o que é Comunicação? Será que os grandes meios de comunicação escrita ou falada, cumprem realmente o seu papel de comunicar? Nós do COMUNICAR, achamos que NÃO porque a Comunicação é acima de tudo, a busca da verdade e a liberdade de expressão. A Imprensa Escrita e Falada nos dá apenas informações, e a comunicação é diferente da informação: **A informação gera pessoas egoístas, a comunicação gera irmãos; a informação gera concorrência, a comunicação gera a comunhão, e por fim a informação gera “empresas” e a comunicação gera “COMUNIDADES”.**

¹⁰⁹ Como a análise política não é objetivo da pesquisa, não farei as análises destes documentos. Os documentos coletados demonstram uma tendência política partidária dos líderes da Igreja Popular e dos Movimentos Sociais. Os documentos estão na posse do pesquisador.

Os Jornais e Revistas que estamos acostumados a ler, comunicam ou informam? Procuram a Verdade ou simplesmente notícias? **De que lado eles estão, dos poderosos ou dos oprimidos?**¹¹⁰... E será que eles dão espaço para seus leitores colocarem suas notícias? [...]. (COMUNICAR, BOLETIM PAROQUIAL, NOVEMBRO DE 1988, p.1).

A reportagem mostra a finalidade dos líderes da Igreja, nos movimentos sociais. Segundo os autores, as informações mantém os indivíduos alienados da realidade social, enquanto a comunicação forma comunidades. É importante notar que os moradores do Parque São Rafael não tinham acesso aos outros meios de comunicação, senão para alguns canais de televisão. Diante dessa realidade, a fala de Dona Izabel (70 anos), neste capítulo, reforça a importância do boletim paroquial no bairro. A equipe da Igreja tem uma preocupação de formar as comunidades como espaço de prática dos valores cristãos, diferentemente do conceito da comunidade na modernidade e na pós-modernidade. Bauman define as comunidades modernas ao dizer que: “*A comunidade se anuncia como um lar acolhedor, à prova de arrombamento, no meio da cidade hostil e perigosa*” (BAUMAN, 2011, p.372). O mesmo autor resume a comunidade ao dizer que ela é “*a busca por segurança no mundo atual*”, ou ao descrever que: “*comunidade quer dizer isolamento, separação, muros protetores e portões vigiados*” (BAUMAN, 2003, p.103). A reportagem demonstra uma tentativa dos líderes da Igreja Popular de construir as comunidades diferentes daquelas que Bauman apresenta, onde os relacionamentos são puramente individualistas e querem se proteger das ameaças das outras classes sociais.

As comunidades que os líderes da Igreja Popular querem formar no bairro do Parque São Rafael são comunidades, onde possam alargar os espaços internos e externos da comunicação e solidariedade à luz da Palavra de Deus, são conhecidas como Comunidades Eclesiais de Base¹¹¹ (CEBs). São dois modelos de comunidades, que estão em jogo, um modelo que representa a empresa, onde o lucro, a hierarquização da sociedade, das classes e a dominação prevalecem pode ser comparado com os *guetos* a que Bauman (2003) se refere e, outro modelo é aquilo que Sennett apresenta, ao dizer que, “*se ocorre mudança, ela se dá no chão, entre pessoas que falam por necessidade interior, mais do que por levantes de massa*” SENNETT, 2005, p.176). Os projetos também são distintos, “*as grandes mídias querem construir empresas*”, que significam o espaço de exploração, a dominação e a manipulação. Enquanto, o boletim “Comunicar quer construir” espaços de fraternidade e solidariedade. A linguagem usada é de fácil compreensão dos moradores. As comunidades que os

¹¹⁰ Os grifos são do pesquisador.

¹¹¹ O tema sobre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) é abordado no Capítulo primeiro.

comunicadores da Igreja Popular querem formar, são as comunidades dos amigos e irmãos, que lutam pela transformação social. Segundo Wanderley (2007) é uma comunidade utópica.

Ao analisar as memórias dos interlocutores e os documentos coletados, o esforço da Igreja Popular de construir as comunidades, ancoradas nos valores de solidariedade e justiça, se concretizaram no bairro do Parque São Rafael. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foram espaços onde a mulher, o negro, a criança, velho, jovem e todos tinham vez e voz. Ao estudar as CEBs, teóricos como Comblin (1994), Boff.L (1981), Jarschel (1991), entre outros, observaram este espaço de comunidade como lugar de desconstrução e construção dos novos papéis numa sociedade com novas lógicas de relações de poder. O que se percebe é, enquanto em várias sociedades os grupos, que controlavam o poder do capital, se fechavam como guetos entre os muros e cercas elétricas, na periferia de São Paulo, no bairro do Parque São Rafael, os líderes da Igreja Popular construía as comunidades.

As notícias e os avisos das comunidades e da paróquia São Marcos Evangelista fortalecem os índices que apontam para uma construção sólida de relacionamentos nas comunidades. O papel da comunidade de acolher, valorizar os diferentes, ao mesmo tempo iguais, está num dos avisos que aparece numa edição do boletim paroquial. Ele é sobre uma celebração religiosa numa das Comunidades de Base (CEBs):

Documento N.º. 12.

FREI TITO: A comunidade celebra no domingo, dia 20 de novembro, às 19.00 hs, a MISSA DA CONSCIÊNCIA NEGRA. Todos são convidados! (COMUNICAR, Boletim Paroquial, novembro de 1988, p. 7).

Já o nome da comunidade chama atenção para a dimensão social do compromisso dos membros que se reúnem nela. Frei Tito¹¹² era um jovem religioso, que lutou contra a ditadura no Brasil. Diferentemente das comunidades tradicionais que assumiam o nome dos santos e das santas católicas como padroeiros, as comunidades do Parque São Rafael buscam a sua inspiração para vivência da sua fé num revolucionário religioso, que comungava os pensamentos marxista como da dominação das classes. A vivência de fé dos líderes dessas comunidades era enraizada na Teologia da Libertação. A observação de Oliveira esclarece este fato ao comentar:

¹¹² A prisão de frei Tito de Alencar Lima, jovem dominicano de 24 anos, em São Paulo, na madrugada de 4 novembro de 1969, foi realizada no contexto da violenta repressão que se abateu sobre os religiosos que participavam da resistência à ditadura (Fonte:www. observatório da imprensa, 27 de junho, 2015, Edição n.º 856).

[...] a categoria de libertação alargou-se – tanto na teoria quanto na prática política – passando a abranger outras formas de opressão, como as de cultura, gênero e raça. A Teologia da Libertação percorre essa mesma trajetória das ciências sociais na medida em que amplia a abrangência do conceito de libertação sem perder sua referência original, que é a desigualdade estrutural entre ricos e pobres (OLIVEIRA, 2007, p.19).

As comunidades eram conhecidas como sementes de transformação social. Essa transformação social passava por um processo de inclusão social dos grupos, que estavam fora das fronteiras dos poderes hegemônicos na sociedade brasileira. Este aviso no boletim paroquial demonstra a importância que a liderança da Igreja Popular dedicava para a conscientização, por meio dos cultos religiosos ao reconhecer que o problema da discriminação do negro é histórico e social. Através de recursos uma pedagogia própria tais como; teatros e poesias etc., estes espaços do culto religioso se transformam em espaços de construção e desconstrução dos papéis e identidades na Igreja Popular. Segundo Woodward (2014), a construção ou uma desconstrução da identidade acontece através da conscientização e da identificação com o grupo.

Um outro aviso/convite no boletim paroquial sinaliza as práticas de solidariedade na qual as comunidades eram ancoradas:

Documento N.º. 13.

A PASTORAL DOS ENFERMOS convida a todos para participar da FESTA DO SORVETE nos dias 12 e 13 de novembro (sábado e domingo), a partir das 13.00 hs. Vai ter sorvete, bolo, bingo, música sertaneja ao vivo e muitas outras atrações.

O dinheiro será usado em favor dos doentes e necessitados do nosso bairro.

A pastoral dos enfermos convida também para a MISSA DOS DOENTES, no domingo, dia 11 de dezembro, às 14 h na Igreja de São Marcos (COMUNICAR, Boletim Paroquial, novembro de 1988, p. 7).

O aviso reforça o enraizamento das comunidades da Igreja Popular nos valores como; solidariedade e justiça social. Os processos de construção e vivência das comunidades são muito diferentes daquelas comunidades que Bauman (2003) apresentava. Na realidade urbana, não havia relacionamentos estruturados entre os padrinhos fazendeiros ou pessoas influentes, como acontecia na realidade rural. Muitos moradores que migraram para São Paulo, não tinham tantos parentes e amigos por perto. Nessa realidade periférica urbana, onde a presença do Estado era pífia, a Igreja Popular se tornou um ponto de apoio, de acolhida, de solidariedade e de referência para essas pessoas. As CEBs criaram um sentimento de pertença aos moradores do bairro, principalmente àqueles que eram doentes e idosos. Este sentimento foi fundamental para a

construção dos sujeitos históricos na periferia desta cidade. O espaço da Igreja Popular foi um lugar, onde eles celebraram a sua fé e a sua alegria. Não obstante, transformaram este espaço num lugar da socialização das relações pessoais e familiares.

Um aviso no espaço dos movimentos populares também demonstra o papel da Igreja Popular no fortalecimento dos Movimentos Populares no bairro e na região da Zona Leste:

Documento N.º.14.

SEM TERRA: O Movimento dos Sem Terra¹¹³ no Parque São Rafael está precisando de um grupo de apoio. Estamos caminhando sem ele. Os interessados e solidários a nossa causa venham em nossa reunião às sextas-feiras às 20.00 hs no porão da São Marcos (COMUNICAR, Boletim Paroquial, novembro de 1988, p.8).

Este convite mostra a solidariedade e o apoio da liderança da Igreja Popular junto ao Movimento dos Sem -Terra, um movimento Social de grande expressão em todo território brasileiro. Nas conversas no grupo focal, também as interlocutoras lembravam a participação delas no Movimento dos Sem -Terra. Dona Izabel diz:

O senhor sabe, aquele bairro da Juta¹¹⁴, foi toda ocupação. Nós fomos daqui para apoiar aquelas famílias. Passamos muitas noites acordadas fazendo loteamento. Depois que veio o governo para construir as casas populares e regularizar a situação deles. Se não tivesse luta, aquele pessoal não conseguiria nada! Eu fiquei oito dias lá cozinhando para aquele povo (IZABEL, 70 ANOS).

Ao analisar o aviso no Boletim paroquial e a fala da Dona Izabel, percebe-se que a participação ativa das lideranças das comunidades da Igreja Popular do Parque São Rafael em diversos Movimentos Sociais do bairro e da região. É fundamental a reflexão de Lobo para compreender o aviso supra citado e a fala da Dona Izabel, ao afirmar:

O bairro se transforma em espaço de sociabilidade das donas de casa que participam nos grupos organizados pela Igreja Católica. Essas mulheres são na sua maior parte migrantes, e na construção de suas vidas, na periferia da grande cidade, se confundem a construção de um espaço privado representado pela propriedade e a construção de um espaço público: bairro (LOBO, 2011, p. 266).

¹¹³ O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mais conhecido como Movimento dos Sem Terra, sigla MST, é um movimento de massa que luta, basicamente, por terra, pela reforma agrária e por mudanças na sociedade. A sua origem encontra-se nas lutas isoladas pela terra no sul do Brasil, destacando-se as ocupações das fazendas Macalli e Brilhante, em 1979, no Rio Grande do Sul (Fonte:<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>).

¹¹⁴ Bairro Fazenda da Juta é uma bairro que fica perto do bairro de Parque São Rafael. Este bairro surgiu das ocupações desde a década de 1970.

A autora demonstra o surgimento e o funcionamento de um bairro numa periferia da cidade grande, e a participação das mulheres, como a de dona Izabel, nesta construção histórica que muitas vezes foi esquecida posteriormente pelas intervenções dos políticos com interesses eleitorais. O que se percebe é que há uma intensa formação e conscientização destes moradores migrantes, que aconteciam nos grupos das CEBs, nos Movimentos Populares e Sociais e em geral na Igreja Popular do bairro. Esse processo fez com que as pessoas descobrissem a sua capacidade de unir-se em torno de um projeto de libertação das estruturas históricas de dominação construída, e, assim, criasse novos espaços de viver a cidadania e a solidariedade. Os documentos analisados revelam que a Igreja Popular, ao ajudar na construção dos novos sujeitos sociais e históricos, desencadeou um processo de emancipação das mulheres.

A análise do Boletim “Comunicar” indica a finalidade de criação da consciência revolucionária. A Teologia da Libertação teve uma influência profunda no pensar e agir da Igreja Popular, principalmente nos grupos das CEBs, que incentivam os membros a integrar-se nas lutas sociais e sindicais. As empresas, o Estado e a polícia podem ser interpretadas como as forças que dominavam a sociedade para a manutenção do sistema econômico como foi citado na primeira página deste boletim. A observação de Doimo (1984) é fundamental para compreender as lutas dos movimentos sociais urbanos, ao dizer:

[...] o espaço urbano expressa antes de tudo relações sociais contraditórias constituindo-se num “*locus*” potencial para a emergência de conflitos que podem vir a ter peso na mudança qualitativa nas relações entre as classes. [...] É claro que não podemos classificar qualquer reivindicação urbana como Movimento Social Urbano propriamente dito, pois este deve conter os germes da transformação (DOIMO, 1984, p. 24).

Há uma tentativa evidente de uma conscientização desses moradores, a fim de que não sejam apenas observadores ou neutros numa época de lutas por uma construção social, mas protagonistas de uma nova história social. Segundo Comblin (1994), é um processo de desconstrução de um modelo que muitos moradores interiorizaram na realidade rural, onde a classe dominante tomava decisões por eles, cabia-lhes apenas a obedecer sem questionar.

3.2.1. O Boletim COMUNICAR e o processo de empoderamento de gênero.

O meio de comunicação da Igreja Popular do bairro de Parque São Rafael revela a sua importância no processo de empoderamento de gênero. A socióloga Lobo, confirma esta

realidade ao dizer: “[...], o discurso da Igreja progressista foi fundamental para que as mulheres se descobrissem enquanto pessoas, e pessoas sexuadas, que por isso estavam implicadas em relações de obediência, de submissão, muitas vezes de negação de sua individualidade” (LOBO, 2011, p.249). Os artigos e as reflexões veiculadas, nas edições nos anos 1989 e 1990, demonstram a importância dos debates e das discussões em torno desse tema, que estavam acontecendo nas CEBs e nos grupos da Igreja Popular no bairro do Parque São Rafael. Os documentos analisados comprovam as memórias dos interlocutores: a Igreja Popular foi um campo aberto para o surgimento das novas lideranças, principalmente das mulheres. No campo religioso, as líderes liam e interpretavam a Bíblia nas Comunidades de Base e animavam as comunidades e, muitas vezes, conduziam o próprio culto religioso. No campo social e político, elas engajaram-se nas lutas sociais e políticas pela transformação social e política no bairro e no país, o que jamais teriam feito na realidade rural de onde migraram.

Encontramos muitas reportagens, que abordavam a situação social, religiosa e política da mulher na sociedade brasileira nos boletins. Nesta parte de análise documental, limitaremos a análise apenas a algumas reportagens que confirmam o processo de empoderamento das mulheres por meio da Igreja Popular. Na edição de março do ano 1989, em comemoração do Dia Internacional da Mulher, a equipe do boletim publicou uma matéria sobre o tema:

Documento N.º.15.

Mulher na Discussão

O dia 8 de março é o Dia Internacional da Mulher¹¹⁵. Por isso, fizemos **uma pequena pesquisa**, entrevistando mulheres sobre seu papel na sociedade de hoje.

1) Como você se sente sendo mulher na sociedade de hoje?

¹¹⁵ Existem várias interpretações sobre a origem desta data. Após sua aprovação na Segunda Conferência de Mulheres Socialistas em 1910, inspirada no Woman's Day (Dia da Mulher) organizado pelas socialistas dos Estados Unidos, as comemorações de um dia internacional das mulheres organizadas pelas militantes socialistas ocorrem em dias diferentes a cada ano nos distintos países. O livro nos relata a história dessas comemorações, orientadas prioritariamente para a reivindicação do direito de voto, sem a definição de um dia específico para sua realização entre os anos de 1911 e 1920. Foram as manifestações das mulheres na Rússia, no dia 8 de março de 1917 (dia 23 de fevereiro segundo o antigo calendário russo) que motivaram a escolha do dia 8 de março como a data comum para comemoração do Dia Internacional das Mulheres, alguns anos depois. A confluência das comemorações do Dia Internacional das Mulheres com a greve das operárias têxteis e a revolta das mulheres com a escassez de alimentos foi o estopim da Revolução de Fevereiro de 1917 na Rússia. [...] Quando novamente ganharam fôlego as comemorações, após os anos 1960, muitas versões se contaram, se confundiram, se criaram e os acontecimentos e motivações que deram origem ao Dia Internacional das Mulheres, ao 8 de março ficaram submersos. Quantas de nós já não ouvimos, e repetimos, que a origem do 8 de março está vinculada a um incêndio que causou a morte de uma centena de operárias...! Um incêndio que de fato existiu, acontecimento trágico e marcante na história do movimento operário dos Estados Unidos, mas cuja história não se vincula à proposição de um dia de luta das mulheres e, tampouco, à definição da data da sua comemoração. [...] Basta um olhar sobre o calendário para colocar em cheque as duas teorias. O 8 de março de 1908 era domingo, um dia um tanto estranho para se declarar em greve e se trancar em uma fábrica ou para convocar uma manifestação, que não provocaria prejuízos ao empresário com a perda de um dia de trabalho (ANA ISABEL ALVEREZ GONZÁLEZ, As Origens e a comemoração do dia internacional das Mulheres, Ed. Expressão Popular, São Paulo: 2010, pp.14,15e 31).

Liberada a partir do momento em que começamos a assumir um projeto de transformação, mas quando **isto acontece somos podadas por uma sociedade de costumes machistas. (Dona de casa).**

Sinto-me com um peso muito grande nas costas, pois somos discriminadas apesar de termos conquistado muitas coisas. **Muitas mulheres estão descrentes com a atual situação e sem perspectivas de vida melhor (Mãe, estudante e trabalhadora).**

Discriminada, por ser mulher e por ser jovem. Somos discriminadas politicamente, religiosamente e socialmente. Dificilmente a mulher tem reconhecido o seu real valor e competência profissional, ficando sempre **em posição inferior à do homem** (Jovem, estudante, desempregada).

[...]

2) O que você acha e espera das mulheres que começam a assumir cargos políticos?

Bom, desde que estas assumam **com ideias próprias e não deixando ser manipuladas por interesse de retaguardas (Dona de casa).**

Espero que as mulheres participem cada vez mais da vida pública do país (Mãe, estudante, trabalhadora).

Acho que **quanto mais mulheres no poder, melhor, pois estas entendem os seus problemas e vão diminuí-los, principalmente a discriminação**¹¹⁶ (Jovem, estudante, desempregada).

(COMUNICAR, Boletim Paroquial, Paroquia de São Marcos, Março/89, No.03, p. 2/3).

“Mulher na Discussão”, o título da reportagem punha em evidência uma mudança cultural que estava em curso. Numa Igreja Tradicional ou numa realidade familiar tradicional brasileira, a mulher não tinha espaço na discussão, pois ela não era dona da “palavra”. O seu papel era secundário na família, na Igreja e conseqüentemente na sociedade. Segundo Durhan (1983) ao pesquisar o tema de início da família e reprodução humana, percebe-se que culturalmente as mulheres foram delimitadas na sua função na esfera privada. Porém, as entrevistas com mulheres na reportagem são representantes do universo periférico do bairro Parque São Rafael. Cada entrevistada traduz as experiências vividas na realidade sociocultural. A dona de casa é consciente da transformação social que precisa acontecer, e faz uma leitura feminista e realista da situação cultural vigente na sociedade. Ao analisar o perfil dos interlocutores a maioria deles participavam nas formações da Igreja Popular e nos movimentos sociais; eram donas de casa. Tendo como responsabilidade de liderança das CEBs e dos movimentos sociais, essas mulheres sentiam o peso da cultura dominante e machista na pele. Elas são controladas e podadas pelos costumes, tradições, leis religiosas e outros mecanismos de uma cultura patriarcal, que se implantou no Brasil, desde a chegada dos colonizadores no Brasil. O processo de empoderamento das mulheres na sociedade brasileira provocava tensões e rupturas com estruturas culturais historicamente construídas.

¹¹⁶ Os grifos são do pesquisador.

A segunda entrevistada (Mãe, estudante e trabalhadora) da reportagem traduz a tripla jornada da mulher de periferia do centro urbano; ser mãe, ser trabalhadora e ser estudante. Esse fato sinaliza a ruptura com o modelo tradicional da mulher da realidade rural, onde a sua função se limitava ao espaço doméstico. Ela também é diferente da mulher da classe social burguesa, pois nessa classe a mulher se dedica apenas a estudar ou ser mãe. No espaço urbano, as fronteiras rígidas dos campos das mulheres oriundas da zona rural ganham novos contornos. A mulher pobre, a mãe, a trabalhadora e a estudante lutam pela creche e pela escola no seu bairro. Dona Judite conta: “*A gente via o sofrimento das pessoas. Precisavam trabalhar e estudar para ganhar um pouco mais, mas, não tinha onde deixar as crianças. Olhe, aqui não foi fácil para ninguém, não*” (JUDITE, 76 ANOS). A mulher trabalhadora, mãe e estudante, sentia-se discriminada no seu cotidiano pelo fato de ser mulher. Com todo o seu esforço de ter uma vida melhor, ela não gozava os mesmos direitos dos homens na sociedade.

A mulher jovem estudante e desempregada talvez tenha nascido e crescido na cultura urbana se sente discriminada nos campos da política, da religião e do social. Os interlocutores recordam os compromissos e as lutas dos jovens na Igreja Popular e nos movimentos sociais. Dona Mônica lembra no grupo focal: “*Naquela época os jovens participavam muito na Igreja. Na paróquia tinha muitos grupos de jovens. Quem fazia o jornal da paróquia eram jovens. Os jovens de hoje em dia não quer saber da Igreja, né*” (MÔNICA, 77 ANOS). A jovem estudante sente a discriminação por ser mulher e jovem, os tentáculos da dominação masculina permeia em todos os campos sociais. O grau de consciência da sua condição de inferioridade é fruto da interiorização da superioridade do homem que desencadeia um desejo de mudar este quadro social. A autora Louro explica este processo; “*Os gêneros se produzem, portanto, nas relações de poder*” (LOURO, 1997, p. 45). Num novo campo de relações de poder que se constituía na cidade, a jovem estudante sentia uma competição desigual por ser mulher. No capítulo segundo, os materiais analisados ajudam a compreender os processos de desconstrução nos campos da Igreja Popular dos modelos culturais interiorizados pelos homens e mulheres. Segundo Gebara (2000), a mulher ao interiorizar a sua inferioridade, ela a reproduz na formação dos papéis de gênero na esfera privada.

Todas as entrevistadas na reportagem traziam o peso da estrutura histórica construída ao longo dos séculos; seja pela família, pela religião ou pelo Estado, forças que determinavam as regras do jogo numa sociedade. A reportagem publicada no boletim paroquial apresenta índices de uma consciência política das mulheres do bairro do Parque São Rafael. A própria Igreja reconhece este papel da mulher neste processo ao expressar através do texto base da Campanha da Fraternidade do ano 1990, diz:

Estão (*as mulheres*¹¹⁷) presentes também nos sindicatos, partidos políticos e movimentos populares, entendidos como formas de serviço e compromisso com a justiça. Nas regiões mais carentes e sofridas, elas representam uma força incansável de resistência às estruturas injustas (CNBB, Texto Base C.F, 1990, p.52).

Tendo consciência do quadro de poder político que prevalecia no país por séculos, as mulheres do bairro sinalizavam o desejo de mudança desse quadro político. Segundo as entrevistadas, as mulheres que representam na política, devem ser pessoas que tenham ideias e opiniões próprias, não simplesmente obedecer às ordens do marido, pai ou irmão. Essa era e continua sendo uma realidade, que se encontra na política brasileira. Historicamente as mulheres que têm algum poder político, no Brasil, vêm das famílias tradicionais¹¹⁸ com grande poder econômico e dominadas pelas sombras masculinas.

A reconstrução social dos papéis na Igreja Popular e nos movimentos sociais no bairro do Parque São Rafael, foi fruto de uma leitura e interpretação libertária da Palavra de Deus nas CEBs. Essa força feminina na Igreja Popular e as suas lutas na sociedade brasileira sinalizaram mudanças importantes para uma discussão mais abrangente na Igreja no Brasil. Tais mudanças culturais fizeram com que a Igreja dedicasse o ano de 1990 para trazer ao debate a condição da mulher na sociedade e na Igreja, ao público. No ano de 1990, a Igreja Católica, no Brasil, escolheu abordar o tema da situação da mulher na sociedade para trabalhar no período de quaresma, conhecido como Campanha da Fraternidade. A boletim paroquial do bairro do Parque São Rafael já começou a trazer a reflexão já na edição do mês de dezembro de 1989. A reportagem traz uma reflexão profunda e provocadora para os moradores:

Documento N°.16.

Mulher e Homem imagem de Deus

Hoje em nosso comunicar, viemos abordar um tema que diz respeito a mulher. Estamos chegando em 1990 e este ano temos como campanha da fraternidade, mulher e homem imagem de Deus.

O que é ser mulher? Através dos tempos foi lhes dada a educação que mulher nasceu para ser submissa, protetora, meiga e sempre pronta a servir. Desde seu nascimento suas vestes são delicadas, seus brinquedos escolhidos para que seu feminismo e sua fragilidade não sejam embrutecidas com bolas, carrinhos e outros brinquedos que designaram que são de meninos, que ao contrário da menina foram educados para serem fortes não chorarem, devem estudar muito, depois trabalhar e mais tarde procurarem uma mulher para ser sua esposa, onde ele, o homem possa comandar suas vontades e limitar seus direitos e prazeres. [...]

¹¹⁷ Observação do pesquisador.

¹¹⁸ Por exemplo; a Roseana Sarney, a primeira governadora eleita no ano de 1994, vem de uma família tradicional no Brasil. Iolanda Ferreira Lima, foi governadora do Acre (1986 -87), tendo sido a primeira mulher a governar um estado brasileiro.

Nestes últimos tempos tivemos através de várias lutas, muitas conquistas de mulheres que se conscientizaram de sua própria marginalização seja no campo profissional, no lar, na Igreja enfim em toda a sociedade se engajam na luta e estão conseguindo alguns de seus direitos.

Não podemos esquecer também que quando a mulher é negra, sua marginalização e discriminação são bem maiores e mais constantes. É inacreditável que apesar de ter se caminhando tanto atrás de igualdade e de direitos, ainda hoje existem mulheres que por medo, educação ou comodismo ainda se submetem a serem escravas dos homens. Já estamos no fim de mais uma década. Começaremos uma nova década e logo esperamos que comecemos com esperança e determinação. **Todos aqueles que por sua educação foram intransigentes ao determinarem que mulher foi feita para o lar e para os filhos e o homem senhor absoluto de suas vontades, mudem seus conceitos.** Que eles vejam na luta das mulheres não uma ameaça aos seus direitos mais sim um processo de igualdade de que juntos, lado a lado conseguiremos construir uma sociedade onde a ajuda mutua traga respeito entre ambos (COMUNICAR¹¹⁹, Boletim Paroquial, Paroquia de São Marcos, Dezembro,89. No.11, p. 4/5).

A matéria publicada no boletim paroquial trazia uma abordagem antropológica da posição social do homem e da mulher nos diferentes campos na sociedade. Tal reflexão traz à luz, a capacidade dos líderes de analisar a situação da mulher como um problema estrutural que começava, desde o momento de nascimento. “Mulher e Homem Imagem de Deus”, o título da reflexão ancora no pensamento de igualdade de gênero que os editores querem transmitir para os leitores. A imagem é um poderoso meio que veicula múltiplos significados. O antropólogo Geertz (1989) recorda que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana. A imagem da mulher numa sociedade patriarcal e machista comunica significados tais como: a beleza, a delicadeza, o prazer, a submissão, a mãe, a esposa, a sensualidade e tantos outros. A construção de uma imagem é fruto de um processo de estruturas internalizadas ao longo da vida numa determinada cultura. É uma forma que as instituições culturais de uma sociedade moldam seus membros a enxergarem o mundo exterior e interior. Segundo o teórico Berger (1985), é processo de construção de uma cosmovisão de um mundo dos indivíduos e classes inferiores e superiores. Um discurso feminista da equipe do Boletim Paroquial apresenta o mundo de desigualdade vivido pelas mulheres e sinaliza as mudanças que têm acontecido e devem acontecer no bairro e na sociedade brasileira.

Reproduzindo alguns trechos da reportagem do Boletim acima (*Documento N.º.16*), facilitaria uma análise mais aprofundada. “*O que é ser mulher?*” A reflexão começa com um questionamento sobre a construção da identidade de gênero. A equipe de redação quer provocar

¹¹⁹ Os grifos são do pesquisador.

um debate epistemológico do processo antropológico e social desta construção do ser no leitor. “*Através dos tempos foi lhes dada a educação que mulher nasceu para ser submissa, protetora, meiga e sempre pronta para servir*”, com essa frase, os editores abordam processo da construção dessa imagem da mulher submissa. As atribuições que constrói a imagem da mulher são apresentadas como se fosse à natureza dela e não a cultura. Seus comportamentos são definidas na sociedade, desde o seu nascimento, como se fosse de um animal na natureza. Segundo a feminista Fiorenza; “*a humanidade é masculina e o homem define a mulher, não na pessoa dela, mas em relação ao homem*” (FIORENZA, 1995, p.176). Durante séculos, o homem exerceu o domínio cultural, científico e institucional. As instituições estatais, públicas e econômicas possuem características claramente masculinas. Esse processo culminou em produzir uma sociedade estigmatizada. Em tal forma que a natureza da mulher pode ser compreendida a partir do homem.

“*Todos aqueles que por sua educação foram intransigentes ao determinarem que mulher foi feita para o lar e para os filhos e o homem senhor absoluto de suas vontades, mudem seus conceitos*”, este trecho da reflexão no boletim paroquial é uma convocação para iniciar um processo de desconstrução dos conceitos culturais, que foram introduzidos na sociedade ao longo dos séculos. A Igreja Católica Tradicional teve grande influência na construção dessa cosmovisão na sociedade ocidental. Os membros do grupo focal narraram que, na catequese infantil nas igrejas e nas famílias, eram ensinadas a elas, uma imagem de Deus, masculino, pai e um homem branco, velho, com a barba branca, sentado num trono entre as nuvens. Dona Mônica, ao compartilhar a sua memória no grupo deixa claro as visões construídas na sua formação familiar e religiosa. Ela diz: *Quando eu era criança pensava que Deus era homem velho com a barba branca, procurando meus erros para me castigar*” (MÔNICA, 76 ANOS). É uma imagem de Deus construída como homem e pai na infância e na adolescência e que acompanha o indivíduo por toda vida. O corpo e a mente humana passam pela formação religiosa na família, na Igreja e na escola e, são maquinarias que transformam os seres como dominantes e dominados. Os comportamentos de cada indivíduo e de um grupo são profundamente influenciados por essas maquinarias poderosas e sutis compondo uma sociedade. Foucault explica este processo ao dizer que “*o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e recompõe*” (FOUCAULT, 2013, p.133).

“*Nestes últimos tempos tivemos através de várias lutas, muitas conquistas de mulheres [...]*”, este trecho da reflexão traz o retrato fiel das lutas das mulheres, que aconteciam no bairro do Parque São Rafael. Ao se tornarem novos atores sociais no bairro e na região zona leste, elas

ganharam a sua visibilidade. O uso do verbo “*ter*” comprova o fato de engajamento da equipe da edição nessas lutas. A observação feita por Cruz, ressalta esta realidade ao dizer que “*muitas mulheres superaram muitos obstáculos no enfrentamento da cultura de submissão na família e na sociedade*”. (CRUZ,2013, p.13). Reconhecem que apenas a luta social pode mudar essa situação, ao lembrar das suas próprias conquistas em várias áreas, incluindo na Igreja. Essa reflexão estrutural histórica da mulher é abordada pelos interlocutores, tanto no grupo focal, quanto nas histórias de vidas no Capítulo segundo. Os editores do boletim se preocupam com situação da mulher negra na sociedade, ao dizer que, a situação da mulher negra é duplamente ou triplamente discriminada; pelo fato de ser mulher, ser negra e ser pobre, que vivia numa periferia. Percebe-se, ao analisar os dados narrados, o que estão reportando, são retratos das realidades vividas no bairro do Parque São Rafael.

Na edição do boletim do mês de junho de 1990 (Documento N.º.17), ainda abordando o tema da Campanha da Fraternidade, a equipe da Boletim Paroquial traz a reflexão de um homem, membro da Igreja Popular sobre a situação da mulher na sociedade. Essa reflexão sinaliza os esforços feitos pelos membros da Igreja com o objetivo de mudar a estrutura mental interiorizada no universo masculino.

Documento N.º. 17.

Visão do homem sobre a CF/90

É comum, nesta época de Campanha da fraternidade, vermos homens falando bem e dizendo dar o maior apoio à mulher e sua luta. Eu não estou querendo criticá-los por isso eu como homem sei muito bem já estava mais que na hora de se haver um reconhecimento à mulher... Mas que não fique só em palavras! **Por que falar que a mulher é pilar da sociedade; que ela está na linha de frente dos movimentos populares ou que ela trabalha tão bem ou melhor do que o homem em que qualquer tipo de serviço, isto é muito fácil!**¹²⁰ O que eu quero dizer é que tudo isso que nós homens falamos deve ser feito na prática. Não faz sentido falarmos tanto e tão bem das mulheres e continuarmos sendo machistas não lhes dando espaço para o seu desenvolvimento total. É bom pensarmos nisto para que não cometamos o mesmo erro que fazemos em todas as outras Campanhas da Fraternidade, onde durante as mesmas falamos e falamos, mas quando elas terminam ... (você completam a frase!). (COMUNICAR, Boletim paroquial, Paróquia de São Marcos, No.16, junho/1990, p.2).

O depoimento de um líder da Igreja Popular sobre o importante papel das mulheres nas lutas populares é um esforço para desconstruir os *preconceitos*¹²¹. Nas análises feitas no

¹²⁰ Grifos do pesquisador.

¹²¹ As causas sociais do preconceito (aprendizagem, conformidade e categorização) surgem que este fenômeno é criado e mantido por forças sociais e culturais. Assim, de acordo com a *teoria da aprendizagem social*, preconceitos e estereótipos seriam parte de um conjunto de normas sociais, isto é, as crenças de uma sociedade

capítulo segundo e neste capítulo, o autor desta dissertação trouxe o tema do pensamento interiorizado da superioridade masculina; é fruto de uma construção cultural. “Preconceito”, como se diz a própria palavra são conceitos “*pré-concebidos*”, sem uma análise prévia ou questionamentos, muitas vezes aprendidos no próprio grupo social ou na família. A fala de uma figura masculina e líder inverte a lógica do pensamento existente na sociedade por muitos séculos. As instituições masculinas, quase todas existentes na sociedade, exercem o seu poder para constituir e manter as mulheres como objetos simbólicos. Ao contrário desta lógica vigente, o dono do depoimento reconhece a mulher como o pilar da sociedade e quem está na linha, na frente, nas lutas sociais. É uma nova lógica de construção social e cultural que está em jogo e, neste jogo de poder nos campos sociais, o poder não é algo exclusivo dos homens, mas está em movimento e pensado a partir do gênero.

O que se percebe na fala do líder da Igreja Popular (*Documento N.º.17*) é a dicotomia que existe e existiu entre a fala e a prática no cotidiano. Ele reconhece a importância e o valor da mulher na sociedade, mas muitas vezes a construção histórica de dominação masculina impede reconhecer este valor do serviço feminino pelo bem - estar da sociedade. As análises dos documentos coletados pelo pesquisador enunciam o processo de desconstrução da dominação masculina, interiorizada na cultura familiar e na religiosa do indivíduo. Este trabalho de conscientização, feito por líderes da Igreja Popular e os dos Movimentos Populares, ajudou a abrir as portas e as janelas para o surgimento de novos atores sociais no bairro do Parque São Rafael. Neste contexto, é muito importante e oportuna a afirmação da Socióloga Cruz, ao dizer que, “*acredito que a Igreja Católica tem condições objetivas e subjetivas para empoderar as mulheres [...]*” (CRUZ, 2013, p.18).

Nessa luta por encontrar os seus espaços na sociedade urbana, os moradores das periferias sofrerem todos os tipos de discriminações. Para as mulheres a discriminação tinha sido maior pelo fato de ser mulher, migrante e pobre com pouca escolaridade. Uma reportagem no Boletim Paroquial comprova essa realidade lembrada pelos interlocutores ao contar as suas vidas no bairro do Parque São Rafael:

acerca dos comportamentos que são corretos e permitidos. Visto que estas crenças não são universais, o que é aceitável para uma cultura pode não o ser para outra. Os indivíduos aprendem desde cedo (em casa, na escola, na Igreja, com amigos e através da mídia e das artes as atitudes e comportamentos partilhados pela sua comunidade, incluindo, claro, preconceitos e estereótipos, sobre tudo, se estes forem endossados por leis. De acordo com Monteith (citado por Paul, 1998), por exemplo, crianças de 5 anos de idade já possuíram estereótipos arraigados sobre determinados grupos sociais (tais como negros, mulheres ou homossexuais), independente da educação recebida em casa (www.maxwell.vrac.puc.rio.br/9652/9652_5PDF).

Documento N°. 18.

MIGRANTE: A cidade grande pede passagem

Por que a migração? Que bom se todos tivessem o direito de ficar cada um sua Terra Natal. Infelizmente não é assim. *A seca, a falta de trabalho e a vida dura obriga as pessoas a saírem de suas casas, suas terras e virem para a cidade grande a procura de melhores dias, mas nem sempre encontram-se com eles.* Andando de um lado para o outro o migrante desilude-se pois não consegue trabalho, não pode estudar e os costumes são diferentes. Quando arruma um emprego o salário é tão baixo que não dá nem para pagar o aluguel, acabando por ir morar na favela ... *Sua vida fica mais difícil, pois, além do pouco dinheiro, na cidade grande ele se sujeita a preconceitos de toda espécie e toda condição precária de vida: é o transporte cheio, a marmíta fria, o inverno sem agasalho. Tudo isto é muito ruim. E aí se vai o sonho de melhores dias*¹²². Ele vai levando sua vida com um novo sonho: “Voltar para a Terra Natal, a Terra Mãe”. É, pode ser que se as pessoas que estão no poder pensassem um pouco mais neste povo –os migrantes principalmente os nordestinos que são pessoas fortes e que só querem trabalhar para ter o alimento de sua família, talvez a situação fosse outra.

Para refletir: O que fazer diante de um sistema opressor, que leva as pessoas a viverem de sonhos, esquecendo-se de que a realidade é outra? (COMUNICAR, Boletim Paroquial, Paróquia São Marcos, No.16, Junho/1990, p.4).

Ao analisar a reportagem (*Documento N°.18*), percebe-se o drama dos migrantes numa época em que o país passava por uma turbulência política¹²³ e econômica¹²⁴. Os trabalhadores enfrentavam as dificuldades de encontrar empregos, muitos foram demitidos e outros perderem o ganho salarial. A observação de Durhan sobre a migração do povo pobre para as cidades demonstra o drama, ao dizer:

Este mundo urbano é um mundo onde carne e sangue são menos importantes que papel, tinta e celuloide. É um mundo onde as grandes massas de pessoas, incapazes de atingir um modo de vida mais satisfatório e mais humano vivem vicariamente como leitores, espectadores, ouvintes, observadores passivos. [...] Desse modo, a oposição entre urbano e rural se configura de modo

¹²² Grifos são do pesquisador.

¹²³ Na década de 1980 e no início da década 1990, o Brasil passava pela turbulência política pelo fato de um processo de redemocratização do país, a morte misteriosa do Presidente eleito (Tancredo Neves) em 1985 e outros fatos ocorridos e a eleição do Fernando Collor (1989) como presidente em meio de muitas denúncias de corrupção e da manipulação do povo (<http://www.brasilecola.com/historiab/brasil/republica>).

¹²⁴ Plano Cruzado Fevereiro de 1986, foi criado pelo Governo José Sarney no final de fevereiro de 1986, com congelamento de preços de bens e serviços. Em primeiro momento, o Plano Cruzado teve amplo apoio popular, no entanto as coisas começaram a não dar certo, pois os preços relativos da economia estavam desequilibradas.

Plano Bresser Julho 1987 foi lançado pelo Luiz Carlos Bresser Pereira que assumiu o Ministério da Fazenda do Governo Sarney em abril de 1987, após o fracasso do Plano Cruzado. Este plano insistiu em congelamento dos preços, dos aluguéis e dos salários.

Plano Verão Janeiro de 1989 foi lançado pelo substituto de Bresser na Fazenda, Maílson da Nóbrega. Ele lançou no dia 16 de janeiro 1989 um plano econômico que ficou conhecido como Verão.

Plano Collor foi anunciado no dia 16 de março de 1990, um dia após a posse do presidente Fernando Collor, o plano foi um conjunto de reformas econômicas que visavam controlar a inflação crescente nos anos anteriores. Oficialmente, o nome do plano era Brasil Novo, mas ficou conhecido popularmente como Plano Collor (Fonte: www.portalvirgula.com.br, atualizado no dia 15/04/2009).

análogo à oposição entre “comunidade” e “sociedade” (DURHAN,1973, p. 214).

A constatação de Durhan e a reportagem do Boletim Paroquial confirmam os problemas narrados pelos interlocutores desta pesquisa e analisados no capítulo segundo. A dificuldade de sair das suas residências e conseguir entrar nos poucos ônibus, que faziam linha, fez com que muitos saíssem das suas casas de madrugada, para chegar ao local do trabalho. As ruas sem asfalto dificultavam ainda mais este trajeto na época de chuva. No meio de tantos problemas humilhantes, que eles atravessam nesta cidade, a fé vivida e celebrada nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) despertou um novo jeito de olhar a vida e lutar para concretizá-la. A busca desta força no campo da fé evidente na fala de Dona Paulina no grupo focal: “*Sabe, antigamente a vida aqui era muito dura. Vim de Bahia. Adaptar aqui foi duro, viu! Mas, parece-me que a gente tinha muito mais fé do que estes jovens. Nossa! naquela época a participação nas comunidades era muito boa*” (PAULINA, 76 ANOS). Talvez, isso explique a existência de uma comunidade com o nome: “*Comunidade Maria Mãe dos Migrantes*¹²⁵”.

Na realidade periférica de bairro do Parque São Rafael, a presença do Estado brasileiro era quase invisível. Sem poderes historicamente constituídos, a Igreja Popular foi um espaço apropriado para o surgimento de novos atores sociais como Dona Judite, Dona Izabel e tantos outros. O bairro se tornou um espaço social e antropológico, onde os pobres migrantes implantaram seus sonhos com apoio das novas forças políticas e religiosas da região. As estruturas sociais históricas aprendidas e vividas na zona rural foram desfazendo-se aos poucos com o processo da conscientização que estavam tendo nos Movimentos Sociais e nas CEBs da Igreja Popular no bairro do Parque São Rafael. Aqui a observação de Doimo esclarece este processo da construção social:

[...], com o seu trabalho de base a Igreja estaria não só preparando o povo como força viva nos movimentos, mas sobre tudo, conferindo a ele o processo de tomada de decisões – de baixo para cima – inaugurando uma nova fase no caráter dos movimentos sociais, caracterizado basicamente pela democracia interna e pela autonomia e independência em relação ao Estado e aos partidos e organizações políticas (DOIMO, 1984, p.35).

¹²⁵ Em 1980, surgiu um grupo de reflexão bíblica, no qual os moradores da região se reuniam para partilhar a vida, fazendo orações e vivendo em comunhão. Foi quando surgiu a conversa sobre a construção de uma nova comunidade, sobre a luz da palavra de Deus. Curiosamente, o nome da comunidade foi escolhido pelos próprios moradores que participavam na época da Comunidade. Os quais haviam vindo dos inúmeros estados do país. Encontrando no bairro, um lugar para morar. E assim surgiu a Comunidade Maria Mãe dos Migrantes (Fonte: Arquivo da Paróquia São Marcos Evangelista, Parque São Rafael).

Fica evidente a importância da Igreja Popular neste processo da transformação social que se inicia nas periferias das cidades grandes do Brasil. Na construção de novos sujeitos sociais, os migrantes perceberam a importância dos estudos. Na entrevista com Padre José, um líder da Igreja Popular, que incentivou as lutas sociais, foi lembrada a sede que as pessoas sentiam de ler, principalmente, a Bíblia nas CEBs. O processo de libertação das estruturas históricas hegemônicas começou a partir das leituras de Bíblia e da sua interpretação nas CEBs da Igreja Popular. Percebe-se esta busca dos moradores ao analisar o documento seguinte:

Documento N°..19.

SUPLETIVO¹²⁶ deixe-nos estudar

Vamos contar um pouco da realidade do supletivo do Pq. São Rafael. Tudo começou com algumas pessoas do bairro e dos bairros vizinhos, a discutir sobre educação popular que é novo sistema de aprender. **Lá estudariam os alunos com mais de 18 anos que não conseguiram terminar o curso ginasial. Este debate durou mais de 1 ano. Neste ano de 90 foi implantado o supletivo, mas não pense que foi tão simples, tivemos muitos problemas a enfrentar.** Um dos mais sérios foi com a direção da escola, que alegava que as salas não estavam ociosas (desocupadas), e que foram usadas para reforço escolar, só que moramos numa periferia aonde não há oportunidade de estudar.

Somos na maioria pais de alunos e irmãos das crianças que estudam no curso regular. Analisando a educação brasileira o reforço de alunos demonstra um sistema de ensino decadente, em que o autoritarismo não cria possibilidade da criança ser questionada por não ter motivação e a única preocupação é a nota. **Nós, enquanto pais e irmãos de alunos, éramos bem tratados enquanto estávamos fora do “barco”, agora como alunos não temos direito a material pedagógico visual¹²⁷.** Ajudamos com uma festa a comprar este material. Exemplo: O Vídeo cassete. Não queremos brigar com a direção da escola, pelo contrário, queremos que ela participe das reuniões e atividades, e os alunos do regular tenham o mesmo ensino que o nosso aonde existe educando e educador.

Denuncia de uma aluna (COMUNICAR, Boletim Paroquial, Paroquia de São Marcos, No.16, junho/1990, p. 5).

Na reportagem acima percebe-se a luta dos moradores pela educação para implantar o supletivo no bairro. Este fato revela a realidade de grande parte da população da periferia. Os migrantes que vieram da zonal rural tiveram uma educação escolar precária. Na realidade urbana, os trabalhadores percebem que apenas uma educação crítica e construtiva pode levar

¹²⁶ Educação de jovens e adultos (EJA), também conhecida como Ensino supletivo, é a modalidade de ensino nas etapas dos ensinos fundamental e médio da rede escolar pública brasileira e adotada por algumas redes particulares que recebem os jovens e adultos que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada por qualquer motivo. No início dos anos 90, o segmento da EJA passou incluir também classes de alfabetização inicial. No Brasil, o campo consolidou-se com influência das ideias do educador Paulo Freire e em forte relação com o movimento de educação popular (<http://pt.wikipedia.org/w/index.dejovenseadultos>).

¹²⁷ Os grifos são do pesquisador.

para uma transformação social. Os moradores encontram na educação um meio pelo qual se tornar sujeitos sociais. É importante observar a fonte de denúncia (Documento N°.19). Ela é uma mulher que quer estudar, buscando os conhecimentos de ciências para construir novas estruturas de igualdade de gênero e sair da situação de vulnerabilidade na periferia antropológica da sua existência. Ela já é um novo ator social ao se destacar na esfera pública, denunciando o que sempre foi negado historicamente para as mulheres pobres e reivindicando o seu direito de estudar. Nesta época, a segunda onda do feminismo espalhava nas universidades e nas outras esferas da sociedade alta no Brasil e no mundo. No bairro do Parque São Rafael, as mulheres pobres e migrantes estavam fazendo uma nova história social, onde elas foram os sujeitos dessa nova história de lutas, longe dos grandes centros de conhecimento e dos holofotes. A desconstrução das estruturas culturais de dominação é um longo processo. A feminista e teóloga, Gebara cita uma frase de Bourdieu para enunciar este processo: “*mudar a ordem simbólica, e conseqüentemente mudar as relações na prática, no cotidiano da cultura*” (GEBARA, 2000, p.112).

Os documentos analisados neste capítulo sinalizam claramente essa mudança de mentalidade, que tinha começado no bairro do Parque São Rafael. O grau de consciência social presente nos artigos e nos depoimentos desse meio é de grande valia. Tudo indica que este meio teve um papel fundamental no processo de empoderamento das mulheres e na construção de gênero no Parque São Rafael.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo principal identificar o papel da Igreja Popular na construção e na reconstrução das identidades de gênero, no bairro do Parque São Rafael, na Zona Leste de São Paulo. Foram anos de estudos, de enriquecimento pessoal e profissional. Nesse tempo, destacamos a forma particular de experiência de construção como pesquisador e a “aventura antropológica”, no sentido de mergulhar profundamente nas memórias dos velhos, migrantes e pobres, católicos de um bairro periférico de São Paulo.

Toda pesquisa científica, seja qual for o campo de investigação, é composta de desafios, pois exige um desprendimento e uma postura de respeito e, ao mesmo tempo, distanciamento, para dar conta da complexidade que envolve os sujeitos da pesquisa. Diante da realidade complexa, que a própria periferia urbana e o êxodo urbano apresentavam, buscar as marcas da construção e reconstrução das identidades de gênero, mediante as memórias dos velhos foi um trabalho árduo e de grande valia. Na busca de cumprir os objetivos iniciais do estudo, precisei de recorrer a uma “descrição densa”, a fim de apresentar toda a complexidade, que envolve o contexto, em que estão os interlocutores desta pesquisa. São várias estruturas sobrepostas, muitas vezes entrelaçadas, que decifrá-las e descrevê-las, tarefa nem sempre fácil, mas desenvolvida com muito empenho ao longo das páginas.

Na discussão acerca do espaço da Igreja Popular como o campo de empoderamento das mulheres, entendemos que ele passa por um processo de desconstrução e construção das identidades advindas do trabalho, da pesquisa realizada, tanto da bibliográfica quanto de campo e de documentos coletados. A Igreja Popular se torna um espaço apropriado de surgimento de novos atores sociais, uma vez que este espaço era um dos poucos momentos de sociabilidade no bairro. Neste espaço as mulheres desempenharam um papel revolucionário ao quebrar os paradigmas tradicionais e ao ocupar os espaços sociais que até então, eram ocupados apenas por homens, e reivindicando os seus direitos de cidadania aos poderes políticos, econômicos e religiosos tradicionais vigentes. Vale ressaltar que os líderes da Igreja Popular tiveram uma influência na formação social e religiosa dos moradores do bairro do Parque São Rafael.

A pesquisa também aponta a família e a religião como as principais influências na formação das identidades dos indivíduos. A família e a Igreja Católica formam os espaços de socialização e construção de identidades subjetivas e coletivas dos interlocutores. Geralmente, essas instituições se interligam na forma de pensar e conceber o mundo e sua cosmologia e, no que se refere às relações de gênero, ambas ainda se fundamentam em valores patriarcais e se

retroalimentam, consistindo-se assim, em suportes simbólicos privilegiados na internalização de representações paradigmáticas e estruturantes de identidades de gênero, bem como, muitas vezes, reforçadoras das bases fundamentais da reprodução das desigualdades entre os sexos, que legitimam as diferenças designada pela sociedade de homens e mulheres. Essa combinação das duas instituições na formação das estruturas interiorizadas produz as visões do mundo. A visão exterior e interior é fruto das estruturas interiorizadas e exteriorizadas culturalmente nas instituições nelas produzidas.

Ancorada nas teorias socioantropológicas, que sustentaram as reflexões, foi possível identificar, diante de uma realidade marcada pela instabilidade, e pela insegurança em todos os campos, inclusive com relação à identidade, que deixa de ser entendida como uma construção contínua pois vai sofrendo interferências do contexto cultural, das instituições e, com isso, transformando as pessoas, ao quais são direcionadas a fazerem ou refazerem movimentos diferentes em busca de libertação, de dignidade, da solidariedade, de segurança e de estabilidade. Os velhos interlocutores, nesta pesquisa, demonstraram haver feito um movimento em direção a Comunidade Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Popular, onde encontraram a dignidade e a força para lutar contra as estruturas de dominação e exploração. Observamos como as comunidades da Igreja Popular se transformaram em espaços de construção de novos atores sociais no bairro pobre, principalmente as mulheres. As mulheres são mais vulneráveis numa existência periférica e antropológica numa sociedade excludente. Os espaços da Igreja Popular foram lugares onde elas compreenderam as forças que as empurravam e as mantinham nessa situação de vulnerabilidade e encontraram apoio para lutar contra as estruturas excludentes na sociedade brasileira.

Mesmo nascidos e crescidos numa Igreja Tradicional na zona rural, oriundos de vários estados do Brasil, ao chegarem no bairro do Parque São Rafael, encontraram na Igreja Popular espaços de fraternidade e de justiça social. Numa sociedade rural, os papéis sociais dos indivíduos e grupos são predefinidos e as estruturas mentalizadas e reproduzidas no seu cotidiano. A dominação masculina e a contenção da mulher na esfera privada para procriação, educação dos filhos e trabalhos domésticos eram conceitos dos comportamentos sociais concebidos como se fosse algo natural. Mas, essa realidade muda aos poucos na realidade urbana, as mulheres são as primeiras a quebrar essa lógica do poder interiorizado na formação tradicional rural, mediante a família e a Igreja tradicional. Este processo fez com que, elas saíssem da invisibilidade e, ganhassem visibilidade como líderes populares nos novos campos sociais na cidade.

Todavia, a pesquisa demonstrou que tais mudanças não ocorreram de repente e muito menos de forma tranquila. A tensão e as rupturas que este processo de emancipação provocou são de caracteres familiares, religiosos e sociais. Toda transição ou transformação requer um alargamento de fronteiras de estruturas estruturadas no indivíduo e na sociedade. Essas rupturas são sentidas entre grupos, que frequentaram a mesma igreja, com membros da família, com outros grupos religiosos e entre os próprios moradores do bairro. Mas, percebe-se que são fatos necessários ao processo de alargamento das fronteiras estruturais, criando novos contornos numa história social vista a partir de baixo ou da periferia. As memórias partilhadas nos grupos focais, nas entrevistas e nas histórias de vidas demonstram o fato de que ainda os velhos atores sociais do bairro do Parque São Rafael vivem os efeitos das mudanças que eles produziram. A comparação que eles fazem nas suas falas da situação da sociedade de hoje e daquela que era no início das suas vidas, em São Paulo, revelam como eles são atentos ao passado e ao presente. A memória é sempre social, ela transforma o passado em presente, ou melhor dizendo, o presente atua sobre o passado, tal como o passado em presente, ou melhor dizendo, o presente atua sobre o passado, tal como o passado em presente. Nessa encruzilhada do passado e do presente nas vidas dos pesquisados, abrem-se os campos da construção dos novos atores sociais na Igreja Popular do Parque São Rafael.

A pesquisa evidencia elementos consistentes e convincentes, com os quais os líderes da Igreja Popular tiveram uma participação na formação de novos atores sociais no bairro do Parque São Rafael. Esses novos líderes fomentaram as lutas sociais dos movimentos populares e sindicais pelo país. Este fato social indica que, sem o apoio da Igreja Popular, os movimentos sociais, sindicais e o Partido dos Trabalhadores não teriam tanta influência como tiveram no Brasil. Tudo indica que em muitos lugares, os espaços da Igreja Popular foi o berço dos movimentos sociais e lutas sociais e, conseqüentemente, a transformação social no Brasil.

Não obstante, a pesquisa aponta dados que comprovam que a Igreja Popular tinha sido um espaço, onde as mulheres pobres, com pouca educação, surgiram como atores sociais e conquistaram a sua visibilidade. Historicamente, as religiões são consideradas como instrumentos de controles sociais e comportamentais numa sociedade. A análise da memória e dos documentos comprova o empoderamento das mulheres nos espaços da Igreja Popular. Apesar dos avanços nos pensamentos sociais e as suas participação nas lutas sociais, as falas dos interlocutoras deixavam transparecer, muitas vezes, o seu conservadorismo moral, principalmente relacionado ao comportamento afetivo e sexual dos jovens de hoje.

A pesquisa evidencia também índices suficientes para comprovar a ocupação dos espaços dentro da Igreja Popular pelas mulheres. A maior parte dos líderes das CEBs

(Comunidades Eclesiais de Base) eram mulheres, elas que coordenavam os encontros, interpretavam os textos bíblicos e provocavam as reflexões dos membros. Algumas delas eram Ministras da Eucaristia¹²⁸ e da Palavra¹²⁹ nas comunidades do bairro. Muitas delas também eram pessoas que coordenavam as pastorais na Paróquia São Marcos Evangelista e administravam as finanças nas comunidades. Ocuparam espaços que nunca tiveram oportunidade de ocupar numa Igreja Tradicional ou nos lugares onde moravam antes de vir morar no bairro do Parque São Rafael.

A pesquisa aponta sinais para crer que as comunidades (CEBs), que surgiram na Igreja Popular, foram formadas à luz da Palavra de Deus. As comunidades foram lugares de acolhida, fraternidade, solidariedade e união. As análises da memória e documental, demonstram que foram espaços onde os moradores refletiram sobre as estruturas opressoras na sociedade e viveram a igualdade de gênero. São sinais de que é possível construir comunidades de fraternidade e solidariedade.

Outro dado que a pesquisa revela é a influência dos líderes da Igreja Popular na sociedade. O teórico Weber (2010) já apontava a importância do “carisma” na religião. Os líderes que trazem uma transformação num campo religioso e social, são dotados de carisma e profetismo. A influência desses líderes é evidente na memória e nos documentos. Tais líderes da Igreja Popular como: Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Luciano Mendes, Padre Antônio Meroth e Padre José foram alguns entre muitos líderes que ajudaram na construção da Igreja Popular, em São Paulo e na região zona leste.

Aqui surgem alguns desafios que a pesquisa evidencia para Igreja Católica, isto é, para superar as desigualdades de gênero, é preciso dar passos concretos. Pois, a liderança da Igreja Popular se preocupou de formar as mulheres para as lutas sociais e políticas, enquanto, a participação delas na hierarquia da Igreja, nas instâncias onde as decisões são tomadas, é nula. A igualdade de gênero, sem contestar as diferenças biológicas, só pode ser alcançada quando a mulher tiver acesso a instâncias de poder e de decisão na Igreja Católica.

Outro desafio da Igreja Popular, que a pesquisa aponta, é a sua impossibilidade de dar continuidade à transformação social. As mudanças acontecidas, nas últimas duas décadas dentro da Igreja Católica, têm afetado profundamente o pensamento e os trabalhos da Igreja Popular no bairro. Os líderes conservadores da Igreja Católica têm conquistado poder dentro e fora da Igreja Católica. Com efeito, muitos líderes religiosos da Igreja Popular locais e regionais foram transferidos, alguns deixaram os trabalhos e outros foram controlados por autoridades da

¹²⁸ A pessoa que é escolhida e preparada para auxiliar o sacerdote na missa e distribuir a comunhão para os fiéis.

¹²⁹ A pessoa que é escolhida e preparada para conduzir um culto religioso numa comunidade católica.

Igreja Católica, esses fatos têm enfraquecido a Igreja Popular no Brasil e no bairro de Parque São Rafael. Movimentos conservadores como Renovação Carismática Católica (RCC) e outros tantos movimentos conservadores têm ganho mais apoio e espaço dos líderes locais e regionais da Igreja Católica.

Conquistar a confiança do povo nos líderes leigos é outro desafio da Igreja Popular. Com a chegada de Partido dos Trabalhadores ao poder, na Presidência do país no ano 2002, muitos líderes de movimentos sociais ganharam cargos políticos e outros foram eleitos para exercer a função em várias esferas do poder no país. Este fato fez com que os movimentos perdessem a força no bairro e na região. Os moradores foram tomados por um sentimento tal como; *“o povo conquistou o poder, agora não precisa de lutas”*. A maioria dos líderes populares, que conseguiram algum cargo político se afastaram do bairro, mudaram para os bairros mais conceituados. Fatos como estes e outros fizeram com que esfriassem ou acabassem os movimentos sociais no bairro.

Com o enfraquecimento da Igreja Popular e fortalecimento de uma Igreja mais conservadora, as CEBs também foram morrendo e as poucas que restam, não têm a mesma força. Muitas lideranças têm-se sentido abandonadas da parte da Igreja, os espaços das CEBs, onde eles discutiam os problemas do bairro e partilhavam as suas vidas, foram substituídos por grupos de oração da Renovação Carismática. Será um desafio enorme para a Igreja, resgatar as Comunidade Eclesiais de Base no bairro.

Outro desafio para a Igreja Católica é a presença de muitas igrejas pentecostais, assim tem perdido a sua influência no bairro. A pesquisa demonstra que a presença delas no bairro hoje é muito forte, vários membros de família dos interlocutores estão nas outras crenças religiosas. A convivência de membros, que pertencem a várias crenças, no mesmo espaço familiar, é uma realidade. O universo pentecostal tem um efeito visível no bairro com a presença de inúmeros templos, os estilos de vestimentas e os comportamentos sociais diferenciados no cotidiano dos moradores do bairro.

O grande desafio para a Igreja Católica e para todas as religiões, em vista da construção de novas relações de gênero, é superar o sistema patriarcal e pensar uma religião pós-patriarcal, em que as experiências das mulheres, dos homens, heterossexuais e homossexuais e outros, e todas as gerações, sejam recuperadas e consideradas.

Os desafios apontados pela pesquisa são inúmeros, por isso, não temos a pretensão nem de enumerá-los todos e muito menos de sugerir respostas ou soluções. A temática tratada neste estudo não se esgota aqui, pelo contrário, abre muitas janelas, pelas quais se pode entrar e continuar desenvolvendo investigações futuras sobre a Igreja Popular e a memória dos velhos,

que se confunde coma própria história do bairro, onde foi o palco de tantos atores sociais, que nunca tiveram oportunidade de subir no palco de vida. Acredito que este estudo vá se somar aos que já existem e, assim, contribuir para o alargamento da reflexão crítica sobre o tema em debate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Mauricio. “Combate à pobreza ou nova economia?”. In: Pedro A Ribeiro de Oliveira (org.). *Opção pelos pobres no século XXI*, 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2011.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e Eficácia: O uso da sociologia na Teologia da Libertação*. São Paulo: Ed. Loyola, 1991.

ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico*. São Paulo: Ed. Annablume, 2000.

ÁVILA, Maria Betânia. Cidadania, direitos humanos e direitos das mulheres. In: Cristina Bruschini e Sandra G. Unbehaum (orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2002.

AZEVEDO, Marcello, S.J. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da fé*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: uma manual prático*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos*. (Tradução: Alexandre Werneck). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

_____. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2012.

_____. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo. Vol. 1 Fatos e Mitos*. Trad. Sérgio de Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BEISIGEL, Celso Rui. Cultura do Povo e Educação Popular. In: Edênio Valle – José J. Queiroz (orgs.). *A Cultura do Povo*. 4ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

BENICA, Dirceu; ALMEIDA, Antônio. *CEBs nos trilhos da ação libertadora*. São Paulo: Paulus, 2006.

BERGER, Peter L. *O Dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: 1985.

BERNARDO, Terezinha. *Memória em branco e negro: Olhares sobre São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Ed. Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. 2ª Edição. Belo Horizonte-MG: Ed. UFMG, 2013.

BOFF, Leonardo; RIBEIRO, Lucia. *Masculino e Feminino {experiências vividas}*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BOFF, Leonardo. *Igreja Carisma e Poder*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1981.

_____. *Novas Fronteiras da Igreja: o futuro de um povo a caminho*. Campinas-SP: Ed. Verus, 2004.

BOFF, L; BOFF, C. *Libertação – o teológico das libertações sócio-históricas*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1979.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo. 17ª Edição. Editora Schwarcz. S.A. 2012.

_____. Problemas ligados à cultura das classes pobres. In: Edênio Valle – José J. Queiroz (orgs). *A Cultura do Povo*. 4ª Edição. São Paulo: Cortez editora, 1988.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 7ª Edição. São Paulo: Perspectiva. 2011.

_____. *A dominação Masculina*. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião. In: *Brasil & EUA: Religião e identidade Nacional*. p. 27 - 58. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

_____. A arca de Noé :Apontamentos sobre sentidos e diferenças e respeito da ideia de cultura. In: José Oscar Beozzo (org.). *Culturas e Inculturação: fé cristã, ecumenismo e diálogo inter-religioso*. Curso de Verão, Ano XII. São Paulo: Paulus, 1998.

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500 – 1800*. São Paulo: Ed. Schwarcz Ltda., 1989.

_____. *História e teoria social*. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

_____. (Org). *A escrita da história: Novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BUSIN, Valéria Melki. *Religião, Sexualidade e Gênero*. In: Maria José Rosado e Paula Leonardi (orgs.). *Desigualdades de gênero e religião*. Revistas de estudos da Religião (REVER), Ano 11, Nº. 01 Jan/Jun 2011 ISSN 2236 -580X. p. 105 – 124. São Paulo: Paulinas e PUC-SP, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CARROLL, Elizabeth. Será possível vencer a dominação masculina? In: E. Carrol, R.Laurentin e M. Agudelo (orgs.). *A Mulher numa estrutura eclesial masculina*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1980.

CELLARD, André. *Análise documental. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

CHAUÍ, Marilena. Cultura do Povo e Autoritarismo das Elites. In: Edênio Valle – José J. Queiroz (orgs.). *A Cultura do Povo*. 4ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 1988.

_____. Os Trabalhos da Memória. In. Ecléa Bosi. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 17ª edição, p.17 – 33. São Paulo: Editora Schwarcz.S.A, 2012.

CNBB (texto Base). *Mulher e Homem: Imagem de Deus*. (Campanha da fraternidade 1990 – CNBB, texto base). São Paulo: Ed. Salesiana, 1990.

COMBLIN, José. Viver na Cidade. In: José Oscar Beozzo (org.). *Curso de Verão, Ano VIII, Coleção Teologia Popular*, p. 57 - 66. São Paulo: CESEP – Paulus, 1994.

CRUZ, Maria Isabel Da. *A mulher na Igreja e na Política*. São Paulo: Outras expressões, 2013.

DAMACENA, Andréa; PITTA, Marcelo. Levantamento socioeconômico das grandes Regiões Brasileiras, In: José Oscar Beozzo (org.). *Curso de Verão, Ano VIII*. p. 13 -28. Coleção Teologia Popular, São Paulo: CESEP – Paulus, 1994.

DEBERT, Guita G. Problemas relativos a utilização da história de vida e história oral. In: Ruth Cardoso (Org.). *A aventura antropológica: Teoria e Pesquisa*. São Paulo: Ed. Paz e terra, 1997.

_____. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 2004.

DOIMO, Ana Maria. *Movimento Social Urbano, Igreja e Participação Popular*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1984.

DURHAN, Eunice R. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

_____. Família e reprodução humana, In: *Perspectivas antropológicas da mulher 3*. p. 13 - 44. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1983.

DURKHEIM, Émile. *As formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EAGLETON, Terry. *A ideia de Cultura*. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 3ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERNANDES, Florestan (org.). *Comunidade e sociedade no Brasil*. São Paulo: Companhia editora nacional, editora da Universidade de São Paulo, 1972.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 58ª Edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ed. Paz & Terra, 2014.

FIORINZA, Elisabeth Schussler. *Discipulado de Iguais*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 28ª edição. São Paulo/ Rio de Janeiro. Ed. Paz & Terra, 2014.

_____. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. 41ª Edição. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2013.

FUITEM, Frei Diogo Luís, OFM conv. *Dom Luciano Mendes de Almeida: Uma vida luminosa*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FURLIN, Neiva. *Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico*. *Revistas de estudos da Religião*, Ano 11. N°. **01 jan/jun**. 2011, p. 139 – 164. São Paulo: Paulinas e PUC-SP, 2011.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2000.

_____. *O poder e não – poder das mulheres*. São Paulo: Paulinas, 1991.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. *As origens e a comemoração do dia Internacional das Mulheres*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2002.

- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. 7ª Reimpressão. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *Identidade e diferença*. 14ª Edição, Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.
- _____. Fazendo gênero? A Antropologia da mulher no Brasil. In: Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos, 1992.
- HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Helene Le; SENOTIER, Daniéle (Organizadores). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009.
- JARSCHEL, Haidi. Transformar pedras em pão e rosas... O próprio das feministas. In: José Oscar Beozzo (org.). *Curso de verão – Ano V*, p. 46 – 56. São Paulo: CESEP – Paulinas, 1991.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Carta do Papa João Paulo II às mulheres*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1995.
- JURKEWICZ, Regina Soares. “Dados históricos da elaboração do pensamento feminista”. *Revista Mandrágora*, 1995, ano 2, n.2. p. 9-24. São Bernardo do Campo, SP: Umesp.
- LOBO, Elisabeth Souza. *A classe operária tem dois sexos*, 2ª edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.
- LOPES, Geraldo. *Gaudium et Spes: Texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.
- LUCKMANN, Thomas. *A religião invisível*. São Paulo: Edições Loyola e Olho d’água, 2014.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: Marialice M. Foracchi (org.) *col. Grandes Cientistas Sociais -25*, São Paulo: ed. Ática, 1982.
- MATOS, Maria Izilda S. de; SOLER, Maria Angélica (orgs.). *Gênero em debate: Trajetória e Perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política*. 31ª edição. Volume 1. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia Cultural*. 18ª edição. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2011.

MENEZES, Regina Tavares de. *“Memória em papel: O jornalismo popular e a memória coletiva”*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2002.

NEUENFELDT, Elaine. *Gênero, religião e transformação social*. In: SOTER (org.). *Religião e transformação social no Brasil hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007.

NUNES, Maria José Rosado. Religiões. In: Helena Hirata; Françoise Laborie; Hélène Le Doaré e Danièle Senotier (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

_____. Mulheres e Catolicismo no Brasil: Uma questão de poder. In. *Interfaces do Sagrado em espera de milênio*. São Paulo: Ed. CRE - PUC-SP e Olho d' Água, junho/1996.

_____. A sociologia da religião. In: Frank Usarski (org.). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. CEBs, Carismáticos Católicos e transformação Social. In: SOTER (org.). *Religião e Transformação Social no Brasil Hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. (Org.) *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da Identidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PALMA, José João Lanceiro da. Tese de doutorado: *“Lutas Sociais e Construção do SUS: o movimento saúde da zona leste da cidade de São Paulo e a conquista da participação popular na saúde”*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2013.

PEDRO, Joana Maria. O Feminismo de “Segunda Onda”: Corpo, prazer e Trabalho. In: Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. Movimentos Sociais: Espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: Albertina de Oliveira Costa e Cristina Bruschini (orgs.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1992.

_____. Teoria política feminista, desigualdade social e democracia no Brasil. In: Cristina Bruschini e Sandra G. Unbehaum (orgs.). *Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2002.

PINTANGUY, Jacqueline. Gênero, cidadania e direitos humanos, In: Crsitina Bruschini e Sandra G. Unbehaum (orgs). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2002.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos históricos, vol.5. n. 10, p. 200 – 212. Rio de Janeiro 1992.

PRATES, Lisaneos. *Fraternidade Libertadora*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2007.

REIMER, Ivoni Richter. *Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 14ª reimpressão, São Paulo: Ed. Schwarcz. S.A., 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes – mitos e realidade*. Expressão Popular: São Paulo, 2013.

SANTOS, Beni dos. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina (Conclusões da IIIº Conferência Geral do Episcopado Latino – Americano)*. São Paulo: Paulinas, 1979.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. 2ª edição. São Paulo: Ed, Annablume, 2012.

SANTOS, Vanildes Gonçalves dos. “*Juventude e Gênero na Renovação Carismática Católica em Goiânia*”. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de Iguais*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1995.

SCOOT, Joan. “*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*”. *Revista Educação e Realidade*, 1995, vol.20 n.2. p. 71 – 99. Porto Alegre - RS.

_____. História das mulheres. In: Peter Burke (Org.). *A escrita da história*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SENNETT, Richard. *A Corrosão do Caráter*. 9ª Edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2005.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental* (Tradução de Sérgio Marques dos Reis). In: Organização e Introdução de Otávio Guilherme Velho. *O Fenômeno Urbano*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1973.

_____. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.

_____. *Religião. Ensaios – volume 2/2*, Prefácio Leopoldo Waizbort. São Paulo: Ed. Olho d'água, março 2011.

SORJ, Bila. O feminismo e os dilemas da sociedade brasileira. In: Cristina Bruschini e Sandra G. Unbehaum (Organizadores). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2002.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Cauto. “As CEBs no Brasil: cidadania em processo”. In: CNBB. *CEBs: cidadania e modernidade*. São Paulo: Paulinas, 1993.

TELLES, Sarah Silva. A Categoria Pobre: O que tem dizer a sociologia? In: Pedro A. Ribeiro de Oliveira (org.). *Opção pelos pobres no século XXI*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Paulinas, 2011.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1975.

VIDAL, Vileci Basilio, Pe.; DORNELES, Nelito N, Pe.; COUTINHO, Sérgio Ricardo (Orgs.). *13º Intereclesial de CEBs: Justiça e profecia a serviço da vida*. Juazeiro do Norte: Diocese de Crato –CE, 2013

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. *Democracia e Igreja Popular*. São Paulo: Educ, 2007.

WEBER, Max. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone Editora, 2010.

_____. *Ensaios de Sociologia*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: LTC editora, 2002.

_____. *A Ética Protestante e o “Espírito” do capitalismo*. Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Editora Schwarcz. S.A, 2013.

WEFFORT, Francisco C. Nordestinos em São Paulo: Notas para um Estudo sobre Cultura Nacional e Cultura Popular. In: Edênio Valle - José J. Queiroz (orgs.). *A Cultura do Povo*, 4ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1988.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade de Coleridge a Orwell*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Thomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e diferença*. 14ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

OUTRAS FONTES

Boletim da Paróquia São Marcos Evangelista. “Comunicar” edição número 18, agosto de 1990.

DOCUMENTOS AUDIOVISUAIS

Concílio Vaticano II em prosa e poesia. Verbo Filmes, 2015 – DVD.

SITES

<www.cnbb.org.br>

<www.ibge.com.gov.br>

<<http://gentequeeduca.org.br>>

<<http://serviçokoinonia.org/relat/203p.htm>>

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3055/2333>>

<www.ipea.gov.br/retrato>

<www.biblioteca.presidencia.gov.br/mulheres/igualdade>

<<http://www.universocatico.com.br/index.php>>

<<http://revolucoes.org.br/v1/conferencia/frei-betto>>

<<http://arquiocesedesaopaulo.org.br/historia>>

<<http://www.dompaulo.org.br/index.html>>

<<http://www.gazetasaomateus.com.br/historiado-bairro>>

<<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/dados>>

<www.santuarioweb.com.br/tercobiblico/default.aspx?id=11>

<www.pastoraloperaria.com.br>

<http://www.abcdluta.org.br/materia.asp?id_com>

<www.sistemaunicodesaude.weekly.com/histoacutera.html>

<www.billingsmethod.org/bcomllit/teach/index_pt.html>

<<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>

<www.maxwell.vrac.puc.rio.br/9652/9652_5PDF>

<<http://www.brasilecola.com/historiab/brasil/republica>>

<www.portalvirgula.com.br>

ANEXOS

HISTÓRIAS DE VIDA

Nome	sexo	idade	origem	escolaridade
Belmiro	M	76	Paraná	Quase nada
Bela	F	74	Bahia	Bem pouca
Cícero	M	73	São Paulo	Pouca
Dulce	F	73	São Paulo	Pouca
Telma	F	72	Pernambuco	Pouca
Chico	M	75	Paraná	Pouca

GRUPO FOCAL

Nome	sexo	idade	origem	escolaridade
Maria de Nazaré	F	80	São Paulo	pouca
Rute	F	79	São Paulo	pouca
Martha	F	86	Bahia	pouca
Aparecida	F	77	São Paulo	pouca
Izabel	F	70	M. Gerais	pouca
Clara	F	82	Pernambuco	bem pouca
Lídia	F	82	M. Gerais	pouca
Monica	F	77	M. Gerais	pouca
Paulina	F	78	Bahia	pouca
Tereza	F	89	Ceará	pouca
Madalena	F	76	São Paulo	quase nada
Francisca	F	74	São Paulo	pouca

ENTREVISTAS

Pe. José	Religioso	72 anos de idade
Judite	líder	76 anos de idade
Jeremias	líder	70 anos de idade
Moisés	líder	92 anos de idade